

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da  
Linguagem

Gustavo Cardoso Silveira

***Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para uma nova visão do amor-traição:  
Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional**

DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA  
LINGUAGEM

São Paulo

2023

Gustavo Cardoso Silveira

***Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para uma nova visão do amor-traição:  
Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em atenção à exigência parcial para obtenção do título de doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob orientação da Profa. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda.

São Paulo

2023

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda (Orientadora) – PUC-SP

---

Profa. Dra. Maximina Maria Freire – PUC-SP

---

Profa. Dra. Sandra Madureira – PUC-SP

---

Profa. Dra. Maria Aparecida Caltabiano Magalhães Borges da Silva – PUC-SP

---

Profa. Dra. Leila Cristina Silva

São Paulo, 05 de junho de 2023.

*À Deus, por me fazer sempre um pouco mais forte.  
À minha mãe, pelo constante incentivo e dedicação.  
À querida Sumiko, por, ao longo de tantos anos, sempre acreditar em meu potencial.*

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*This study was financed by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001*

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela força, pela fé e por garantir que houvesse paciência em cada passo da jornada.

À estimada Professora Doutora Sumiko Nishitani Ikeda, pela orientação arguta e sagaz, pela extrema dedicação e por acreditar nos meus devaneios acadêmicos, ou seja, por acreditar em mim.

Aos Professores Doutores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, aqui representados pela querida Professora Doutora Maximina Maria Freire, PUC-SP, pela grande contribuição nas ressignificações construídas no meu processo de amadurecimento acadêmico e linguístico.

À minha família: minha mãe, Maria Alice, pela graça que me foi dada em ser seu filho, pela coragem, pela determinação e por sempre acreditar em mim; minha irmã Monica e sobrinhos Quinha e Dudu, pelos sorrisos, pelos olhares de conforto, pelo calor amigo.

Aos meus amigos de travessia e aos tantos alunos e colegas professores que foram e são fundamentais para minha formação docente e como ser humano.

À amiga Fabiana Pereira, que quando muitos disseram não, esteve lá e disse sim; à querida Eliana de Almeida, gratidão pelo carinho.

Aos colegas de sala, mestrandos e doutorandos, pelo conhecimento compartilhado. Um agradecimento especial à Adriana Baldas e Suzana Montenegro por termos uma jornada compartilhada.

À queridíssima Maria Lúcia, Malu, obrigado pelos abraços e pelos grandes sorrisos dados. À querida e estimada Denise Mendes Gomes pelas conversas sinceras, pelos caminhos mostrados, pelo me conhecer.

Aos queridos companheiros de jornada, que compreenderam as minhas ausências, os meus não e os meus não consigo que foram dados mesmo quando queria ficar mais um pouco. Àqueles que estiveram próximo e respeitaram os meus silêncios, as minhas dores e os meus amores e que dentro de “uma pausa de mil compassos” eu estava lá, esperando o momento certo para retomar a música e ressoar melodias.

Ao universo, ao cosmos, à espiritualidade: GRATIDÃO.

A coisa em si refere-se àquilo que existe independentemente de nossa percepção sensorial. Em outras palavras, é aquilo que realmente e verdadeiramente é. Demócrito deu a isso o nome de matéria; afinal, assim o fez também Locke; para Kant era um *x*; e para mim é *a vontade*.

*Arthur Schopenhauer*

## RESUMO

Significados não são entidades congeladas, mas são gerados e regerados na medida em que são imersos nos processos e estruturas que constituem, de um lado, e, ao mesmo tempo em que são constituídos por eles, de outro lado. Pode-se examinar a língua como discurso, i.e., como texto sob condições sociais de produção e de interpretação, para ser independentemente examinado já que o texto está subordinado a elas; mas essas condições podem também ser reveladas por meio de uma análise linguística, empregando todos os métodos e instrumentos que a disciplina oferece. Assim, ao mesmo tempo em que se presta atenção às estruturas lexicogramaticais do texto, verificam-se certas suposições que, embora não formem parte da estrutura formal do texto, são aspectos de interpretação sub-repticiamente insinuados no discurso. Esta tese de doutorado examina a construção das personagens Capitu, Bentinho e Escobar, do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e o faz, acompanhando o lento processo de acumulação de traços indiciais de comportamentos e de diálogos que tendem a confirmar determinada inferência, ao mesmo tempo em que permitem outra. Nesse contexto, à parte o fato de que um texto reconstrói uma certa versão da realidade, as escolhas estruturais lexicogramaticais podem ser vistas como um transformador lento e discreto de um estilo em outro, ao alimentar a construção de uma metáfora conceptual, global e reveladora. Essa metáfora penetrante e difusa assegura a compreensão do texto em uma certa perspectiva ideológica. A análise tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional, uma proposta teórico-metodológica que relaciona a microestrutura das escolhas feitas no texto à macroestrutura das relações de força e da ideologia no discurso e que envolve as noções de Transitividade e de Avaliatividade, importantes para revelar o posicionamento subjacente de Machado de Assis em relação ao casal Bentinho-Capitu, na sua convivência com Escobar. Para tanto, esta pesquisa responde às seguintes perguntas: (a) o que pode revelar a análise das escolhas lexicogramaticais referentes à descrição do comportamento de Capitu, bem como os de Bentinho e de Escobar? (b) nesse processo, qual é a contribuição da análise da transitividade e da avaliatividade? (c) o que pode revelar a análise da metáfora e sua relação com a metonímia? A análise mostra que as metáforas do lobo, da raposa e do cordeiro têm origem na descrição extremamente detalhista desses animais que acaba superficializando a verdade que se esconde nas profundezas do ser. Poder-se-ia dizer que da reunião de três personagens, cada um carregando o seu perfil característico, só poderia resultar no que alguns ainda não acreditam. Se assim não fosse, Machado não teria escrito *Dom Casmurro*, da forma como o fez.

**Palavras-chave:** Bentinho, Capitu e Escobar. Metáfora conceptual. Linguística Sistêmico-Funcional. Avaliatividade e Transitividade.

## ABSTRACT

Meanings are not frozen entities but are generated and regenerated to the extent that they are immersed in the processes and structures that they constitute, on the one hand, and, while they are constituted by them, on the other hand. One can examine language as discourse, i.e., as text under social conditions of production and interpretation, to be independently examined since the text is subordinate to them; But these conditions can also be revealed through a linguistic analysis, employing all the methods and instruments that the discipline offers. Thus, while paying attention to the lexicogrammatical structures of the text, certain assumptions are verified that, although they do not form part of the formal structure of the text, are aspects of interpretation surreptitiously insinuated in the discourse. This doctoral thesis examines the construction of the characters Capitu, Bentinho and Escobar, from the novel *Dom Casmurro*, by Machado de Assis, and does so, following the slow process of accumulation of indicial traits of behaviors and dialogues that tend to confirm a certain inference, while allowing another. In this context, apart from the fact that a text reconstructs a certain version of reality, lexicogrammatical structural choices can be seen as a slow and discrete transformer of one style into another, by feeding the construction of a conceptual, global, and revealing metaphor. This pervasive and diffuse metaphor ensures the understanding of the text in a certain ideological perspective. The analysis has the support of Systemic-Functional Linguistics, a theoretical-methodological proposal that relates the microstructure of the choices made in the text to the macrostructure of the relations of force and ideology in the discourse and that involves the notions of Transitivity and Appraisal, important to reveal the underlying position of Machado de Assis in relation to the Bentinho-Capitu couple in their coexistence with Escobar. To this end, this research must answer the following questions: (a) what can the analysis of lexicogrammatical choices regarding the description of Capitu's behavior reveal, as well as those of Bentinho and Escobar? (b) in this process, what is the contribution of transitivity analysis and Appraisal? (c) what can the analysis of metaphor and its relation to metonymy reveal? The analysis shows that the metaphors of the wolf, the fox and the lamb originate in the extremely detailed description of these animals that ends up superficializing the truth that hides in the depths of being. It could be said that the reunion of three characters, each carrying their characteristic profile, could only result in what some still do not believe. If this were not the case, Machado would not have written *Dom Casmurro*, the way he did.

Keywords: Bentinho, Capitu and Escobar. Conceptual metaphor. Systemic-Functional Linguistics. Appraisal. Transitivity.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
ACLISF	Análise Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional
LC	Linguística Cognitiva
MGP	Metáfora de Gênero na Publicidade

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Relação Processos/Participantes/Circunstâncias.....	42
Quadro 2 – Metafunção Interpessoal.....	43
Quadro 3 – Modalidade (entre o SIM e o NÃO).....	44
Quadro 4 – Exemplos de Avaliatividade.....	45
Quadro 5 - Recursos de Avaliatividade.....	45
Quadro 6 – Redundância.....	47
Quadro 7 – Meios de ativação da Avaliatividade.....	47
Quadro 8 – Avaliatividade explícita e implícita.....	51
Quadro 9 – Resumo das teorias.....	63
Quadro 10 – Capitu e as metonímias.....	83
Quadro 11 – Bentinho-Escobar e as metonímias.....	98

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
<b>1 MACHADO DE ASSIS e DOM CASMURRO - Panorama histórico e literário</b>	<b>18</b>
1.1 Manifestação estética do realismo .....	18
1.2 O gênero romance.....	21
1.3 O contexto social e histórico da obra e seu autor .....	22
1.4 Schopenhauer e metafísica do amor.....	24
1.5 Abrindo as cortinas: Dom Casmurro .....	26
1.6 O enigma do olhar.....	31
1.7 Sobre o amor .....	33
1.8 Sobre o amor-traição .....	34
1.9 Sobre o simbólico .....	35
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>37</b>
2.1 Linguística Sistêmico-Funcional .....	37
2.1.1 <i>Metafunção ideacional</i> .....	39
2.1.2 <i>Metafunção interpessoal: modalidade</i> .....	42
2.1.3 <i>Metafunção interpessoal e a avaliatividade</i> .....	43
2.1.3.1 <i>Empatia e ética</i> .....	47
2.1.3.2 <i>Os recursos de avaliatividade e sua disposição na narrativa</i> .....	48
2.2 Linguística cognitiva e “compromisso cognitivo” .....	51
2.2.1 <i>Compatibilidades entre a LSF e a LC</i> .....	53
2.2.2 <i>Áreas de interesse comum entre a LSF e a LC</i> .....	54
2.3 <i>Metáfora</i> .....	55
2.3.1 <i>A semântica cognitiva e a metáfora conceitual</i> .....	58
2.3.2 <i>Metáfora e coesão lexical</i> .....	58
2.4 <i>Metonímia</i> .....	60
2.4.1 <i>Construção de estereótipos sociais na representação geral</i> .....	61
2.5 <i>Relação metáfora-metonímia</i> .....	61
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>63</b>
3.1 <i>Dados</i> .....	63
3.1.1 <i>A obra</i> .....	64
3.2 <i>Procedimentos de Análise</i> .....	66
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>69</b>
4.1 <i>Análise de registro – contexto situacional</i> .....	69
4.2 <i>Análise da personalidade de Capitu</i> .....	70
4.2.1 <i>Análise da metáfora de Capitu</i> .....	82
4.3 <i>Análise da relação Bentinho-Escobar</i> .....	85
4.3.1 <i>Análise da metáfora da relação Bentinho-Escobar</i> .....	97
4.4 <i>Discussão geral dos resultados</i> .....	101
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa contempla e traz contribuições para a compreensão da relação entre língua e literatura na obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Embora todos reconheçam a importância da língua no processo de construção de uma obra literária, faz-se necessário um olhar que privilegie a compreensão dessa relação, a partir de uma análise com base na microestrutura das escolhas lexicogramaticais, sem perder de vista o modo como os traços da estrutura superficial do texto comunicam percepções específicas no nível profundo do discurso (LI, 2010).

Machado de Assis é um dos maiores escritores do Brasil e, segundo a opinião geral, se tivesse de citar uma de suas obras para vislumbrar toda maestria que possui com a escrita, *Dom Casmurro* seria com certeza, a obra destacada. O livro apresenta uma narrativa envolvente, do início ao fim, e, além de transitar por diferentes temas que convocam à reflexão, inclui inúmeros detalhes, que permitem diferentes formas de se relacionar com ela.

Muito já se falou sobre *Dom Casmurro* desde que foi escrita em 1899, mas há sempre um posicionamento que espera ser incluído nas várias opiniões que se teceram em torno do livro, em especial sobre Bentinho. Assim, entre outros críticos, Bernardo (2011) afirma que o narrador Bentinho pode não ser digno de confiança; Rouanet (2008) acredita na traição de Capitu; Bosi (2019) ressalta a transformação de Bentinho em *Dom Casmurro*; Caldwell (2002) aproxima Bento Santiago de Otelo; Freitas (2013) fala em paixões humanas ao tratar de *Dom Casmurro* e, para Gledson (2017), a obra é “um estudo da obsessão patológica de Bento e não do adultério de Capitu” (p. 36).

Nesse contexto, enquanto Bentinho é o centro das atenções dos autores literatos, o mesmo não acontece com Capitu, que, apesar de ser uma das personagens femininas mais intrigantes e importantes da literatura brasileira, não tem recebido a atenção devida, a não ser pela dúvida que ela gera no romance: traiu ou não traiu Bentinho? Destarte, a presente tese de doutorado vem apresentar também sua versão sobre o par, dando maior destaque para Capitu, pois sua figura recebe de Machado de Assis uma criação que a coloca no centro do romance.

A hipótese de que os opostos se encontram faz surgir, na vida de Bentinho, a figura de Capitu, a de “olhos de cigana, oblíquos e dissimulados”, jovem segura de si,

que o envolve inteiramente. A literatura tem discutido a hipótese de traição nesse relacionamento por parte de Capitu, mas para que esse ato faça sentido, faz-se necessário uma análise minuciosa da personagem.

A propósito, o trabalho de Mikhail Bakhtin (BAKHTIN, 1992) proporcionou aos teóricos literários e linguistas a consciência da característica profundamente endereçadora dos chamados textos monológicos. Nessa perspectiva, os textos escritos estabelecem, por meio de significados textuais, um diálogo virtual com os leitores, diálogo esse incorporado no texto e com o qual os leitores se relacionam conforme processam o texto.

Nesse contexto, Fowler (1991, p.67), para quem "não há representação neutra da realidade", afirma que não temos como compreender a realidade ou o mundo se não for através da língua (que estrutura e reconstrói a realidade). Contudo, segundo o autor, há uma diferença entre uma linguagem neutra e o que poderíamos chamar de linguagem emocionalmente carregada: esta apela mais para as nossas emoções do que para a nossa parte cognitiva. A linguística crítica fez-nos entender que a realidade não é construída apenas em termos do léxico usado (FOWLER, 1991), mas que a nossa escolha das estruturas linguísticas para representar eventos, processos ou estados é significativa do ponto de vista da ideologia que elas refletem e assim a constituem.

A propósito, Macken-Horarik (2003) apresenta um enquadre para investigar a compreensão responsiva ativa da narração. Ela mostra como os recursos linguísticos para a construção de emoção e de ética são dispostos de maneira específica para cocriar complexos de significados de ordem superior, ou metarrelações, que posicionam os leitores a adotar atitudes específicas em relação aos personagens no decorrer de um texto. Em termos linguísticos, seu estudo apoia-se na pesquisa da semântica avaliativa feita na Linguística Sistêmico-Funcional, chamada *avaliatividade*<sup>1</sup>. Também se liga aos trabalhos dos sistemicistas Jay Lemke (1989, 1992, 1998) e Paul Thibault (1989, 1991), que enriquecem as perspectivas linguísticas do significado interpessoal. Por seu lado, Lemke (1989) ampliou o termo *axiologia*, de Bakhtin, para capturar a complexa orientação de valores de textos e práticas textuais. A análise linguística focaliza os modos pelos quais os recursos da *avaliatividade*,

---

<sup>1</sup> *Avaliatividade* é a tradução de *Appraisal* na Linguística Sistêmico-Funcional.

como afeto e julgamento, suas tendências, suas co-padronizações e suas transformações contribuem para a criação de uma axiologia textual nos leitores.

Esta tese de doutorado examina a construção das personagens Capitu, Bentinho e Escobar, do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e o faz, acompanhando o lento processo de acumulação de traços indiciais de comportamentos e de diálogos que, ao mesmo tempo em que sugerem uma interpretação, outra também parece possível.

Nesse processo, salientamos a importância para a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994) da noção de escolhas. Assim, quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram, fato importante na análise do discurso.

A propósito, seguimos na esteira de Kitis e Milapides (1997), para quem a Análise do Discurso Crítica não precisaria adotar, como ponto de partida, as dimensões sociocognitivas envolvidas em um texto; ao contrário, pode-se também partir do próprio texto, examinando sua estrutura geral como se fosse uma lousa na qual as condições ideológicas se inscrevem em vários níveis. Desse modo, os autores sugerem que, por meio de uma análise apoiada na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994), empregando todos os métodos e instrumentos que a abordagem oferece, podem-se revelar essas condições.

Esse encaminhamento não significa restringir-se a unidades gramaticais como sentenças ou estruturas menores do texto. Ao mesmo tempo em que se devota atenção às estruturas lexicogramaticais do texto, a presente análise considera essas estruturas no enquadre de uma metáfora construída que não só permeia e domina toda a narrativa, mas também forma a espinha dorsal da sua estrutura argumentativa. O que se salienta nessa análise multinivelada é a preponderância de certas suposições de natureza ideológica que, embora não formem parte da estrutura formal do texto, são aspectos de interpretação sub-repticiamente insinuados no subtexto do texto.

Essa metáfora penetrante e difusa assegura a compreensão do texto dentro de uma certa perspectiva ideológica. Esta perspectiva é construída por analogia, i.e., pela relação intertextual entre a metáfora construída, de um lado, e pelas suas interpretações analógicas (em termos de ficções convencionais paralelas, mitos e

paradigmas), de outro. A construção dessa metáfora dominante é originada por mini-metáforas (hoje consideradas como metonímias), como peças de um mesmo quebra-cabeça. Essa relação de que “as metáforas conceptuais precisam necessariamente de metonimizacões subjacentes”, como afirma Taylor (1995, p. 138), é hoje aceita sem discussão. A metonímia envolve a noção de *frame*, um processo cognitivo que permite inferir o conhecimento sobre determinado tema, através da menção de apenas algumas palavras. Essa capacidade é essencial na linguística crítica que se vale em especial da avaliação implícita.

A pesquisa tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional uma proposta teórico-metodológica, de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004) e seus colaboradores. Nesse modelo, a língua é vista, não como um veículo neutro para expressar estruturas mentais pré-existentes, nem como uma expressão direta da realidade material, mas como um recurso que, simultaneamente, reflete e ativamente cria uma realidade. O termo “sistêmico” refere-se à gramática como uma rede de sistemas construída a partir de escolhas paradigmáticas; “funcional”, por sua vez, refere-se à capacidade da língua de construir, simultaneamente, três metas comunicativas – ou metafunções – a saber: ideacional (refere-se à informação), interpessoal (refere-se à interação) e textual (refere-se ao significado advindo da ordem na oração, construindo o texto).

Com sua teoria de contexto construído no seu modelo de linguagem, a LSF, fornece um conjunto poderoso de instrumentos analíticos e explanatórios para o exame do modo como as formas argumentativas de raciocínio são reguladas através do discurso narrativo. Construído como um modelo de relações texto/contexto, o modelo sociossemiótico de discurso, de Halliday, fornece um tratamento integral de como a microsemântica das interações do autor-leitor contribuem para a construção de uma realidade.

A presente pesquisa propõe-se a responder às seguintes perguntas: (a) o que pode revelar a análise das escolhas lexicogramaticais referentes à descrição do comportamento de Capitu, bem como os de Bentinho e de Escobar? (b) nesse processo, qual é a contribuição da análise da transitividade e da avaliatividade? (c) o que pode revelar a análise da metáfora e sua relação com a metonímia?

Esta tese de doutorado insere-se no projeto de pesquisa “Recursos para a realização da persuasão através da avaliação implícita”, sendo parte integrante do

grupo de pesquisa Análise Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional (ACLISF), cadastrado no CNPq, ambos coordenados pela professora Dra. Sumiko N. Ikeda. Cito alguns dos trabalhos feitos pelo grupo: Diálogos entre Dom Quixote e Sancho Pança — uma abordagem Sistêmico-Funcional (2017), *A Missa do Galo*, de Machado de Assis e a avaliatividade implícita sob o enfoque da LSF (2018), A ameaça em *O Ateneu*: análise da avaliatividade sob o enfoque da LSF (2015), *Vidas Secas*: um enfoque Sistêmico-Funcional sob a perspectiva da avaliatividade.

Dito isto e antes de apresentar as teorias que embasam esta pesquisa, faz-se necessário discorrer, mesmo que concisamente, sobre o panorama histórico e literário em que estava inserido Machado de Assis, a fim de revelar as condições de produção em que se deu a criação de *Dom Casmurro*.

## 1 MACHADO DE ASSIS e *DOM CASMURRO* - Panorama histórico e literário

Apresentar um estudo do referido romance e seu autor não é uma tarefa fácil, não apenas pela complexidade de sua obra, mas também pelos estudos realizados há décadas, como os de Bosi (2003; 2019), Caldwell (2002), Candido (1970; 1975), Gledson (2019) e Schwarz (2012; 2015), entre outros. Por outro lado, há um desafio ainda presente no estudo da obra machadiana: solucionar o enigma que paira na narrativa, impulsionados, que somos, pela capacidade de o autor nos tirar da nossa zona de conforto.

### 1.1 Manifestação estética do realismo

O termo realismo “tem sido usado para definir qualquer tipo de representação artística que se disponha a “reproduzir” aspectos do mundo referencial com matizes e gradações que vão desde a suave e inofensiva delicadeza até a crueldade mais atroz” (PELLEGRINI, 2007, p. 137). Podemos inferir, por meio da afirmação da autora, que o realismo pode ser compreendido como um modo de representação da realidade concreta (do cotidiano burguês).

O realismo surge, segundo Williams (1983), no século XIX, apresentando um método e postura em literatura que se encaminha tanto pelo excepcional cuidado na representação quanto pelo compromisso com a descrição da realidade. Como postura, busca mostrar as coisas como realmente são (envolvendo ideologia, mentalidade, sentido histórico) e, como método específico, aceita uma ilusão referencial (personagens, objetos, ações e situações são descritos de acordo com a realidade). Entretanto, Barthes (1964) afirma que:

O realismo não poder ser [...] a cópia das coisas, mas o conhecimento da linguagem; a obra mais 'realista' não será a que 'pinta' a realidade, mas a que, servindo-se do mundo como conteúdo (este mesmo conteúdo é, aliás, alheio à sua estrutura, isto é, ao seu ser), explora o mais profundamente a realidade irreal da linguagem (p. 164, grifo do autor).

Notamos, então, que o realismo se encontra ligado à representação, à verossimilhança, sendo, conforme destaca Mitchell (1990), uma representação da

vida com a sua complexidade social e subjetiva, trazendo a problemática da representação do mundo na ficção, carregando, em si, implicações culturais. Ligado ao gênero romance, o realismo, na literatura, trata de um ideal, sendo “um ideal: o da representação fiel do real e do discurso verídico, que não é um discurso como os outros, mas a perfeição para a qual todos os discursos devem encaminhar-se” (TODOROV, 1984, p. 9).

Aurebach (1976), na tentativa de chegar a um conceito do texto realista, o apresenta como uma construção gradativa que incorpora elementos expressivos com a tentativa de imitação da realidade em que a representação da vida do indivíduo comum é o elemento primordial na composição textual. O romance, segundo Hauser (1988), no período de afirmação do realismo, passa a ser o gênero literário dominante por permitir a expressão, de forma compreensível e profunda, dos problemas culturais e sociais, sendo impossível, a partir de então, caracterizar uma personagem sem, antes, atender à sociedade.

Para Candido (1993), há um conceito de realidade totalmente modificado que inclui, como concretas, reais e representáveis, as profundas tensões e ambivalências da consciência humana:

(...) isso leva a uma conclusão paradoxal: que talvez a realidade se encontre mais em elementos que transcendem a aparência dos fatos e coisas descritas do que neles mesmos. E que aquele realismo, estritamente concebido como *representação da naturalidade do mundo*, pode ser o melhor condutor da realidade (p. 123, grifo do autor)

No campo filosófico, com a influência de Schopenhauer, há uma crítica sistemática à concepção de realidade a qual, segundo Grant (1970), no realismo, não se trata apenas de coisas que envolvem a estabilidade e a concretude, algo que se conhece pela observação e comparação tendo como objetivo documentar, delimitar e definir. Trata-se, contudo, do processo contínuo de obtenção, não permitindo a estabilização do conceito, pois “a realidade está sempre mudando; localiza-se na mente, mas à mercê dos humores e caprichos da mente (...) realidade é completamente atomizada pela extrema subjetividade do ponto de vista” (GRANT, 1970, p. 9). A realidade, então, torna-se fragmentada, dispersa, dentro de um número de subjetividades, não sendo mais uma substância sólida, concreta, exterior ao

sujeito, mas a soma de ilusões que podem ser a descrição de uma realidade (PELLEGRINI, 2007).

Concordamos com Nascimento (2007) quando afirma que no realismo há um comprometimento com o real, ou seja, com a realidade, tornando a literatura viva, fazendo da expressão artística da realidade não só a incorporação de elementos próprios, como também a expressão de problemáticas gerais a partir de um recorte da realidade, comprometido com uma espécie de verdade.

Segundo Lukács (1965), o romancista realista apresenta uma observação do narrador centrada na ação da personagem, especialmente nas suas particularidades, apresentando uma sustentação para a experiência que acompanha a obra. Ao retratar as particularidades, o realista não se limita a descrevê-la, mas, com o uso da descrição, mostrar os mecanismos que são essenciais para a compreensão das ações e intenções, fazendo um recorte do real, selecionando o que é de seu interesse para o desfecho do enredo narrativo.

Carvalho (2010) situa, durante a segunda fase (maturidade, período em que a qualidade da ficção machadiana se eleva) de Machado de Assis, a obra *Dom Casmurro* como parte do realismo interior, ou seja, retomando Moíses (2001), “virado para as manifestações psicológicas, sobretudo aquelas que se dissimulam por trás das aparências, nas paragens sombrias da mente” (p. 24). Carvalho (2010) ainda esclarece que há um predomínio das narrativas de prospecção psicológica, com admirável estudo do caráter e do comportamento, cujo retrato (tanto masculino quando feminino) é íntimo e geralmente as personagens são movidas pelo egoísmo e pelo interesse pessoal, não hesitando em mentir ou praticar fraudes para alcançar seus objetivos.

Machado de Assis desconstrói o amor romântico, mostrando que há, no amor, um lado pragmático e despido de vínculos afetivos. O realismo interior machadiano expressa, nas narrativas, “a feição intimista, a sondagem da memória (...), a retrospectiva (*flashback*) o fluxo da consciência (*stream-of-consciousness*), o simbolismo impressionista, o tempo e o espaço subjetivos” (CARVALHO, 2010, p. 226). Bernardo (2011) declara que o realismo é considerado o ponto mais importante da arte literária pois, por ser um “espelho da vida, da realidade e de si mesmo” (p. 29), permite ao leitor um reconhecimento no processo de leitura ao ter o real como seu objeto de desejo.

## 1.2 O gênero romance

O gênero romance, como enfatizado por Hauser (1988), é a grande expressão do Realismo. Segundo Candido (2006), o romance é um produto do século XIX e tem por objetivo reproduzir os anseios e angústias da sociedade burguesa que, no período, passava por profundas transformações socioeconômicas:

O nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar o país. [...] Assim, o que se vai formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social (CANDIDO, 2006, p. 443).

Como gênero narrativo, segundo Antunes (1998), o romance tem sido teorizado e se buscam diferentes formas e metodologias de análise para sua compreensão em especial a relação entre a realidade e o objeto ficcional. O autor ainda nos informa que o romance é uma literatura típica da sociedade burguesa, representando uma expressão da divisão entre o indivíduo e o mundo que:

(...) representa a máxima expressão artística de uma época, quando mostra as contradições da sociedade sem tentar soluções conciliatórias arbitrarias, quando penetra na essência das relações burguesas e revela o seu caráter histórico, em outras palavras, quando é realista (p. 196).

Bakhtin (1998) destaca o romance como um gênero constituído de uma forma de expressão inacabada, apresentando um ciclo contínuo do homem em constante evolução e os elementos estruturados do gênero: tridimensão linguística e estilística, transformação radical na representação do tempo, e estruturação do elemento da realidade presente (escritor e leitor). O autor ainda nos informa que o romance é uma forma de conhecimento, no qual a personagem passa por um processo de conhecimento de si no momento atual, no contato com as pessoas e suas opiniões, apresentando uma ruptura com o modo fechado e definido. Sob tal enfoque, o romance é uma forma de expressão do mundo inacabado, com uma problemática nova e específica, apresentando traços distintivos de reinterpretação e reavaliação permanentes do tempo presente.

Em Fehér (1972), vemos que o romance se forma na dualidade entre o Eu e o mundo externo, nascendo na comunidade burguesa e buscando representá-la,

centralizando o enredo na tensão dos conflitos que passa no ambiente privado, posto que as personagens estão inseridas em sua esfera íntima. Há uma representação dos valores individuais, incorporando a natureza não fixa da ordem de valores sociais.

### 1.3 O contexto social e histórico da obra e seu autor

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) é considerado, por muitos críticos, como o maior escritor brasileiro. Ao longo de sua vida, passou por diversos gêneros literários, tais como, poesia, romances, crônicas e contos.

Filho mestiço de um mulato com uma lavadeira portuguesa (BOSI, 2019), em 1869, casa-se com Carolina Xavier de Novais (portuguesa) e ascende profissionalmente em cargos públicos, conseguindo estabilidade financeira. Em 1896, funda, juntamente com outros escritores, a Academia Brasileira de Letras, sendo seu primeiro presidente.

Para Arnaud (2006), Machado tinha plena consciência de ser um intruso, descendente de negros e apenas tolerado, embora vivenciasse os prazeres burgueses. Para Machado, a República representava a superação formal do regime anterior – Monarquia. Segundo Romero (1954), Machado de Assis iniciou seus ensaios literários aos 20 anos, assumindo, após 40 anos, depois de 1897, o reconhecimento pelo seu fecundo talento.

Carvalho (2010) refere-se à atividade de Machado de Assis, que, com seu trabalho na imprensa, como cronista, e na literatura, como romancista, vivenciou experiências que envolvem não só o período do Segundo Reinado (1840-1889), mas também os primeiros anos da República (1889-1908, ano de seu falecimento). Para Trigo (2001), “A vida e a obra de Machado de Assis se entrelaçaram intimamente com o crescimento e consolidação de uma nova classe social num Brasil em transição: a burguesia” (p. 67).

As obras de Machado de Assis, tendo aqui o foco em *Dom Casmurro*, tinham como contraponto local a cidade do Rio de Janeiro do século XIX. Lins (1976) nos apresenta uma contribuição importante a respeito da distinção entre espaço e ambientação:

Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa (p. 77).

Ainda de acordo com Lins (1976), ao olharmos a obra machadiana pelo viés da ambientação, podemos perceber o quadro que compõe a cidade, ou seja, as estratégias narrativas, as personagens e as ações constroem no leitor um Rio de Janeiro formado pela conjunção dos mitos urbanos modernos (a cidade ideal e a cidade imoral) com os mitos e obras invocados pelo autor.

Cabe, entretanto, entender também que o Brasil, no decorrer do século XIX, especialmente entre os anos de 1850 e 1900, passava por grandes transformações: o centro econômico se deslocou das velhas áreas agrícolas do nordeste para o centro-sul; o café se tornou o principal produto agrícola do país; o trabalho escravo foi substituído pelo trabalho assalariado dos imigrantes europeus; o dinheiro obtido pela renda do café foi aplicado na industrialização; as cidades se desenvolveram e surgiram novos centros urbanos (CARVALHO, 1990).

Na tentativa de inserir a capital do país no processo de urbanização, medidas foram tomadas, construindo um novo formato para a sociedade, moradores foram expulsos de casarões antigos e empurrados para os morros, iniciando-se um processo de revitalização e embelezamento da cidade que, comentado por Sevckenko (2006):

O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e última. É nesse momento e graças a essa atuação que o Rio se torna, como formulou Gilberto Freyre, numa sociedade 'panbrasileira' (p. 522, grifo do autor).

Segundo Carvalho (1990), os republicanos estavam preocupados com a justificação e legitimação do novo regime, seguindo os modelos existentes nos Estados Unidos e na França (que mais influenciaram os brasileiros). Sendo assim, o maior problema da república brasileira estava relacionado com dois modelos de liberdade: a dos antigos e a dos modernos, ou seja, o contexto do final do século XIX estava permeado por discussões a respeito das ideias do modelo ideal.

Schwarz (2012) afirma que Machado de Assis é um escritor de seu tempo e de seu país, havendo uma alternância, na sua obra, de perspectivas produzidas pelo funcionamento da sociedade brasileira à época. Além disso, afirma que Machado transpõe as relações sociais, compondo sua obra como expressão da sociedade real, dividida, injusta e partidária de homens ricos e brancos: “a ousadia de sua forma literária, em que lucidez social, insolência e despistamento vão de par, define-se nos termos drásticos da dominação de classes no Brasil” (SCHWARZ, 2012, p. 12).

De modo geral, a obra de Machado de Assis vislumbra a problemática sociocultural e humanística, produzindo uma análise crítico-social aprofundada da alma do homem em uma concepção real (SCHWARZ, 2012). De acordo com Trigo (2001), a vida de Machado se integra ao seu ambiente de vida e experiências pessoais, seu meio, seu lugar de observação, a ascensão de classe: quando de seu nascimento, os negros eram tratados como mercadoria; quando de sua morte, já se estabeleciam como cidadão livres. O olhar aguçado de Machado de Assis faz de sua obra um inestimável apanhado de transição do Segundo Reinado ao início da República, sendo que esses acontecimentos marcam “uma mudança da mentalidade quanto ao comportamento” (TRIGO, 2001, p. 70).

#### **1.4 Schopenhauer e metafísica do amor**

Segundo Suelen (2017), Machado de Assis e Arthur Schopenhauer possuem visões de mundo que podem ser relacionadas, destacando elementos que envolvem as concepções de comportamento e caráter, tendo como base a “psicologia empírica” schopenhauriana, ou seja a superioridade da vontade. Nesse enfoque, a vontade se constitui como uma força cega e irracional, sendo a dor um dos principais elementos da vida humana.

Suelen (2017) ainda afirma que é interessante frisar que as motivações fundamentais das ações humanas, segundo Schopenhauer, são “o egoísmo, a maldade e a compaixão. O egoísmo seria o elemento principal do querer-viver, essencial à vontade humana” (SUELEN, 2017, p. 114), a dor o sofrimento “inevitável, enraizado na essência da vida” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 376) e a maldade seria a condição que permite que o fruto do egoísmo atinja o ser humano, sendo “fonte

principal dos males mais graves” (SHOPENHAUER, 2015, p. 689). A compaixão, por outro lado, seria “rara, nobre e benevolente” (SUELEN, 2017, p. 114).

Outra questão interessante, apontada por Dias (2005, p. 385), é o capítulo 44 de *O mundo como representação*, de Schopenhauer (2015), que trata da Metafísica do Amor. Para o filósofo, as questões amorosas desempenham um papel muito importante posto que, para Dias (2005), Schopenhauer apresenta, filosoficamente, a grande trama cósmica: a existência.

Dessa forma, a metafísica do amor de Schopenhauer (2000), parte de toda obra, trata das mais sérias ocupações, às vezes pondo em confusão por momentos até mesmo as maiores cabeças, não se intimidando de se intrometer e atrapalhar com suas bagatelas, as negociações dos homens de Estado e as investigações dos sábios, conseguindo inserir seus bilhetes de amor e suas madeixas até nas pastas ministeriais e nos manuscritos filosóficos, urdindo diariamente as piores e as mais intrincadas disputas, rompendo as relações mais valiosas, desfazendo os laços mais estreitos, às vezes tomando por vítima a vida, ou a saúde, às vezes a riqueza, a posição e a felicidade, sim, fazendo mesmo do outrora honesto um inescrupuloso, do até então leal traidor, entrando em cena, assim, em toda parte como um demônio hostil, que a tudo se empenha por subverter, confundir e pôr abaixo.

Schopenhauer não nega seus predecessores, como um dos poucos que pensaram plenamente nas implicações que o amor tem para a preservação da existência humana (DIAS, 2005). Segundo o filósofo, somente a metafísica da vontade pode dar a chave do grande enigma do amor, que não é nem função do espírito e nem desejo instintivo de unidade, mas é o mais engenhoso artifício da natureza para garantir a preservação da existência.

Para Schopenhauer (2015), a vontade constitui o centro do mundo e o núcleo das coisas, sendo a força que age na natureza e o desejo, a força que move o homem. Entretanto, antes de se objetivar em fenômenos, se exprimindo na multiplicidade dos indivíduos, a vontade se objetiva em formas eternas, imutáveis, não estando localizadas nem no tempo e nem no espaço (DIAS, 2005), representando os modelos e os arquétipos das coisas particulares.

Para Schopenhauer, ainda em Dias (2005), a vontade e o querer viver representam a mesma coisa; ou seja, a vontade de viver é a manifestação fenomenal da vontade no domínio orgânico. A atração de dois indivíduos é a vontade de vida e

se manifesta no impulso sexual. O desejo sexual é o que melhor revela a vontade; dessa forma, os órgãos sexuais são a morada da vontade e o cérebro a morada da representação (DIAS, 2005). O filósofo reduz todos os tipos de amor à sexualidade, posto que o amor, como impulso sexual, é o meio pelo qual a vida irrompe nesse mundo:

Todo enamorar-se, por mais etéreo que possa parecer, enraíza-se unicamente no impulso sexual, e é apenas um impulso sexual mais bem determinado, mais bem especializado e mais bem individualizado no sentido rigoroso do termo (SCHOPENHAUER, 2000, p. 7).

Schopenhauer (2000) afirma, com isso, que todo romance de amor, apesar de ser inconsciente para seus participantes, se concretiza no nascimento de uma criança. Por conta disso, as pretensões amorosas são ilusórias, partes de um estratagema da vontade de perpetuação da existência: quanto maior a paixão, maior ainda é a ilusão. A ilusão do amor é um estratagema biológico, por meio do qual a natureza atinge seus fins.

## 1.5 Abrindo as cortinas: Dom Casmurro

Bernardo (2011) afirma que a literatura de Machado de Assis tem como efeito deixar nos leitores a sensação de que a realidade, em seus diferentes aspectos (históricos, sociológicos, psicológicos e mesmo antropológicos), é apreendida e desnudada. Entre as diversas possibilidades interpretativas de *Dom Casmurro*, cabe discutir “se o narrador Bento Santiago é ou não confiável” (BERNARDO, 2011, p. 66). Pode-se notar, assim, que Machado de Assis era “capaz de fazer mágicas com as palavras e com as ideias” (ibidem, p. 17), ou seja, segundo Gledson (2019), há em Machado de Assis “uma verdade a ser adivinhada pelo leitor cuidadoso e perspicaz”. (p. 19).

O filósofo Rouanet (2008) apresenta *Dom Casmurro* como uma das obras mais enigmáticas dos romances de amor e traição. Segundo Bosi (2019), o interesse de Machado de Assis está na construção das personagens feita a partir de um processo lento de “acumulação de traços indiciais de comportamentos, diálogos, episódios e

comentários psicológicos e morais” (p. 28). Dessa forma, *Dom Casmurro* narra a sua certeza da traição, dando a ela, todo o aspecto de verossimilhança possível.

Além disso, ainda em Bosi (2019), a transformação de Bentinho em Dom Casmurro acontece, de forma definitiva, a partir do trauma sofrido por ele que cria uma realidade em que é traído pela única mulher a quem amou. Retomando Candido (1970):

Dentro do universo machadiano, não importa muito que a convicção de Bentinho seja falsa ou verdadeira, porque a consequência é exatamente a mesma nos dois casos: imaginária ou real, ela destrói a sua casa e a sua vida (p. 25).

Caldwell (2002) faz uma aproximação entre Bento Santiago e Otelo, encontrando pontos comuns entre a obra dos dois grandes autores (Machado e Shakespeare) e mostra, também, que todo texto deve ser interpretado a partir do discurso da personagem. Freitas (2013) afirma que quanto mais adentramos ao solo machadiano, mais os aspectos psicológicos das personagens realçam seu mundo interior, desvelando a intimidade, sendo a vida “falada sob o ângulo do conflito, da ambivalência dos sentimentos, dos mal-entendidos nas relações humanas” (p. 52).

Freitas (2013) vai além e afirma que Machado de Assis foi um autor interessado em relatar as paixões humanas, revelando as intimidades, levantando questões e tornando-as públicas pela voz das personagens. Para ele, *Dom Casmurro* reflete o delírio ciumento de Bentinho, aproximando-se de uma psicose. Nota-se, assim, que o universo íntimo do homem é apresentado de maneira mais aberta, assim como a sua percepção do universo psíquico, quebrando com os padrões da época e apontando personagens que apresentam sujeitos sempre divididos.

Teixeira (1987, p. 212), considera a obra *Dom Casmurro* como “a autopsicanálise de Bento Santiago”. E não é outra a opinião de Freitas (2013):

uma tragédia moderna, na qual o homem balizado por seus valores culturais, preso sempre a um contexto sociopsicológico, julga o outro pela aparência, pela imagem, sempre muito aquém da pessoa (p. 71).

As fantasias de Bentinho, então, “cavam profundos sulcos em sua alma” (ibidem, p. 124), levando-o a se apresentar como vítima, réu e juiz. Freitas (2013) também apresenta Bentinho o como “um homem dividido em sua ambivalência de

sentimentos, dividido entre o conhecido e o desconhecido, não só de si, com também do outro” (p. 71). O narrador autor, Bentinho, constrói o discurso para si mesmo e para o leitor, com uma escolha que possibilita um vai e vem argumentativo, valorizando a obra e propondo uma discussão sobre o aparente e o verdadeiro, sendo a obra narrada pelo olhar de Bentinho não tendo Capitu discurso próprio (FREITAS, 2013).

Freitas (2013, p. 128-133) apresenta, também, algumas características que podem ser atribuídas a Bentinho, tais como: atitude titubeante; tímida, sem iniciativa, comandado pela mulher; frágil; cassado de sua liberdade pela mãe, cativo dos desejos maternos, dominado pela mãe; reprimido; psicologicamente conflituoso, submisso. Carvalho (2010, p. 205), dando continuidade aos atributos apresentados por Freitas (2013), afirma que Bentinho transmuda-se para um “melancólico e desamado Dom Casmurro”. Segundo Gledson (2019):

Do ponto de vista psicológico, Bentinho é apenas um menino mimado, habituado a que lhe façam as vontades, e possui a incapacidade da criança mimada para compreender que os outros têm uma existência independente da sua, de modo que quando eles afirmam sua independência, como é natural na ordem das coisas, essa afirmação lhe parece traição (GLEDSON, 2019, p. 12).

Nota-se, assim, que Bentinho é um homem emocionalmente abalado e inexperiente, ou seja, sintomas que se apresentam a partir “da recusa da mãe superprotetora a deixá-lo crescer normalmente” (CEI, 2015, p. 122). Pujol (1917, p.240) indica Bentinho como uma alma cândida, boa, submissa e confiante, feita para o sacrifício e ternura. Por essa construção apresentada, segundo Schwarz (2012), faz-se impossível não recusar simpatia à personagem de Bentinho, como:

(...) cavalheiro distinto e sentimental, admiravelmente bem-falante, um pouco desajeitado em questões práticas, sobretudo de dinheiro, sempre perdido em recordações da infância, da casa onde cresceu, do quintal, do poço, dos brinquedos e pregões antigos, venerador lacrimoso da mãe, além de obcecado pela primeira namorada... (p. 10).

Importante se faz mencionar, então, que Schwarz (2019), apesar de destacar em Bentinho, como seu próprio nome sugere, o bom moço, também o mostra como um narrador que distorce o que vê, sendo tendencioso, “escrevendo e arranjando a história com a finalidade de condenar a mulher. Não está nela, mas no marido, o enigma cuja decifração importa” (p. 17). Nesse sentido, torna-se relevante destacar a

necessidade de compreensão dos elementos que levam a personagem-narrador a ser quem foi e quem é.

Segundo Gledson (2019), faz-se necessário uma leitura da narrativa para que se descubra os fatos e acontecimentos, buscando a compreensão do narrador, o protagonista Bentinho possui a característica manipuladora de linguagem. Apesar de tentar enganar o leitor com a sua história, ele também é um enganado por não estar ciente de certos significados que compõem a sua narrativa, sendo o romance “um estudo da obsessão patológica de Bento e não do adultério de Capitu” (GLEDSON, 2019, p. 36). O autor também afirma que Bentinho escreve como uma forma de mostrar o seu vazio, como a procurar por seu eu perdido, sua identidade, aquilo que lhe falta, ou seja, ele mesmo, mostrando que o narrador possuiu uma construção intensamente precária de si mesmo.

Ao mesmo tempo, Gledson (2019, p. 48) apresenta Bentinho como produto do seu meio, dispondo de mecanismos de defesa para se proteger de tudo o que ocorre ao seu redor, tendendo a acreditar na verossimilhança e incapaz de compreender a verdade ou a realidade, construindo sua própria versão dela. Em sua narrativa de vida (GLEDSON, 2019), Bentinho relata os fatores que o impediram de ter uma visão realista da vida, “seu parasitismo econômico, a mãe pegadiça que não quer deixá-lo fazer sequer o que é normal para uma criança da sua idade e de sua classe” (p. 92). Como resultado dessa educação sufocante, mostra-se mimado e despreparado para enfrentar o mundo, tendo seu caráter moldado pelas circunstâncias, não conseguindo compreender o mundo e criando suas próprias versões delas (p. 98).

Ao longo da obra, percebemos que Bentinho, muitas vezes, é econômico para falar de si mesmo, mas, em contrapartida, descreve Capitu em detalhes, traçando a sua personalidade, a partir de seu ponto de vista (bem como a de outras personagens), sendo ele o seu grande revelador que, segundo Brait (1985, p. 65) “de forma discreta, vai criando um clima de empatia, apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinando, a figura do protagonista”.

Nessa perspectiva, Moisés (2006), nos indica que a personagem Capitu é dotada de complexidade, ou seja, apesar de ter características, apresentadas pelo narrador (Bentinho), como negativas, também apresenta seus opostos, marcando polêmicas em torno de seu caráter:

Desse modo, dizemos ser Capitu o símbolo acabado da dissimulação, entendendo-se por esse defeito (ou virtude?) a manifestação parcial duma complexa personalidade globalmente conhecida pelo leitor. Tão complexa que despistou Bentinho e todos os leitores de sua história, fazendo-os perplexos diante da existência ou não de um deleito em sua vida conjugal. (p.231)

Ainda em Moisés (2006), temos uma classificação das personagens em plana (depende do ambiente para adquirir individualidade na narrativa, ainda assim relativa) ou redonda (obedece aos impulsos interiores e se coloca à margem ou acima das imposições sociais). O autor conclui que “Capitu é redonda, é símbolo”, posto que “a personagem machadiana supere as limitações sociais e impõe-se enérgica e silenciosa” (p. 231). Por esse motivo, a construção da personagem, na trama, de forma paradoxal e ambígua, apresenta consequências fundamentais.

Schwarz (2015) salienta o brilho da personagem Capitu, bem como sua capacidade para a subversão sendo que “o encanto da personagem se deve à naturalidade com que se move no ambiente” (p. 25), usando manobras delicadas e discretas para alcançar seus objetivos, realizando tudo a que se propõe “como se a intimidade entre a inteligência e o contexto retrógrado comportasse um fim feliz, uma brecha risonha por onde se solucionasse a injustiça de classe e a paralisia tradicionalista” (p. 25).

Segundo Freitas (2010), Machado, cuidadosamente, traça um perfil psicológico da personagem, construído pelo narrador-protagonista. A medida em que a narração segue, essas características se adensam, crescendo, assim, sua complexidade (p. 249-255): afetuosa, alegre, chantagista, corajosa, curiosa, desajuizada, digna, econômica, inesquecível, inteligente, interesseira, irônica, modesta, perspicaz, sedutora, superior e vaidosa. Ao discorrer a respeito das características apresentadas por Machado, a respeito de Capitu, Ribeiro (1996, p. 315) afirma que Capitu “era, em suma, uma mulher superior, seja pela inteligência, seja pela sede de saber, pela capacidade de adaptar-se, pela percepção do jogo social”, sendo assim, retomando Freitas (2010), podemos dizer que, apesar de apresentar Capitu de maneira tendenciosa, Bentinho deixa espaço para a valorização de seu perfil como mulher, esposa e mãe.

Diante desta personagem que supera as limitações sociais e se impõe enérgica e silenciosa, como diz Moisés, torna-se extremamente complexa a compreensão

nítida dos caminhos que escolheu percorrer em sua vida como mulher e como esposa, e que tanto pode sugerir a inclusão de seu papel como amante e mãe. A figura ambígua e deslizante de Capitu, pode sugerir que para ela não havia leis fixas de comportamento, já que ela sempre se deixou guiar por suas próprias regras.

## 1.6 O enigma do olhar

Com isso, Maturana (1997) nota que os olhos do observador possibilitam a busca de uma conduta adequada antes não existente, uma conduta situacional, de forma compatível às possibilidades. Nesse sentido, para a compreensão da personagem Capitu, há, para Bosi (2003, p. 10), uma necessidade crescente de entender o “o olhar machadiano”. Para ele,

*O olhar tem a vantagem de ser móvel (...). O olhar é ora abrangente, ora incisivo. O olhar é ora cognitivo e, no limite, definidor, ora é emotivo ou passional. O olho que perscruta e quer saber objetivamente das coisas pode ser também o olho que ri ou chora, ama ou detesta, admira ou despreza. Quem diz olhar diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento (p. 10)*

Nesse contexto, Gomes (2011) nota que há uma:

*(...) dupla faceta do olhar: revelar e ocultar. O que os olhos revelam só pode ser decifrado por um observador. Mas ele tem de estar pronto para a descoberta. Muitas vezes, o observador apenas encontra o que procura, apenas confirma suas convicções, ficando cego para o que há para ser visto. (p. 86, grifo do autor)*

Dessa forma, o objetivo principal de Machado de Assis é o comportamento humano (BOSI, 2003), representado a partir da palavra, pensamentos, obras e silêncios. Para tanto, ele se vale de tipos representativos da sociedade, sendo, eles, peças-chaves no processo da reprodução social. O autor, assim traz para o plano simbólico esquemas de conduta encontrados na sociedade. De forma original, Machado vê por dentro o que o naturalismo veria de fora.

Capitu, segundo Bosi (2003), nesse processo de representação, é uma personagem densa, verossímil, lutando para obter um lugar melhor no regime paternalista do tempo, ligando as palavras matrimônio e patrimônio. Em Capitu,

pulsam forças intrínsecas à Natureza, há explosões de emoções. Por outro lado, há um Bentinho tímido, maleável. Bosi (2003), ao apresentar o olhar que descobre a pessoa, nos questiona, também, acerca da figura de um observador infatigável cuja existência de outro objeto digno de contemplação é possível. Dessa forma, há personagens, quando vistas por um olhar decifrador, que resistem às suas paixões e tentações a partir das escolhas realizadas pelo narrador que projeta, “sóbria e firmemente” (p. 43), apenas as revelações que trazem suas escolhas de valores e hipóteses.

Há modelos ideias, formado e revelado diante do observador, que tomam forma no passado não só imediato, mas também distante. Por outro lado, os valores que, o penetra e julga, persistem e resistem. Machado de Assis, com seu olhar arguto e sagaz, penetra o objeto e o transcende, segundo Bosi (2003), “o olho que só reflete é espelho, mas o olhar que sonda e perscruta é foco de luz” (p. 48), ou seja, o olhar de Machado não faz um decalque passivo, mas escolhe, recorta e julga as figuras narradas em seus romances, medindo critérios que são culturais e morais, saturados de memória e pensamento.

Temos o olhar-espelho em que a narrativa é construída como um reflexo da realidade já formada e exterior à consciência e o olhar-foco no qual a narrativa se configura em um processo expressivo, vivo, de instituições e lembranças que apreendem estados de alma provocados pela experiência real do narrador (BOSI, 2003). A escolha de olhar-foco, proporcionada por Machado, faz, inquietantemente, que seu olhar passe de conformista, ou convencional, a crítico, sem que haja qualquer impulso de indignação. Entretanto, esse olhar não é maniqueísta, não condena um ou exalta outro; seu olhar admite a diferença, relativizando os juízos de valor.

Bosi (2003) nos mostra que há uma fórmula sinuosa que esconde, mas não de todos, a contradição “entre parecer e ser, entre a máscara e o desejo, entre o rito claro e público e a corrente escusa da vida interior” (p. 84), vivendo a certeza de que é um a ilusão supor a autonomia do sujeito. Em sua escrita, são explicitadas as estruturas profundas das instituições cardiais: matrimônio e adultério, ou patrimônio e logro.

Em Machado de Assis, encontramos um sistema simbólico, reduzido ao mito, ocorrendo uma mistura de luz e sombra no interior das personagens que se divide entre moral e sentimentos, sendo “um compasso que abre a porta aos dois extremos. Um olhar que mede os eternos dois lados de todas as coisas” (BOSI, 2003, p. 131).

## 1.7 Sobre o amor

O termo “amor” envolve uma imensa gama de significados, o que pode ajudar a compreender os sentimentos que prendem duas personagens e que tanto podem ser passageiros ou duradouros, assim como prazerosos ou portadores de sofrimento. Para entendermos essa variedade, citamos três autores que trataram do assunto.

Lee (1974) desenvolveu um trabalho em que descreve estilos de amor e que, posteriormente, foi ampliado e definido por Rosemman (1978), que contempla tipos primários e secundários. De acordo com essa tipologia, os tipos primários são:

*Eros*: Há a busca por um amor ideal, acredita no amor à primeira vista e com o sexo acontecendo no início do relacionamento. Quanto mais o ser amado se aproxima das expectativas físicas, de pele, de fragrância, de cabelo e de personalidade do tipo ideal, mais o amante se convence da atração.

*Ludus*: Nesse tipo de amor, tenta-se minimizar a dependência e o compromisso, tendo em vista um amor de passatempo prazeroso, evitando-se um parceiro possessivo ou ciumento. Em geral, o Ludus envolve simultaneamente um amante e dois parceiros, envoltos em jogo efêmero de muito divertimento.

*Storge*: É o amor que se baseia na confiança por assuntos pessoais, um amor irmão, em que a interdependência se desenvolve de maneira calma e natural. Os amantes aqui são amigos que esperam que seus relacionamentos serão permanentes.

Para Rosemman, os tipos secundários são:

*Mania*: Formado pela combinação de Eros com Ludus. Acredita-se que o ciúme seja um aspecto importante do amar, exigindo a presença do ser amado o maior tempo possível, não se tolerando a separação. Os amantes desse tipo podem tornar-se maçantes para os que são mais autossuficientes;

*Pragma*: Formado pela combinação de Ludus com Storge, é o amor que procura no amante tudo aquilo que julga ser o ideal em um relacionamento.

*Agape*: Formado pela combinação de Eros com Storge, envolve apoio, doação e perdão. Um amante Agape é paciente com o objeto de seu amor, chegando ao masoquismo. Representa o único relacionamento significativo.

Sob uma perspectiva humanista, Pheterson (1981) analisou o amor no campo do real, vendo-o em três dimensões: romântica, consciente e intuitiva. No amor

*romântico*, a ênfase está no outro (Eu amo VOCÊ). O ser amado é idealizado à perfeição para, assim, poder preencher as necessidades que darão sentido à vida. O amor *consciente* deriva da igualdade e autonomia de ambos, sendo o relacionamento experimentado como dádiva e não como obrigação (EU amo VOCÊ), e a ênfase recai na autonomia ou na apreciação do outro. No amor *intuitivo*, a ênfase é colocada no elo entre as duas pessoas (eu AMO você), uma maneira de estar no mundo.

Já O'Grady (1980) propõe que o amor deva envolver seis aspectos, a saber: (1) o parceiro em relação amorosa satisfará à imensa maioria das necessidades afetivas e emocionais; (2) um dos envolvidos estará disposto a sacrificar-se em alto grau pela relação amorosa; (3) do mesmo modo, o parceiro estará disposto a sacrificar-se também, pela relação amorosa; (4) cada indivíduo deverá estar absorvido com o parceiro e a relação; (5) avaliação positiva e generalizada do parceiro amoroso envolve a relação amorosa; e (6) forte crença no alto valor representado pela relação.

Notamos, assim, que a questão do amor perpassa a obra de Machado de Assis: do amor infantil, ao amor adolescente, até o amor adulto. Cada um deles representando, nas vidas das personagens, características específicas e simbolismos que cabem, individualmente, a eles. Uma leitura cuidadosa da obra, conforme propomos aqui, busca compreender como esses amores, ou desamores, se manifestam na obra de Machado de Assis e, também, quais são as significações e representações que eles propõem aos envolvidos.

## 1.8 Sobre o amor-traição

Segundo Carotenuto (2011), a traição é algo intrínseco ao ser humano:

(...) não só em todo o arco de nossa vida a traição está sempre em cena, representando papel de primeiro plano, senão de protagonista, como também foi em virtude de uma traição que o homem foi "posto no mundo". Traição inevitável, traição que era necessário levar até o fim, porque foi somente traindo, violando o pacto original, que o homem, de uma modalidade que era vida, mas inconsciência e indiferenciação, constitui-se como sujeito da história. (p. 13, grifo do autor)

Dessa forma, para Carotenuto, a traição é parte do feminino, posto que ela tenha sido reprimida na história e precisou usar de subterfúgios para conquistar seu direito de amar. Precisamos, assim, identificar o que seria traição:

A traição se nos mostra e se impõe à nossa atenção como antitética e dolorosamente dialética. A linguagem comum dá testemunho preciso dessa antítese dialética dos significados inerentes à área semântica da traição. Dizemos, por exemplo, que o tradutor traiu o pensamento do autor ou que o entrevistador traiu o pensamento do entrevistado, em suma que o deturpou, o falseou. Dizemos também, legitimamente, que um gesto traiu o pensamento oculto de alguém, que o revelou e nos disse a verdade. Portanto, o falso como traição, e a autêntico como traição. Foi justamente essa desconcertante ambiguidade que, de alguma forma, acabou por restituir a esse verbo um pouco de sua neutralidade original. É essa ambiguidade que nos permite afirmar que se pode “trair” sem trair, faltar a um pacto, mas em nome de uma fidelidade mais alta ou mais profunda (2011, p. 26-27, grifo do autor).

Notamos, afirma o autor, só há traição, se houver a coisa traída, o que traz a necessidade da identificação de dois papéis: quem é o traidor e quem é o traído (CAROTENUTO, 2011). Continuando, afirma Carotenuto que, por mais difícil que seja a compreensão, as vidas do traidor e traído se revelam sempre a mesma: “o traído merece ser traído, o traidor é obrigado a trair” (2011, p. 31).

A partir dessa conceituação, percebemos que o significado de traição é algo subjetivo que depende de um ponto de vista a ser comprovado. Entretanto, por mais que haja a subjetividade ligada ao conceito de traição, um olhar cuidadoso se faz necessário, por ser ela o núcleo da narrativa de Bentinho.

## 1.9 Sobre o simbólico

Para Jung (2016) os símbolos são mais do que imagens eternizadas em estátuas, pinturas ou na história, eles adquirem sentido próprio no imaginário de cada um de nós, carregando consigo marcas de uma história milenar que se repetem no cotidiano das pessoas, estando presentes nos sonhos, nos mitos, nas histórias contadas de geração em geração nas diversas culturas existentes, assim sendo, um:

(...) símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua contações especiais além do seu significado evidente e convencional. [...] uma palavra ou uma imagem é um

símbolo quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato (p. 17-18)

Em todo símbolo está sempre presente a imagem arquetípica<sup>2</sup> como fator essencial, trazendo em si a essência de um arquétipo que é uma construção complexa de um sentido que ele evoca e não apenas à imagem.

Sendo assim, o símbolo não é apenas uma representação de uma imagem consolidada e fixa que perdura ao longo dos séculos, ele é uma linguagem universal que extrapola e transcende a existência do sujeito, sendo fragmentos de um inconsciente coletivo.

Esta seção tratou das características do realismo literário e do gênero romance para situar socio-historicamente a obra *D. Casmurro*, de Machado de Assis, o que abriu novos horizontes na apresentação das personagens, poder-se-ia, assim, afirmar que graças às possibilidades assim criadas, os sentimentos do amor o do ciúmes ganharam extrema complexidade na relação Capitu e Bentinho.

Nesse sentido, creio que faz sentido fazer uma parada de reflexão profunda, especialmente, em Capitu, sem dúvida o centro gerador da trama em *D. Casmurro*. Assim, o que nos apaixona no romance não é tanto a existência ou não de traição, mas como é gerada e desenvolvida, seguindo os meandros da alma humana, obscura e cheia de surpresas.

---

<sup>2</sup> “(...) nada mais são do que representações conscientes (...). ... (...) é uma tendência a formar essas mesmas representações de um motivo – representações que podem ter inúmeras variações de detalhes – sem perder sua configuração original” (JUNG, 2016, p. 129).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Traçado o panorama histórico no Capítulo 1, seguem-se os conceitos que apoiam a análise de *Dom Casmurro* a saber: Linguística Sistêmico-Funcional, e a noção de transitividade, que tem a função de representar padrões de experiência por meio de processos (HALLIDAY, 1994, 2004) além da avaliatividade (MARTIN, 2000, 2003), que envolve a análise dos sentimentos e julgamentos do produtor do texto. Ao lado dessa abordagem social da LSF, a análise recorre à contribuição da abordagem cognitivista, enriquecendo-se com a noção de metáfora e sua relação com a metonímia (CHARTERIS-BLACK, 2004). Ambas as análises são feitas sobre o olhar crítico da Linguística Crítica (FOWLER, 1991).

### 2.1 Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional é uma proposta teórico-metodológica de Halliday e Halliday e Matthiessen (1994, 2004) e seus colaboradores. Subjacente à LSF, existem quatro premissas maiores:

- o uso da língua é funcional;
- sua função é construir significados;
- os significados são influenciados pelo contexto social e cultural em que são intercambiados;
- o processo de uso da língua é um processo semiótico, um processo de fazer significado por meio de escolhas (EGGINS, 2004, p. 3).

É por essas razões que a LSF é descrita como "uma abordagem semântico-funcional da língua" (EGGINS, 2004, p. 20), uma teoria que procura entender como as pessoas usam a língua em diferentes contextos sociais, para fazer sentido do mundo e de cada um. Para classificar os tipos e significados que os atores sociais geram, a LSF concebe a língua como a expressão de três metafunções simultâneas: ideacional, interpessoal e textual (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN 2004; MARTIN 2000; MARTIN; WHITE, 2005). Como Martin e White (2005, p. 7)

explicam, "a LSF é "um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso".

Para a LSF, é imprescindível a consideração da inter-relação entre língua e contexto. Os contextos que afetam a língua, para os sistemicistas, são sociais: *gênero* (contexto cultural) e *registro* (contexto situacional). Mais recentemente, a LSF tem abordado o *contexto ideológico*.

O gênero representa os processos sociais em estágios orientados para uma finalidade de uma dada cultura, tais como a narrativa, uma anedota, uma reportagem, um relato, um procedimento etc., e, por isso, são em geral rotulados de contexto de cultura. O registro, por outro lado, refere-se ao contexto de situação (MARTIN, 2000). Na LSF, o registro é organizado por três variáveis contextuais: *Campo* (assunto), *Relações* (status dos interactantes) e *Modo* (organização do texto). Essas três variáveis contextuais de registro são, por sua vez, organizadas pelas metafunções da linguagem (HALLIDAY, 1978).

Há também um terceiro contexto – o *ideológico* – que mais recentemente tem sido abordado pela LSF. A ideologia ocupa um nível superior de contexto, referindo-se a posições de poder, a vieses políticos e a suposições sobre valores, tendências e perspectivas que os interlocutores trazem para seus textos, e que têm chamado a atenção dos sistemicistas, na medida em que, em qualquer registro, em qualquer gênero, o uso da língua será sempre influenciado pela nossa posição ideológica. A análise dos aspectos ideológicos tem sido feita, dentre outros, pela Linguística Crítica (FOWLER, 1991).

O ponto teórico principal na análise de Fowler é de que *qualquer* aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica – seleção lexical, opção sintática etc. – todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e assim diferenças de representação. Desse modo, para Fowler, na medida em que há, sempre, valores implicados no uso da língua, deve ser justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores. Esse é o ramo que se tornou conhecido como Linguística Crítica.

A análise crítica está interessada no questionamento das relações entre signo, significado e o contexto sócio-histórico, que governam a estrutura semiótica do discurso, usando um tipo de análise linguística. Ela procura, estudando detalhes da

estrutura linguística à luz da situação social e histórica de um texto, trazer para o nível da consciência os padrões de crenças e valores que estão codificados na língua – e que estão subjacentes à notícia, para quem aceita o discurso como “natural”. Não é um procedimento que automaticamente produz uma interpretação “objetiva”.

Posto que as instituições estão situadas social, econômica e politicamente, qualquer coisa que é dita ou escrita sobre o mundo é articulada de uma posição ideologicamente particular: a língua não é uma janela límpida, mas um meio de refração e de estruturação, e como consequência a visão do mundo resultante será necessariamente parcial.

Dito isto, a adoção da LSF para a análise de *Dom Casmurro* está atenta às palavras de Fairclough (1992), para quem um método e análise do discurso útil teria de preencher algumas condições mínimas, sendo necessário um método de análise multifuncional. Um bom ponto de partida é uma teoria sistêmica da linguagem (HALLIDAY, 1994) que considera a linguagem como sendo multifuncional, na medida em que os textos representam simultaneamente a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades. Essa teoria de linguagem pode ter aplicações úteis quando combinada à ênfase nas propriedades socialmente construtivas do discurso nas abordagens socioteóricas do discurso. Além disso, seria necessário um método *crítico* para mostrar conexões e causas ocultas no texto, mas presentes no discurso.

Nesse sentido, a análise – em especial – de Capitu, recorre tanto à metafunção ideacional para descrever suas atitudes em relação aos contextos que enfrenta, quanto à metafunção interpessoal, por meio da noção de avaliatividade, que assim constroem sua identidade.

### **2.1.1 Metafunção ideacional**

A LSF considera a língua como sendo estruturada para construir três tipos de significados simultâneos: ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos de *fazer*, *sentir* (processamento simbólico) ou *ser*, por meio do sistema da transitividade; a metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo, e referem-se a dar/pedir informação ou bens & serviços; a metafunção textual organiza os

significados ideacionais e interpessoais de uma oração, trabalhando os significados advindos da ordem das palavras na oração.

A metafunção ideacional, ensina Halliday (1994), tem a função de representar padrões de experiência. As línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade, para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior. Aqui novamente a oração tem um papel central, porque ela incorpora um princípio geral de modelagem da experiência – ou seja, o princípio de que a realidade é feita de processos.

Nossa impressão mais poderosa da experiência, afirma o autor, é de que ela consiste em 'eventos' – *acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se*. Todos esses eventos estão distinguidos na gramática da oração, continua o autor. A oração é também um modo de reflexão, de ordenação da variação infinita do fluxo de eventos. O sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é o da transitividade. O sistema de transitividade constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processo. A análise da transitividade pode, examinando as escolhas feitas no texto referentes a estados de ser, ações, eventos e situações referentes a dada sociedade, mostrar o viés e a manipulação envolvidas nessas representações.

Halliday (1994) sugere que os processos semânticos representados na oração têm potencialmente três componentes: o próprio Processo, que é expresso pelo grupo verbal da oração; os Participantes envolvidos no Processo, realizados pelos grupos nominais da oração; e as Circunstâncias associadas com o Processo, expressas por grupos adverbiais ou preposicionais. Halliday ainda sugere a classificação dos Processos, conforme representem ações, eventos, estados da mente ou estados de ser. Material, Mental e Relacional são os três tipos principais no sistema da transitividade do inglês, referindo-se respectivamente a ações ou eventos do mundo externo, a experiência interna da consciência e os processos que classificam e identificam, respectivamente. Nos limites entre esses eles estão os processos: Comportamental (que representam manifestações de atividades internas), Verbal (relações simbólicas construídas na consciência humana e em estados fisiológicos) e Existencial (processos relacionados à existência, resumidos no Quadro 1) e explicados mais detalhadamente a seguir.

O Quadro 1 apresenta o sistema da transitividade, da metafunção ideacional, que representa os eventos das orações, envolvendo: Processos, Participantes e Circunstâncias.

**Quadro 1 – Relação Processos/Participantes/Circunstâncias**

<b>Processos</b>	<b>Participantes</b>	<b>Circunstâncias</b>
<b>Material</b>	Fabiano <u>vendeu</u> sua casa ao <u>vizinho</u> Ator Meta Beneficiário Ele <u>caminhou</u> pelo sertão. Ator Extensão	devido à seca.
<b>Comportamental</b>	O <u>sertanejo</u> <u>gemia</u> de <u>agonia</u> Comportante Comportamento	enquanto seguia.
<b>Mental</b>	Ele <u>pensava</u> no destino da família. Experienciador Fenômeno	
<b>Existencial</b>	A <u>seca</u> se <u>fazia presente</u> Existente	no nordeste.
<b>Relacional</b>	(a) <b>Atributivo:</b> Ele <u>era</u> um retirante. Portador Atributo O retirante <u>era</u> o João. (b) <b>Identificativo:</b> Identificado Identificador	
<b>Verbal</b>	Sinhá Vitória <u>falou</u> para nós dos horrores da seca. Dizente Receptor Verbiagem	

Fonte: Autor com base em Halliday (1994)

As três metafunções atuam simultaneamente, porque a língua possui um nível intermediário de codificação: a lexicogramática. É esse nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes que entram no texto por meio das orações, mediante escolhas feitas no sistema linguístico. Daí porque Halliday (1994) entender que a descrição gramatical é essencial à análise textual.

Importante para a LSF é a noção de escolhas. Assim, quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram, fato importante na análise do discurso. Em resumo, a LSF procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

### 2.1.2 Metafunção interpessoal: modalidade

A oração, além de informar – metafunção ideacional – está organizada como um evento interativo – metafunção interpessoal – envolvendo falante (ou escritor) e audiência. Os tipos interpessoais fundamentais de papel de fala são apenas dois, para Halliday (1994): dar e pedir informação ou bens & serviços.

Além disso, a metafunção interpessoal abrange os sistemas gramaticais de *mood* (sujeito + finito) e resíduo (predicador + complemento + adjunto circunstancial). O *mood* estabelece as relações entre papéis de falante e ouvinte, por meio de verbos modais ou adjuntos modais e o tempo primário e a modalidade, como ilustra o Quadro 2, a seguir:

**Quadro 2 – Metafunção Interpessoal**

JOÃO PRECISA ESTUDAR A LIÇÃO HOJE		
<i>MOOD</i> <sup>3</sup>		RESÍDUO
Sujeito	Finito	
(a) João	precisa ( <u>modalidade</u> )	estudar      a lição      hoje. (predicador)    (complemento)    (circunstância)
JOÃO ESTUDAVA A LIÇÃO HOJE.		
(b) João	_____ -va <sup>4</sup> ( <u>tempo primário</u> )	estuda-      a lição. (predicador)    (complemento)

Fonte: Autor com base em Halliday (1994)

A modalidade expressa a avaliação dos interlocutores sobre o conteúdo da mensagem, bem como do interlocutor, conforme sinalizado no Quadro (3):

<sup>3</sup> O termo *mood* foi traduzido como Modo (com inicial maiúscula), mas como se confundia com Modo (uma das categorias de registro em início de sentença) decidimos manter o original (*mood*)

<sup>4</sup> -va, sufixo do pretérito imperfeito do Indicativo.

**Quadro 3 – Modalidade (Entre o SIM e o NÃO)**

DAR	PEDIR	Produto	MODALIDADE	
<b>Informação</b>		<b>Proposição</b> → (Informação)	<b>Modalização</b>	<u>Probabilidade</u> (epistêmica): <i>talvez</i>
e.g. São duas horas.	e.g. Quem você viu lá?			<u>Frequência</u> : <i>geralmente, sempre</i>
<b>Bens e Serviços</b>		<b>Proposta</b> → (Bens & Serviços)	<b>Modulação</b>	<u>Obrigação</u> (deôntica): <i>deve, precisa</i>
e.g. Deu-lhe flores.	e.g. Me empresta isso?			<u>Desejabilidade</u> : <i>quero</i>

Fonte: Autor com base em Halliday (1994)

A essas categorias da metafunção interpessoal, somou-se, ao longo do tempo, a noção de avaliatividade, embora o próprio Halliday (1994) já declarava a necessidade de ampliação dessa metafunção que envolvesse a avaliação de pessoas e objetos. Assim, Martin (2000) propôs o que chamou de *Appraisal*, traduzido por avaliatividade, que ampliou o escopo da metafunção interpessoal, como veremos a seguir.

### 2.1.3 Metafunção interpessoal e a avaliatividade

Na LSF, o sistema interpessoal tem sido gramatical em sua base, funcionando no nível da oração, em que *mood* e modalidade servem como pontos de partida para o desenvolvimento de modelos, como os da função de fala, estrutura de troca etc. (HALLIDAY 1984; VENTOLA 1987). A tradição-baseada-na-gramática tem focalizado o diálogo como uma troca de bens & serviços ou informação. O que tendeu a ser omitido pelas abordagens da LSF é a semântica da avaliação – como os interlocutores estão *sentindo*, os *julgamentos* que eles fazem e a apreciação de vários fenômenos de sua experiência. Nos exemplos do Quadro 4, é evidente que, em diálogos como esses, há mais que uma simples troca de bens & serviços ou de informação. Juntamente com modelos baseados-na-gramática, então, precisamos elaborar sistemas lexicalmente-orientados que tratem também desses elementos.

**Quadro 4 – Exemplos de avaliatividade**

<b>AFETO</b> – emoções	
RITA	Eu <u>adoro</u> esta sala. Eu <u>adoro</u> aquela janela. E você <u>gosta</u> também?
FRANK	O quê?
<b>JULGAMENTO</b> – ética (avaliando comportamento)	
FRANK.	E é o seguinte, entre você, eu e as paredes, eu sou na verdade um professor <u>péssimo</u> . Na maioria das vezes, veja, nem interessa realmente – dar aulas <u>péssimas</u> está bem para a maioria dos meus alunos <u>péssimos</u> .
<b>APRECIÇÃO</b> – estética	
RITA	Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu <i>Rubyfruit Jungle</i> ? Você leu esse livro? Ele é <u>fantástico</u> .

Fonte: Martin (2000, p. 144)

Martin (2000; 2005) examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau. Ele se enquadra na tradição da linguística sistêmico-funcional. O sistema de escolhas usado para descrever essa área de significado potencial é chamado avaliatividade.

Na essência, a avaliatividade é um enquadre localizado na Linguística Sistêmico-Funcional, que mapeia os recursos que usamos para avaliar a experiência social (Martin 2000; Martin e White 2005; White 2003). Esses recursos podem se realizar através de várias estruturas gramaticais e do léxico. A análise da avaliatividade é um modo de capturar, de maneira compreensiva e sistemática, os padrões avaliativos globais que ocorrem num texto, num conjunto de textos ou em discursos institucionais, como mostra o Quadro 5:

**Quadro 5 – Recursos de Avaliatividade**

<b>AVALIATIVIDADE</b> ( <i>Appraisal</i> )	Atitude	Afeto	
		Julgamento	
		Apreciação Avaliação Social	
	Engajamento	(a) <b>monoglóssico</b> (sem negociação)	
		(b) <b>heteroglóssico</b> (com negociação)	
	Graduação	(a) <b>Força</b>	<b>Aumenta</b> [ <i>completamente devastado</i> ]
		<b>Diminui</b> [ <i>um pouco chateado</i> ]	
	(b) <b>Foco</b>	<b>Aguça</b> [ <i>um policial de verdade</i> ]	
		<b>Suaviza</b> [ <i>cerca de quatro pessoas</i> ]	

Fonte: Autor com base em Martin (2003).

Explicitando os recursos de avaliatividade, temos:

### **ATITUDE**

O AFETO envolve um conjunto de recursos linguísticos para avaliar a experiência em termos afetivos, para indicar efeito emocional positivo ou negativo de um evento.

O JULGAMENTO envolve significados que servem para avaliar o comportamento humano com referência a normas que regem como as pessoas devem ou não agir.

A AVALIAÇÃO SOCIAL, uma subcategoria de APRECIÇÃO, refere-se à avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais.

### **GRADUAÇÃO**

Envolve um conjunto de recursos para aumentar ou diminuir a intensidade da avaliação.

### **ENGAJAMENTO**

É um conjunto de recursos que capacita o escritor (ou o falante) a tomar uma posição pela qual sua audiência é construída como partilhando a mesma e única visão de mundo ou, por outro lado, a adotar uma posição que explicitamente reconhece a diversidade entre várias vozes.

A avaliatividade não somente permite expressões de significado avaliativo direto ou indireto, mas também explica os modos pelos quais padrões de significado avaliativo se acumulam dinamicamente através do texto.

A análise da avaliatividade tem sido amplamente aplicada à construção dinâmica de significados avaliativos através de um único texto, mas Coffin e O'Halloran (2006) o fazem através de um conjunto de textos.

Uma ligação do sistema da Avaliatividade se faz por meio do conceito de redundância, ilustrado abaixo:

**Quadro 6 – Redundância**

<i>O filme era muito triste.</i>	<i>O filme me comoveu até as lágrimas.</i>
com processo relacional + apreciação	com processo mental

Fonte: Martin (2000, p. 174)

Quando a avaliação está explicitamente realizada, é fácil a análise da atitude em positiva ou negativa em relação a algum evento: (a) Felizmente/Infelizmente, o Brasil desafiou os EUA na ALCA. Mas o que fazer em casos em que a avaliação não está inscrita explicitamente, como em: (b) O Brasil desafiou os EUA na ALCA. Esse fato levou Martin a postular uma distinção importante:

**Quadro 7 – Meios de ativação da Avaliatividade**

<b>Inscrita</b> (explícita)	As crianças atrapalhavam, falando alto durante a missa.
<b>Evocada</b> (implícita) ( <i>tokens</i> 'fatuais')	Ela riu quando ouviu falar sobre o assunto.

Fonte: Autor com base em Martin (1995)

“Falar alto durante a missa” é considerado – ao menos entre cristãos – como ação digno de censura, avaliada como avaliatividade inscrita. Já na avaliatividade evocada, “ela riu” depende de contexto para ser classificada como avaliatividade positiva ou negativa, marcada, então, como *token*.

Martin fala em pareamento do significado *ideacional* com o *interpessoal* presente na avaliação na linguística. Assim, surge um item complicador que é o fato de que o que conta como a avaliatividade depende do campo do discurso. Por isso, significados ideacionais que não usam léxico avaliativo podem ser usados para evocar apreciação, afeto e julgamento.

Nas palavras do autor, toda instituição está carregada com pareamentos do tipo ideacional + interpessoal (avaliação), tanto é que hoje a tendência é a eliminação de diferença entre as duas metafunções quando se trata da avaliatividade. Assim, a

análise pela metafunção ideacional, por exemplo, de “mentiu” como processo verbal, envolve também a metafunção interpessoal via avaliatividade de julgamento negativo.

Toda instituição está carregada com parâmetros do tipo ideacional + avaliação, e a socialização em uma disciplina envolve tanto um alinhamento com as práticas institucionais quanto uma afinidade com as atitudes que se espera que tenhamos em relação a essas práticas. Talvez devesse ser enfatizado que os analistas da avaliatividade deveriam declarar sua posição de leitura – já que a avaliação por evocação depende da posição institucional que se toma ao ler um texto (MARTIN, 2003).

Martin (2003) diz que a expressão de atitude não é simplesmente uma questão de posicionamento pessoal, mas uma questão interpessoal, pois a razão básica de adiantar uma opinião é provocar uma resposta de solidariedade do interlocutor.

Essa afirmação ampara-se na noção de dialogismo, de Bakhtin (1992), que trazemos a seguir, e que foi adotada por Macken-Horarik (2003) por meio dos conceitos de empatia e ética.

### 2.1.3.1 *Empatia e ética*

Como já foi mencionado, o trabalho de Mikhail Bakhtin (1992) proporcionou aos teóricos literários e linguistas a consciência da característica profundamente *endereçadora* dos chamados textos monológicos. Nessa perspectiva, os textos escritos estabelecem, por meio de significados, um diálogo virtual com os leitores, diálogo esse incorporado no texto e com o qual os leitores se relacionam conforme o processam. Assim, mesmo naqueles ditos monológicos, existe uma troca intersubjetiva.

A obra, como a réplica no diálogo, está orientada para a resposta do outro (outros), para a sua [sic] compreensão responsiva ativa, que pode assumir diferentes formas: influência educativa dos leitores, persuasão do tema, respostas críticas, influência em seguidores e sucessores, e assim por diante (BAKHTIN, 1992, p. 76)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> The work, like the rejoinder in dialogue, is oriented towards the response of the other (others), towards his [sic] active responsive understanding, which can assume different forms: educational influence of the readers, persuasion of theme, critical responses, influence on followers and successors, and so on.

Macken-Horarik (2003) apresenta um enquadre para investigar a compreensão responsiva ativa da narração, demonstrada por leitores bem-sucedidos. Ela tenta mostrar como os recursos linguísticos para a construção de empatia e de ética são dispostos de maneira específica para cocriar complexos de significados de ordem superior, ou metarrelações, que posicionam os leitores a adotar atitudes específicas em relação aos personagens no decorrer de um texto. Em termos linguísticos, seu estudo apoia-se na pesquisa da semântica avaliativa feita na Linguística Sistêmico-Funcional, chamada avaliatividade. Também se liga aos trabalhos dos systemicistas Jay Lemke (1989, 1992, 1998) e Paul Thibault (1989, 1991), que enriquecem as perspectivas linguísticas do significado interpessoal.

Os textos constroem modelos hipotéticos de seus destinatários e do mundo discursivo de vozes competidoras, no qual serão lidos. Eles se posicionam em relação a interlocutores reais e possíveis e em relação ao que eles mesmos e os outros possam dizer. Essa visão fundamentalmente dialógica do texto foi introduzida por Bakhtin (1992) juntamente com a noção de heteroglossia: de que todas as vozes sociais divergentes (classes, gêneros, movimentos, épocas, pontos de vista) de uma comunidade formam um sistema intertextual, no qual cada um deles é necessariamente ouvido. Bakhtin, segundo Lemke (1989), mostrou que as relações que os textos constroem juntamente com essas vozes são tanto ideacionais (representativamente semânticas) quanto axiológicas (orientadas a valores) (LEMKE, 1989), ou, em termos da LSF, interpessoais (por meio da avaliatividade).

### *2.1.3.2 Os recursos de avaliatividade e sua disposição na narrativa*

Os leitores, conforme processam uma narrativa, movem-se entre experiências externas e internas. Macken-Horarik. Labov e Waletzky (1967) descobriram que as narrativas orais de experiências pessoais tendem a passar entre significados referenciais (ideacionais<sup>6</sup>) e avaliativos (interpessoais). Enquanto os significados ideacionais tratam da ordem linear dos eventos ou da ação da estória, os significados

---

(BAKHTIN, 1992, p. 76) Tradução nossa.

<sup>6</sup> Pela nomenclatura da Linguística Sistêmico-Funcional, “referencial” equivale à metafunção ideacional e “avaliatividade” inclui-se na metafunção interpessoal.

avaliativos *suspendem a ação* e comentam sobre ela de algum modo (LABOV; WALETSKY, 1967, p. 35). O comentário avaliativo é ritmicamente disperso entre os segmentos referenciais mais focalizados nos eventos da narrativa que se desenrola.

Os participantes são pessoas, lugares e coisas da experiência e são realizados pelo grupo nominal. Processos, por outro lado, representam estados e ações de participantes e são realizados pelo grupo verbal na oração. Nos domínios externos da experiência, tendemos a encontrar participantes (humanos e não-humanos) combinados com processos materiais e de ação.

Em narrativas psicológicas, as experiências desses domínios competidores são refratadas através da consciência do personagem por meio de focalização interna. O termo “focalização” foi desenvolvido por Genette (1980) para capturar a natureza altamente mediada da experiência narrativa. A técnica da focalização interna possibilita ao autor apresentar eventos do ponto de vista de determinado personagem, que pode ser mesmo uma terceira pessoa. A importância de filtrar a consciência na representação de eventos tem sido muito importante na teoria da narrativa (COHN, 1978; BAL, 1985; TOOLAN, 1988). A focalização interna é crucial para a criação de empatia na narrativa e, além disso, para a formação ideológica dos leitores (STEPHENS, 1992).

Naturalmente, as fases da avaliação interna trabalham juntamente com as escolhas de avaliatividade do domínio externo. É aqui que as escolhas de avaliatividade implícita tornam-se coercitivas. Nas fases iniciais da narrativa, uma prosódia de conotações positivas impregna o mundo com valores como prazer, desejo e intimidade. Além disso, nos domínios externos, tendemos a encontrar atitude (afeto, apreciação e julgamento) implícita ritmicamente tecida com atitude explícita. Desse modo, somos persuadidos de que esses significados e as fases em que ocorrem são avaliativas.

Há um determinado número de relações em que uma fase pode entrar com outra fase. A criação de empatia depende da combinação de fases em que uma confirma a outra, que apõe uma a outra e que filtra a experiência através da consciência da personagem. Podemos construir essa relação como uma configuração de metarrelações. Há uma harmonia de escolhas de avaliatividade nesses domínios experienciais que confirmam nossa impressão de seus valores (confirmação). Essas escolhas são contrastadas entre si através de domínios experiências (oposições). E

todas essas escolhas são filtradas através da consciência da personagem (avaliação interna).

A percepção ética é o resultado de um conjunto de relações semânticas (ou metarrelações) com as que cocriam empatia. No caso de julgamento do correto ou do errado de um comportamento, vemos que as avaliações externas são cruciais. Avaliações externas estabelecem um centro alternativo de avaliação, conforme demonstra o Quadro 8:

**Quadro 8 – Avaliatividade explícita e implícita**

<b>Metarrelação</b>	<b>Significado semântico</b>
Confirmação	A fase que cria equivalência com fases anteriores através de escolhas de avaliação semelhantes.
Oposição	A fase que cria um contraste com as fases anteriores através de escolhas de avaliação opostas.
Transformação	A fase que cria uma mudança nos significados das fases anteriores através de uma mutação nas escolhas de avaliação.
Avaliação interna	A fase que projeta as visões interiores e sentimentos de uma personagem.
Avaliação externa	A fase que verbaliza as opiniões e sentimentos de uma personagem.

Fonte: Macken-Horarik (2003, p. 86)

Elas tendem a articular o mundo externo de “deviam” e projeta-o para o mundo interno focalizador dos “queros”. Naturalmente, nem todas as avaliações externamente projetadas são globais em seu alcance; nem todos entram nas relações semânticas através do texto. Para tornar-se “meta-” do significado, precisam se relacionar e harmonizar com as metarrelações em algum lugar no texto.

Outra metarrelação importante para a percepção focaliza a mudança. Uma *transformação* é uma fase que indica uma mudança significativa de experiência. Isso pode ser representado como uma mudança nos valores de avaliatividade em um dos domínios externos.

A categoria como a metarrelação é importante porque possibilita interpretar a co-padronização de escolhas de avaliatividade em certas fases e construir as relações semânticas entre uma fase e outra. Assim, podemos tratar não somente de formas explícitas de avaliação como a avaliatividade inscrita, mas também de escolhas de avaliatividade implícita através de longos trechos do texto. Podemos ver os modos

pelos quais as combinações de escolhas conspiram para criar atitudes específicas no leitor ideal conforme ele processa o texto. Podemos ver, também, como certas configurações de metarrelações coocorrem em diferentes aspectos no posicionamento do leitor. Enquanto a empatia favorece a seleção de confirmações, as oposições e avaliações internas, percepção ética favorece as avaliações externas, internas e transformações, demonstrando a capacidade de ler as metarrelações e isto é um modo de interpretar o apoio linguístico para o seu sucesso.

## **2.2 Linguística cognitiva e “compromisso cognitivo”**

Muitos de nós que lidamos com referenciais da linguística operamos dentro de um modelo único, semeando nosso próprio caminho teórico a fim de buscar uma visão particular e, às vezes, restrita da linguagem (BUTLER, 2013). Isso é compreensível: uma compreensão profunda de um único modelo já é suficientemente difícil de alcançar, se não se tentar familiarizar-se com outras áreas do conhecimento, como a política e a sociologia do empreendimento linguístico, que exercem influências poderosas sobre a linguagem. Assim, a fim de compreender o fenômeno altamente complexo e multifacetado a que chamamos linguagem, devemos ir além de modelos individuais, engajando-nos em diálogos, o que nos ajudará a melhorar a compreensão e integração das muitas facetas da habilidade linguística humana. Para explicar essa integração, Butler (2013) julga que praticantes da Linguística Sistêmico-Funcional e da Linguística Cognitiva poderiam beneficiar-se com um diálogo construtivo com psicolinguistas, bem como entre ambos.

Há mais de três décadas, Michael Halliday se distanciava dos modos psicológicos de explicação nos seguintes termos:

Não estou realmente interessado nos limites entre disciplinas, mas se me pressionassem por uma resposta específica, teria de dizer que para mim a linguística é um ramo da sociologia. A linguagem é uma parte do sistema social, e não há necessidade de interpor um nível psicológico de interpretação. Não estou dizendo que não é uma perspectiva interessante, mas não é necessária para a exploração da linguagem (HALLIDAY, 1978, p. 38-39).

A abordagem cognitiva surgiu, nos anos 1970, como uma reação à abordagem predominantemente formalista, essencialmente chomskyana. Na visão geral do empreendimento da Linguística Cognitiva (LC), Evans, Bergen e Zinken (2007, p. 2) enfatizam a relação próxima entre o desenvolvimento da LC e o trabalho em outras ciências cognitivas, particularmente a psicologia cognitiva, sendo esta especialmente evidente no trabalho da categorização humana. Particularmente influente, quando o movimento ganhou chão dos anos 1980 em diante, foram a Gramática Cognitiva, de Langacker (1987, 1991) e o trabalho de Lakoff e seus colegas sobre a difusão da metáfora na nossa linguagem do dia a dia (LAKOFF; JOHNSON, 1980); e, sobre categorização e Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), embora o trabalho de outros como Taylor, Talmy e Fauconnier também fossem de grande importância.

Essas abordagens orientadas cognitivamente são baseadas no uso, na medida em que enfatizam a importância desse modo no tratamento das propriedades do sistema linguístico e na maneira como ele é adquirido. Isso sugere que a gramática do falante é destilada de um grande número de eventos de uso aos quais o falante é exposto e dos quais participa.

A posição tomada por Halliday e Matthiessen (2004) contrasta fortemente com a representada na caracterização da ciência cognitiva tradicional. Sua abordagem, tanto na teoria quanto no método, está em contraposição à abordagem da ciência cognitiva: nós tratamos a “informação” como significado em vez de como conhecimento, e interpretamos a linguagem como um sistema semiótico, e mais especificamente com a semiótica social, e não como um sistema da mente humana.

Essa perspectiva nos leva a colocar menos ênfase no indivíduo do que seria típico de uma abordagem cognitiva típica; ao contrário de pensar e conhecer, pelo menos como é tradicionalmente concebido, o significado é um processo social, intersubjetivo. Se a experiência for interpretada como significado, sua interpretação se torna um ato de colaboração, às vezes de conflito, mas sempre de negociação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 2).

Não constitui surpresa, em vista dessa posição de orientação fortemente ideológica de muitos trabalhos no modelo de Sydney da LSF e suas ligações com a Análise de Discurso Crítica, a linha tomada por Halliday e Matthiessen serve basicamente para desconstruir o discurso da ciência cognitiva clássica. Sua estratégia é comparar os construtos da experiência no domínio mental, primeiramente no

“modelo popular” empregado na conversa do dia a dia e, em seguida, no discurso da ciência cognitiva. Por meio de uma análise da metáfora gramatical em textos da ciência cognitiva, eles concluem que “enquanto o domínio da teorização científica sobre a cognição é “determinada pela gramática de processos de sentir, o modelo é despersonalizado e o sentir é construído metaforicamente em termos de “coisas” abstratas tais como conhecimento, memória, conceitos” (p.595), e que “[o] “modelo científico” na ciência cognitiva convencional está centralizado na informação localizada na mente do indivíduo” (p. 596). Eles consideram isto como evidência de que a ciência cognitiva é basicamente uma extensão do modelo popular e não uma alternativa científica. Halliday e Matthiessen (2004, p.599) também rejeitam o que eles veem como uma ênfase nos fatores motivadores inconscientes na ciência cognitiva, afirmando que esses processos inconscientes não são espelhados no sistema de tipos de processo na língua.

### **2.2.1 Compatibilidades entre a LSF e a LC**

Ligações interessantes entre a LSF e a LC já foram feitas por estudiosos trabalhando na Bélgica. Particularmente importante aqui, como foi reconhecido por Matthiessen (2007, p. 835), são linguistas associados à Universidade de Leuven e a Universidade de Ghent. Membros do grupo de Leuven de Linguística Funcional estão preocupados em descrever categorias linguísticas em termos de relações forma-função e tentam integrar explicitamente as perspectivas funcional e cognitiva, usando corpora como fontes de dados e adotando uma orientação baseada no uso.

Muito do trabalho inicial de Kristin Davidse, em particular, era fortemente enraizado na LSF (DAVIDSE, 1991). Grande parte desse trabalho preocupava-se com a análise semântica de tipos de construção (alterações transitivas/ergativas, bitransitivas, médias, clivadas etc.) de um modo que, cada vez mais, combinava percepções da LSF e de outras abordagens, incluindo a Linguística Cognitiva.

O trabalho de Davidse e do grupo como um todo também investigou um número de aspectos do significado interpessoal, utilizando-se não somente da LSF hallidayana, mas também da Gramática Cognitiva, de Langacker (1987). Por exemplo, Davidse (1997, 1998), em uma discussão da distinção entre categorias como agente,

paciente e dativo, por um lado, e sujeito, objeto direto e objeto indireto, por outro lado, baseia-se no conceito de Langacker de instanciação de tipo: mas o reinterpreta nos termos da abordagem interpessoal de Halliday sobre o nível sujeito-objeto da organização. Também altamente relevante aqui é o trabalho de Miriam Taverniers, baseado em Ghent, que se apoia no de Davidse e argumenta que cada um dos quatro tipos de propriedade que foram atribuídos à categoria de sujeito (predicação, mood (modo), voz/diátese e tema) podem ser explicados nos termos do conceito de instanciação da Gramática Cognitiva (TAVERNIERS, 2005).

Uma outra área em que tem havido interpenetração fecunda da LSF hallidayana e da Gramática Cognitiva é a da metáfora gramatical. Aqui, novamente o trabalho de Taverniers (2002, 2004, 2006) é central ao ligar esse conceito-chave da LSF hallidayana à Gramática Cognitiva, de Langacker por meio da noção de escopo duplo e fundamentação dupla. Assim também, o trabalho de Liesbet Heyvaert sobre a nominalização como um tipo especial de metáfora gramatical é fortemente funcional-cognitivo em sua natureza (ver, por exemplo, HEYVAERT, 2003a, 2003b), trabalhando no Reino Unido, também faz ligações entre a LSF e a LC nessa área. Ele nota que as duas abordagens diferem consideravelmente, já que a LC se preocupa com as conceitualizações subjacentes às metáforas, enquanto a LSF foca nos aspectos sociais do significado. Todavia, ele sugere que a metáfora gramatical pode ser vista tanto como um modo no qual a linguagem responde à pressão contextual quanto como uma instanciação de conceitualizações derivadas de esquemas de imagens.

### **2.2.2 Áreas de interesse comum entre a LSF e a LC**

As áreas mais óbvias de interesse comum entre LSF e LC são a categorização e o construto, por um lado, e realização, por outro. No que diz respeito à categorização e ao construto, vemos que a LSF tem se interessado principalmente nos modos pelos quais significados são construídos em textos naturais, e não tanto nos processos cognitivos envolvidos. A LC, como se deve esperar, desenvolveu considerações que, afirma-se, seriam psicologicamente plausíveis, apesar de termos visto que há menos confiança no teste dessas afirmações do que seria esperado. As orientações das duas

abordagens são, portanto, complementares, de algum modo. Vimos que a personificação é agora um termo principal não apenas na LSF, mas também na LC e na ciência cognitiva de modo mais geral, e que as primeiras interpretações de categorização e de construto na base de modelos de ciência cognitiva clássicos estão agora sendo reinterpretadas em termos de modelos que se baseiam na incorporação como uma noção central, e que recebem forte suporte empírico da psicolinguística e de outras disciplinas dentro da ciência cognitiva. Parece haver um escopo considerável aqui para um diálogo produtivo.

### **2.3 Metáfora**

A origem etimológica da palavra metáfora vem do grego *meta* = com/depois e *pherein* = carregar; claramente, a noção central de metáfora é aquela na qual os significados são transferidos. A noção de movimento é muito importante na metáfora porque é a possibilidade de movimento e mudança que também cria o potencial para a metáfora de transportar-nos ao evocar respostas emotivas, de acordo com Charteris-Black (2004). Podemos nos lembrar de que movimento (*motion*) e emoção (*emotion*) têm a mesma fonte etimológica e que não surpreende que metáforas servem em geral como transportadores de significados que carregam uma pesada carga.

A metáfora é um conceito relativo que não pode ser definido por um único critério aplicável a todas as circunstâncias, sendo necessário incluir critérios linguísticos, pragmáticos e cognitivos, conforme afirma Charteris-Black (2004). Isso porque não se pode assegurar uma correspondência entre as intenções dos codificadores da metáfora e as interpretações dos decodificadores; elas variam entre indivíduos, de acordo com o contexto em que a metáfora ocorre.

A metáfora é uma figura de linguagem que é tipicamente usada na persuasão; isso porque ela representa um modo novo de ver o mundo que oferece alguma intravisão nova. A meta de Charteris-Black (2004) é demonstrar a importância da metáfora devido ao seu papel no desenvolvimento da ideologia em áreas, tais como, as da política e da religião em que influenciar julgamentos é meta central do discurso. O papel pode ser semântico, referindo-se ao alargamento dos recursos do sistema

linguístico para acomodar mudança no sistema conceitual, mas pode também servir como um recurso estilístico que efetiva certas intenções retóricas dentro de um determinado contexto. Por vezes, é difícil separar o papel semântico da metáfora do seu papel pragmático: o desenvolvimento de um enquadre conceitual pode também envolver escolhas linguísticas.

Assim, há pelo menos três critérios para a definição de metáfora: linguístico, pragmático e cognitivo. Para o critério linguístico, metáfora é uma palavra ou frase que causa tensão semântica por meio de: (a) *reificação* - refere-se a algo que é abstrato, usando palavra ou frase que em outros contextos se refere a algo concreto; (b) *personificação* – refere-se a algo que é inanimado, usando palavra usando palavra ou frase que em outros contextos se refere a algo animado.; e (c) *despersonificação* – refere-se a algo que é animado, usando palavra ou frase que em outros contextos se refere a algo inanimado.

Para o critério pragmático, metáfora é uma representação linguística incongruente que tem o propósito subjacente de influir nas opiniões e julgamento através da persuasão; esse propósito é em geral encoberto e reflete as intenções do falante em certos contextos de uso.

Finalmente, para critério cognitivo, metáfora é causada (e pode causar) uma mudança no sistema conceitual. A base para a mudança conceitual é a relevância de, ou associação psicológica entre, os atributos do referente de uma expressão linguística em sua fonte *original* e aquelas do referente no contexto meta *novo*. Essa relevância ou associação é em geral baseada em alguma similaridade previamente despercebida entre os referentes nesses contextos.

Para ajudar na tarefa de identificar um modo subjacente de pensamento que determina escolhas lexicais, Charteris-Black (2004) fez uso de abordagem semântico-cognitiva da metáfora, que se originou no clássico trabalho de Lakoff e Johnson *Metaphors We Live By*, e modificada mais tarde (e.g. LAKOFF 1987, 1993; LAKOFF; JOHNSON, 1999; LAKOFF; TURNER 1989; JOHNSON 1987). A afirmação básica dessa abordagem é de que as expressões metafóricas são sistematicamente motivadas por metáforas subjacentes (ou conceituais)<sup>7</sup>. A motivação aqui implica que há uma única ideia que explica uma série de expressões metafóricas. Uma metáfora

---

<sup>7</sup> Papel hoje atribuído à metonímia (VELASCO-SACRISTÁN. 2010)

conceitual toma a forma de A é B (e.g. VIDA É VIAGEM). Isso significa que há muitas expressões ou veículos metafóricos (e.g. estar numa encruzilhada, sair do caminho) nas quais um domínio de experiência (e.g. VIDA) é sistematicamente conceituada em termos de outra (e.g. VIAGENS).

A metáfora conceitual representa uma base conceitual, ideia ou imagem que subjaz uma série de metáforas. Não significa que as metáforas possam tomar apenas essa forma (e.g. podemos, falar sobre a vida em outros termos além de viagens) ou predizer formas que ocorrerão. Mas isto sugere que é mais provável que falaremos sobre a vida em termos de viagens do que, digamos, em termos de visitas ao cinema ou ao teatro. Como Lakoff (2002) mostra, tal abordagem pode ser valiosa para identificar a ideologia que subjaz aos sistemas de crenças. A análise da metáfora é em geral, então, uma exploração da subjetividade dos falantes - o que é único para sua percepção do mundo - e forma a base para sua resposta a certas situações e ideias. Esta é em geral um sistema subjacente de valores.

Charteris-Black (2004) passa a considerar o significado de avaliação: Hunston e Thompson (2000, p. 5) definem avaliação como 'um termo de amplo alcance para a expressão da atitude ou posicionamento do falante ou do escritor a respeito, ponto de vista sobre ou sentimentos acerca de entidades ou proposições de que trata'. A metáfora também se relaciona tanto com a articulação de pontos de vista quanto com o modo como nos sentimos a respeito deles; isto talvez explique a relação próxima que existe entre avaliação e metáfora. Na expressão de um sistema de valores parece haver duas alternativas: ou os valores podem ser expressos diretamente – como estão, por exemplo, no código legal, conjunto de preceitos morais ou declarações categóricas sobre o que é bom e o que é mau – ou eles podem ser expressos indiretamente. Quando este último acontece, é em geral através de metáfora; isto porque uma afirmação literal do sistema de valores não leva em conta os sentimentos do receptor: serve mais para a imposição de valores. A vantagem do uso de metáforas – especialmente as que se tornaram convencionais para a expressão de certos pontos de vista – é que levam em conta sistema de valores aceitos na comunidade.

### **2.3.1 A semântica cognitiva e a metáfora conceitual**

O princípio central da semântica cognitiva é de que a linguagem figurativa cria relações entre unidades de significados linguísticos que de outro modo não poderiam ser tratados com referência apenas à sintaxe, gramática e léxico. Charteris-Black (2004) afirma que uma orientação importante para a semântica cognitiva é a sua incorporação à pragmática, que ele chama de análise crítica da metáfora.

Dado que não há total consenso sobre o que seja ou não uma metáfora, ou sobre quanto o uso de uma palavra ou frase possa ser uma metáfora, pode ser que definições de metáfora precise incorporar orientações linguísticas, pragmáticas e cognitivas. O termo “metáfora” pode referir-se a um conjunto de características linguísticas, cognitivas e pragmáticas, todas ou qualquer delas estarão presentes em graus variados. A metáfora não é, então, um fenômeno exclusivamente linguístico, pragmático ou cognitivo. Charteris-Black (2004) sugere que o seguinte possa fornecer critérios para a definição de metáfora. Ou a orientação primária da metáfora é linguística, cognitiva ou pragmática dependerá de fatores presentes no contexto.

### **2.3.2 Metáfora e coesão lexical**

A escolha lexical e a coesão constroem significados no discurso que transcendem os significados referenciais de cada palavra por meio da interação de itens lexicais que se relacionam semântica e pragmaticamente. Para Van Dijk (1988), a escolha lexical é “um eminente aspecto de um texto em que opiniões e ideologias escondidas podem se superficializar” (p. 177). A coesão lexical não é um recurso estável que liga informações no texto; é um processo dinâmico que formata o significado no texto e contribui para a informação geral. Assim, a coesão lexical pode fornecer intravisiões importantes no processo da construção da ideologia do texto.

Essa visão condiz com a teoria conceitual da metáfora, de Lakoff e Johnson (1980). Como um mapeamento ontológico e epistêmico por meio de domínios conceituais (da fonte para a meta), a metáfora não é apenas uma questão de língua, mas também um conceito intimamente ligado ao pensamento e ao raciocínio, que tem consequências sociopolíticas. As metáforas conceituais e a coesão lexical influem em

nossas experiências cognitivas e nos predispõem a ver aspectos da realidade de um certo modo. A análise da coesão lexical neste capítulo enfoca as repetições de itens lexicais relacionadas colocacionalmente que constroem metáforas dominantes que funcionam como temas organizacionais criando um determinado entendimento do evento do bombardeio nos dois jornais.

A análise dos padrões lexicais na representação<sup>8</sup> revela um uso abundante de léxico que gradual, mas consistentemente constrói diversos temas metafóricos que permeia o texto do jornal. Para construir a natureza perigosa e destrutiva dos protestos chineses, o jornal usa uma série de metáforas conceituais relacionadas em que os protestos chineses são descritos em termos de inundação perigosa, fogo violento, animais selvagens que a polícia luta para controlar. Como conceitos no domínio fonte associados com perigo e destruição, essas metáforas constroem e sustentam ideologias presentes nos artigos do jornal que conceitualiza os protestos chineses como destrutivos.

As metáforas conceituais e a coesão lexical influem em nossas experiências cognitivas e nos predispõem a ver aspectos da realidade de um certo modo. A análise da coesão lexical de Li (2010) enfoca as repetições de itens lexicais relacionadas colocacionalmente que constroem metáforas dominantes que funcionam como temas organizacionais criando um determinado entendimento de um evento. A seguir, o exemplo da “metáfora da enchente”, segundo Li (2010), resultante das expressões metafóricas contidas nos itens de 1 a 6:

### **Metáfora da enchente:**

- 1 Protestos irados **irromperam** na cercania de escritórios do governo americano em diversas cidades.
- 2 Os protestos marcaram um extraordinário momento em uma cidade controlada em que **explosões** são normalmente proibidas.
- 3 Um grupo de 50 participantes **invadiram** as linhas da polícia.
- 4 Eles por certo não estavam preparados para essa **onda** de ódio.
- 5 A atual **explosão** de emoção nacionalista.
- 6 Um poderoso **fluxo** de sentimento antiamericano despertou após o bombardeio.

---

<sup>8</sup> No caso, do jornal americano The New York Times sobre os protestos chineses referentes ao bombardeio da Otan à uma embaixada chinesa.

## 2.4 Metonímia

Enquanto as metáforas conceituais estiveram no centro do interesse de linguistas cognitivistas, diz Feng (2017), em especial desde a publicação de *Metaphors we live by* (LAKOFF; JOHNSON, 1980), a metonímia conceptual, como um instrumento fundamental da cognição humana, atraiu a atenção dos pesquisadores somente em data mais recente (BARCELONA, 2000; PANTHER; RADDEN, 1999; PANTHER; THORNBURG, 2004).

Na linguística cognitiva, a metonímia é considerada como sendo “um processo cognitivo que evoca um *frame*<sup>9</sup>, e não meramente uma questão da substituição de expressões linguísticas” (PANTHER; RADDEN, 1999, p. 9). Dessa perspectiva, “uma metonímia consiste em uma estrutura/conceito fonte, que via uma pista no modo comunicativo (língua, imagens, música, som, gesto, etc.) permite ao endereçado da metonímia inferir – com base em seu *frame* - a estrutura/conceito alvo” (FORCEVILLE, 2009, p. 58). O “endereçado” faz a inferência por meio de pistas visuais com base no seu conhecimento cultural bem como no contexto imediato de comunicação. As relações metonímicas incluem parte e todo (e.g. precisamos de mais *mãos* aqui), lugar pela instituição (e.g. a *Casa Branca* declarou guerra), artista pela obra (e.g. Ela gosta de ler *Shakespeare*), etc.

Painter et al. (2013, p. 58) referem-se à natureza parcial da construção do significado visual. É praticamente impossível reproduzir todos os aspectos da realidade tridimensional estática ou em movimento, mas apenas capturar fragmentos (*snapshots*) do processo inteiro. A habilidade de inferir um *frame* inteiro a partir da menção de uma parte apenas do todo torna possível fazer sentido de afirmações aparentemente anômalas e desconexas. Assim, diante da impossibilidade de representar todos os membros de uma categoria em imagens visuais, todas as representações visuais são necessariamente parciais e, portanto, metonímicas. Essa questão está de acordo com a proposta de que “na medida em que não dispomos de outros meios para significar e comunicar nossos conceitos a não pelo uso de formas, a língua bem como outros sistemas de comunicação é necessariamente metonímica

---

<sup>9</sup> De acordo com Minsky (1977, pp. 355), então, um *frame* pode ser considerado uma representação mental do nosso conhecimento de mundo, uma estrutura de dados que está localizada na memória humana e pode ser selecionada ou recuperada quando necessária.

(RADDEEN; KÖVECSEK, 1999, p. 24). Tendo em vista essas considerações, Feng (2017) modela a realização visual da metonímia com base na teoria sociosemiótica de Halliday (HALLIDAY, 1978; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) e na gramática visual inspirada em (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

#### **2.4.1 Construção de estereótipos sociais na representação geral**

Em representações gerais, o membro não significa apenas a categoria, mas pode também envolver um conhecimento estereotipado mais abstrato da categoria. Como Lakoff (1997, p. 79) mostra, “um membro ou uma subcategoria pode significar metonimicamente toda a categoria para o propósito de fazer inferências ou julgamento”. Por exemplo, o estereótipo do vendedor de carro de segunda mão em algumas culturas é eloquente, mas desonesto, mas o estereótipo do médico é confiável. Assim, tem-se a metonímia IDENTIDADE PELO ATRIBUTO ESTEREOTIPADO (DA CATEGORIA). Como Lakoff (1987, p. 79) afirma, os estereótipos são casos de metonímia – em que um membro ou subcategoria tem um status socialmente reconhecível como significado pela categoria toda em geral para objetivos de fazer julgamento rápidos sobre as pessoas. Um gênero que constantemente invoca esse conhecimento estereotipado são os comerciais de TV, Devido ao pequeno comprimento desses comerciais, e o espaço para a elaboração dos atributos do personagem será limitado, eles em geral amparam-se na identidade dos personagens para convidar os espectadores a apressar a conclusão sobre seus atributos. Por exemplo, um médico é percebido como expert e honesto, e seu comentário sobre um produto medicinal usa em geral recursos representativos para atribuir a identidade ficcional do médico aos produtos, em particular, por meio de processos de ação (e.g. checkup médico) e processos analíticos (e.g. traje).

#### **2.5 Relação metáfora-metonímia**

As metáforas conceituais podem ser casos especiais da interação conceitual entre metáfora e metonímia. Velasco-Sacristán (2010) dá ênfase a um tipo de

metáfora ideológica, no caso, a Metáfora de Gênero na Publicidade (MGP), fato que pode ser estendido a outros gêneros.

Em uma abordagem cognitivo-semântica, Velasco-Sacristán descreve e analisa estratégias de padrões conceituais metafórico-metonímico complexos num estudo de caso de 292 MGP, coletados em um corpus de 1610 metáforas de publicidade, presentes em 1142 publicidades publicadas no *British Cosmopolitan*.

A metonímia tem sido considerada, como precedente a todos os tipos e subtipos desse tipo concreto de metáfora conceptual. Prova-se a existência de padrões metonímicos subjacentes à expressão da metáfora, corroborando a visão de Taylor (1995, p. 138), de que “todas as metáforas conceptuais precisam necessariamente de metonimizacões subjacentes”. Essa visão também apoia as ideias de DIRVEN (1993), CROFT (1993), BARCELONA (2000), RADDEN (2000), RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ (2000) e GEERAERTS (2003) da existência de um *continuum* metáfora-metonímia com a noção intermediária de metáforas baseadas em metonímia.

O Quadro 9 é uma tentativa de resumir o meu posicionamento na realização da análise. Basicamente, adotou-se uma tomada de posição crítica que foi possível pelas duas abordagens linguísticas: aquela em que o significado é considerado como inserido em contexto sociocultural como postula a teoria da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), considerando as três metafunções, e a linguística cognitivista.

**Quadro 9 – Resumo das teorias**

LINGUÍSTICA CRÍTICA
<p><b>Contexto sociocultural</b></p> <p>Linguística Sistêmico-Fundamental</p> <p>Modalidade</p> <p>Avaliatividade</p>
<p><b>Contexto Cognitivo</b></p> <p>Metáfora/Metonímia</p>

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa tem o apoio do enquadre analítico da Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004) e mostra que as escolhas lexicogramaticais feitas na estrutura superficial do texto, na sua microestrutura, revela suposições de natureza ideológica na macroestrutura do discurso. Completa a análise o exame do significado advindo do contexto cognitivo, quando recorreremos ao apoio da relação entre metáfora e metonímia.

Egins (1994) explica que o modo como ocorre a construção dos significados depende da interação realizada no dia a dia. Por esse motivo, a análise requer produtos autênticos das interações socioculturais (textos orais ou escritos), levando em conta tanto o contexto cultural quanto o social em que eles ocorrem a fim de entender por que um texto significa o que significa e porque ele é avaliado como é.

Esta pesquisa deve responder às seguintes perguntas: (a) o que pode revelar a análise das escolhas lexicogramaticais referentes à descrição do comportamento de Capitu?; (b) nesse processo, qual é a contribuição da análise da transitividade e da avaliatividade; (c) o que pode revelar a análise da metáfora e sua relação com a metonímia?

A seguir, são apresentados os Dados e Procedimentos de Análise.

#### 3.1 Dados

A obra *Dom Casmurro*, segundo alguns autores (como CARVALHO, 2010; FISCHIER, 2016; SANTIAGO-ALMEIDA, 2016; SOARES, 2020), ao contrário das obras anteriores de Machado de Assis, não teve sua versão original realizada em folhetim, sendo lançada em formato de livro em 1899 e estruturada em 148 capítulos numerados, integrando a trilogia realista do autor (*Memórias póstumas de Brás Cubas*, 1881 e *Quincas Borba*, 1891). O romance estrutura-se em *flashbacks* (estrutura circular: presente-passado-presente), de forma memorialista e autobiográfica.

O corpus de análise desta tese de doutorado é a obra *Dom Casmurro*, de Joaquim Maria Machado de Assis, o Machado de Assis, e faz parte das *Obras*

*Completas de Machado de Assis*, volume I, lançada pela Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, em 1994. Importante se faz mencionar que o texto tem como base a versão original publicada pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, em 1899. Usamos, também, como apoio, a versão de *Dom Casmurro* da Companhia das Letras, 2016.

A presente tese examina os capítulos que tratam:

- (a) da personalidade de Capitu: capítulos 3 (A denúncia), 11 (A promessa), 12 (Na varanda), 13 (Capitu), 14 (A inscrição) e 15 (Outra voz repentina)
- (b) da amizade entre Bentinho e Escobar: capítulo 56 (Um seminarista), 65 (A dissimulação), 71 (Visita de Escobar), 78 (Segredo por segredo), 95 (O papa), 96 (Um substituto), 98 (Cinco anos), 104 (As pirâmides), 106 (As libras esterlinas).

### **3.1.1 A obra**

Na obra *Dom Casmurro*, o leitor acompanha as memórias de Bento Santiago que reconstitui os fatos da sua vida desde sua infância até a vida adulta. Ao longo da narrativa, somos apresentados à eventos pueris, tais como: saída do seminário, formatura em Direito, casamento com Capitu e, então, o término de sua vida afetiva. Dessa forma, notamos, que o projeto do narrador-personagem é, segundo ele, “atar as duas pontas da vida” (ASSIS, 2016, p. 82).

O narrador inicia seu projeto apresentando sua infância, no casarão da Rua de Matacavalos. O primeiro fato mencionado a respeito de sua vida trata de seu primeiro motivo de preocupação, já na adolescência: escutar uma conversa entre José Dias e dona Glória a respeito de sua ida para o seminário, fato importante para a mãe por ser o cumprimento de uma promessa feita antes do seu nascimento. Nessa conversa, dona Gloria toma conhecimento da amizade próxima entre Bento e Capitu.

Bento, furioso com José Dias por tê-lo exposto não somente à sua mãe, mas a si mesmo, conta a situação a Capitu. Capitu o ouve atentamente e já começa a elucubrar um plano para que Bento não seja enviado ao seminário, entretanto todos fracassados. Bento vai para o seminário, mas antes de ir, despede-se dela com um beijo que sela a promessa de casamento futuro.

Já no seminário, Bento é apresentado a Escobar e entre eles se firma uma amizade, levando-o à construção de contato familiar. Capitu, nesse interim, aproxima-se de dona Glória que, com o tempo, muda sua opinião a seu respeito e passa a aceitar a relação entre Bento e Capitu. Há, entretanto, um problema a ser resolvido: a promessa feita. Escobar, já íntimo da família, apresenta uma solução, enviar um escravo ao seminário e ordená-lo padre ao invés de Bento, pois a mãe havia prometido um menino e não necessariamente seu filho.

Bento, livre de cumprir a promessa de sua mãe, torna-se doutor em direito. Após sua formatura, e retorno para o Rio de Janeiro, ocorre o tão esperado casamento entre Bento e Capitu, enquanto Escobar casa-se com Sancha, antiga amiga de Capitu. Bento e Capitu vivem uma vida de felicidade que passa a ser abalada pela demora do casal em ter um filho.

Depois de alguns anos, Capitu finalmente engravida e tem um filho e, seguindo o modelo de Escobar e Sancha, que batizam sua filha de Capitolina, nomeiam seu único filho de Ezequiel. A amizade entre os casais se intensifica e Bento passa a notar certa semelhança entre seu filho e o amigo Escobar cujo final trágico é afogar-se em uma de suas aventuras no mar.

Bento é assombrado pela figura do amigo que vê, constantemente, em seu filho. Por esse motivo, convence-se da traição de Capitu. Levado por suas emoções, decide-se, inicialmente, se suicidar, mas muda de opinião e decide matar Ezequiel, desistindo no último instante, mas antes diz à criança que não é seu pai. Capitu ouve e lamenta o ciúme de Bento que, segundo ela, fora despertado pela causalidade da semelhança.

O casal acaba passando por inúmeras discussões e decidem se separar. A família vai para a Europa e, para encobrir a situação familiar e evitar polêmicas, fica decidido que Capitu e o filho permaneçam na Europa, onde mais tarde morre a mulher. Ezequiel busca contato com o pai, mas é rejeitado por ele, diante da constatação da semelhança extrema entre ele e Escobar. Ezequiel tem um final triste, morrendo de febre tifoide durante uma pesquisa arqueológica.

Triste e nostálgico, Bento busca se aproximar novamente de sua infância, construindo uma casa que imita a da Rua de Matacavalos como uma tentativa de recuperar o sentido da sua vida.

### 3.2 Procedimentos de Análise

A análise de *D. Casmurro* responde às seguintes perguntas: (a) o que pode revelar a análise das escolhas lexicogramaticais referentes à descrição do comportamento de Capitu?; (b) nesse processo, qual é a contribuição da análise da transitividade e da avaliatividade; (c) o que pode revelar a análise da metáfora e sua relação com a metonímia?

Para tanto, a análise adota os seguintes passos:

- (a) *Dom Casmurro* é examinado quanto ao gênero - nos seus itens: campo (assunto), relação (interação entre os personagens) e modo (organiza os significados ideacionais e interpessoais, advindos da ordem das palavras), em conformidade com Goatly (1997) para evitar a subjetividade da análise.
- (b) Transcrição de capítulo que julgarmos contribuir para a realização dos nossos objetivos, indicando em tipo ARIAL 11 os trechos selecionados para análise e o restante em tipo ARIAL 9 para servir de cotexto à análise, conforme determina a LSF, ou seja, em qualquer análise que aspire revelar complexas ideologias e versões da realidade, deve-se prestar atenção ao cotexto do texto.
- (c) Os capítulos não analisados, permanecem em seus lugares apenas com o título, que de alguma maneira servem como cotexto.
- (d) Cada trecho selecionado será examinado por meio da aplicação da análise das metafunções, com enfoque na avaliatividade (metafunção interpessoal). Por outro lado, a análise via transitividade (metafunção ideacional) torna possível a verificação dos processos de maior ocorrência para cada um dos participantes, no caso Capitu e Bento - e, conseqüentemente, compreender melhor a relação do casal.
- (e) Segue-se o Comentário sobre a análise do item (d).
- (f) Feito isso, segue-se a extração da metonímia (ou expressão metafórica) da análise feita, com base no fato de ser a metonímia, na linguística cognitiva, um processo cognitivo que evoca um *frame*<sup>10</sup>, um fenômeno em que cada termo

---

<sup>10</sup> De acordo com Minsky (1977, pp. 355), então, um *frame* pode ser considerado uma representação mental do nosso conhecimento de mundo, uma estrutura de dados que está localizada na memória

escolhido desencadeia uma rede ampla de associações prototipicamente presentes nessa escolha. É nesse sentido que “todas as metáforas precisam necessariamente de metonimizacões subjacentes”, conforme afirma Taylor (1995, p. 138) além de outros estudiosos como já mencionamos anteriormente.

A presente análise segue o exemplo da “metáfora da enchente”, de Li (2010), aqui repetido a título de esclarecimento, em que os itens negritados (metonímias) dão origem à metáfora.

#### Metáfora da enchente:

- 1 Protestos irados **irromperam** na cercania de escritórios do governo americano em diversas cidades.
- 2 Os protestos marcaram um extraordinário momento em uma cidade controlada em que **explosões** são normalmente proibidas.
- 3 Um grupo de 50 participantes **invadiram** as linhas da polícia.
- 4 Eles por certo não estavam preparados para essa **onda** de ódio.
- 5 A atual **explosão** de emoção nacionalista.
- 6 Um poderoso **fluxo** de sentimento antiamericano despertou após o bombardeio.

Para facilitar o acompanhamento da análise, procedeu-se à seguinte codificação:

- CAIXA ALTA – indicação do Processo;
- Sublinhado – Participantes e Circunstâncias;
- **Negrito** – análise da Avaliatividade e da Modalidade;
- (+) ou (-) se a Avaliatividade for positiva ou negativa, respectivamente (↑) ou (↓) se a Avaliatividade for intensificada ou diminuída.

Apresentamos, a seguir, um exemplo de como será feita a análise nos termos da LSF:

### Capítulo 3 - A DENÚNCIA

la a entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta. A casa era a da rua de Mata-cavalos, o mês novembro, o ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano era de 1857.

— D. Glória, a senhora persiste na ideia de meter o nosso Bentinho no seminário? É mais que tempo, e já agora pode haver uma dificuldade.

— Que dificuldade?

— Uma grande dificuldade.

---

humana e pode ser selecionada ou recuperada quando necessária.

Minha mãe quis saber o que era. José Dias, depois de alguns instantes de concentração, veio ver se havia alguém no corredor; não deu por mim, voltou e, abafando a voz, disse que a dificuldade estava na casa ao pé, a gente do Pádua.

— A gente do Pádua?

— Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que

<u>o nosso Bentinho</u>	<b>ANDE</b>	<b>metido nos cantos</b>	<u>com a filha do Tartaruga,</u>
Ator	Material	Circunstância	Circunstância
		Julgamento (-)	Julgamento (-)
<p><b>Comentário:</b> Em contexto em que a questão de níveis sociais tem seu lugar, Capitu sabe que a família de Bentinho tem boa posição nessa hierarquia.</p> <p><b>Metonímia:</b> Seria essa uma das razões de seu interesse por Bentinho?</p>			

e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo envolve a análise da transitividade, da metafunção e da avaliatividade da metafunção interpessoal, da LSF, iniciando com a análise de registro, para, segundo Goatly (1997) evitar a subjetividade da análise.

### 4.1 Análise de registro – contexto situacional

O exame de registro envolve Campo, Relações e Modo:

**Campo:** Por meio do teor memorialista e autobiográfico, Bento Santiago, o narrador-personagem, narra sua história em primeira pessoa (ponto de vista interno) buscando reconstituir os fatos da sua vida desde sua infância até a sua velhice.

**Relação:** As personagens presentes na obra são Bento Santiago, Bentinho ou Dom Casmurro (narrador da história); Capitolina ou Capitu (esposa de Bento); José Dias (um agregado da família de Bento); D. Maria da Glória Fernandes Santiago ou D. Glória (mãe de Bento); Tio Cosme (irmão de D. Glória); Pádua (pai de Capitu); D. Fortunata (esposa de Pádua e mãe de Capitu); Prima Justina (prima de D. Glória); Ezequiel de Sousa Escobar ou Escobar (melhor amigo de Bento); Sancha (esposa de Escobar e amiga de Capitu); Ezequiel Albuquerque de Santiago ou Ezequiel (filho de Bento e Capitu); e Capituzinha (filha de Escobar e Sancha).

**Modo:** A linguagem utilizada por Machado de Assis é clássica e cuidadosamente estruturada, ou seja, clássica e regida pelas normas gramaticais estabelecidas. Há, entretanto, alguns pontos em que algumas personagens se valem de registros mais informais, especialmente quando há marcas de diferenças sociais.

A seguir, será feita a análise de *Dom Casmurro*, selecionando as seguintes partes: (a) A personalidade de Capitu e (b) A relação Bentinho-Escobar.

## 4.2 ANÁLISE DA PERSONALIDADE DE CAPITU

A transcrição da obra segue abaixo, respeitando a metodologia e omitindo partes que não apresentam a personagem analisadas.

### Capítulo 3 - A DENÚNCIA

la a entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta. A casa era a da rua de Mata-cavalos, o mês novembro, o ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano era de 1857.

— D. Glória, a senhora persiste na idéia de meter o nosso Bentinho no seminário? É mais que tempo, e já agora pode haver uma dificuldade.

— Que dificuldade?

— Uma grande dificuldade.

Minha mãe quis saber o que era. José Dias, depois de alguns instantes de concentração, veio ver se havia alguém no corredor; não deu por mim, voltou e, abafando a voz, disse que a dificuldade estava na casa ao pé, a gente do Pádua.

— A gente do Pádua?

— Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que

<u>o nosso Bentinho</u>	<b>ANDE</b>	<b>metido nos cantos</b>	<u>com a filha do Tartaruga,</u>
Ator	Material	Circunstância	Circunstância    Meta
		Julgamento (-)	Julgamento (-)
<p><b>Comentário:</b> Em contexto em que a questão de níveis sociais tem seu lugar, Capitu sabe que a família de Bentinho tem boa posição nessa hierarquia.</p> <p>Metonímia: Seria essa uma das razões de seu interesse por Bentinho?</p>			

e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los.

— Não acho. Metidos nos cantos?

— É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase não sai de lá.

<u>A pequena</u>	É	<b><u>uma desmiolada;</u></b>
Portadora	Relacional	Atributo
Julgamento (-)		
<p><b>Comentário:</b> José Dias, na tentativa de desqualificar Capitu como uma possível namorada de Bentinho, caracteriza-a como sendo uma “desmiolada”.</p> <p>O processo Relacional indica Atributo de Julgamento (negativo) de Capitu.</p>		

**Metonímia:** Desmiolada pelo seu comportamento de classe social inferior diferente àquela de Bentinho?

o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corresse de maneira que... Compreendo o seu gesto;

<u>a senhora</u> Experienciador	não CRÊ Mental	<u>em tais cálculos,</u> Fenômeno
Julgamento (-)		
<p><b>Comentário:</b> José Dias ainda tenta convencer D. Glória, mas em vão. A ingenuidade de D. Glória parece antecipar a de Bentinho. O processo Mental indica certa ignorância (Avaliatividade negativa) de D. Glória na educação de Bentinho.</p> <p><b>Metonímia:</b> Capitu teria sido mais adestrada pela vida, enquanto Bentinho seria o filho mimado?</p>		

parece-lhe que todos têm a alma cândida...

— Mas, Sr. José Dias, tenho visto os pequenos brincando, e nunca vi nada que faça desconfiar. Basta a idade; Bentinho mal tem quinze anos.

<u>Capitu</u> Portador	FEZ Relacional	<u>quatorze</u> Atributo	<u>à semana passada;</u> Circunstância	SÃO Relacional	<u>dois CRIANÇOLAS.</u> Atributo
Julgamento (+)					
<p><b>Comentário:</b> No contexto em questão, Capitu não é tão “criançola” como parece à D. Glória, ao menos, em termos psicológicos.</p> <p><b>Metonímia:</b> Capitu é uma criança naturalmente precoce em relação à sua idade.</p>					

Não se esqueça que foram criados juntos, desde aquela grande enchente, há dez anos, em que a família Pádua perdeu tanta coisa; daí vieram as nossas relações. Pois eu hei de crer? ... Mano Cosme, você que acha?

Tio Cosme respondeu com um "Ora!" que, traduzido em vulgar, queria dizer: "São imaginações do José Dias; os pequenos divertem-se, eu divirto-me; onde está o gamão?"

— Sim, creio que o senhor está enganado.

— Pode ser, minha senhora. Oxalá tenham razão; mas creia que não falei senão depois de muito examinar...

— Em todo caso, vai sendo tempo, interrompeu minha mãe; vou tratar de metê-lo no seminário quanto antes.

— Bem, uma vez que não perdeu a idéia de o fazer padre, tem-se ganho o principal. Bentinho há de satisfazer os desejos de sua mãe. E depois a igreja brasileira tem altos destinos. Não esqueçamos que um bispo presidiu a Constituinte, e que o padre Feijó governou o Império...

— Governo como a cara dele! atalhou tio Cosme, cedendo a antigos rancores políticos.

— Perdão, doutor, não estou defendendo ninguém, estou citando. O que eu quero é dizer que o clero ainda tem grande papel no Brasil.

— Você o que quer é um capote; ande, vá buscar o gamão. Quanto ao pequeno, se tem de ser padre, realmente é melhor que não comece a dizer missa atrás das portas. Mas, olhe cá, mana Glória, há mesmo necessidade de fazê-lo padre?

— É promessa, há de cumprir-se.

— Sei que você fez promessa... mas uma promessa assim... não sei... Creio que, bem pensado... Você que acha, prima Justina?

— Eu?

— Verdade é que cada um sabe melhor de si, continuou tio Cosme; Deus é que sabe de todos. Contudo, uma promessa de tantos anos... Mas, que é isso, mana Glória? Está chorando? Ora esta! Pois isto é coisa de lágrimas?

Minha mãe assoou-se sem responder. Prima Justina creio que se levantou e foi ter com ela. Seguiu-se um alto silêncio, durante o qual estive a pique de entrar na sala, mas outra força maior, outra emoção... Não pude ouvir as palavras que tio Cosme entrou a dizer. Prima Justina exortava: "Prima Glória! Prima Glória!" José Dias desculpava-se: "Se soubesse, não teria falado, mas falei pela veneração, pela estima, pelo afeto, para cumprir um dever amargo, um dever amaríssimo..."

## Capítulo 11 - A PROMESSA

Tão depressa vi desaparecer o agregado no corredor, deixei o esconderijo, e corri à varanda do fundo. Não quis saber de lágrimas nem da causa que as fazia verter a minha mãe. A causa eram provavelmente os seus projetos eclesiásticos, e a ocasião destes é a que vou dizer, por ser já então história velha; datava de dezesseis anos.

Os projetos vinham do tempo em que fui concebido. Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na igreja. Talvez esperasse uma menina. Não disse nada a meu pai, nem antes, nem depois de me dar à luz; contava fazê-lo quando eu entrasse para a escola, mas enviuvou antes disso. Viúva, sentiu o terror de separar-se de mim; mas era tão devota, tão temente a Deus, que buscou testemunhas da obrigação, confiando a promessa a parentes e familiares. Unicamente, para que nos separássemos o mais tarde possível, fez-me aprender em casa primeiras letras, latim e doutrina, por aquele padre Cabral, velho amigo do tio Cosme, que ia lá jogar às noites.

Prazos largos são fáceis de subscrever; a imaginação os faz infinitos. Minha mãe esperou que os anos viessem vindo. Entretanto, ia-me afeiçoando à idéia da igreja; brincos de criança, livros devotos, imagens de santos, conversações de casa, tudo convergia para o altar. Quando íamos à missa, dizia-me sempre que era para aprender a ser padre, e que reparasse no padre, não tirasse os olhos do padre. Em casa, brincava de missa, — um tanto às escondidas, porque minha mãe dizia que missa não era coisa de brincadeira. Arranjávamos um altar, Capitu e eu.

<u>Ela</u>	<u>SERVIA</u>	<u>de sacristão, e</u>	<u>ALTERÁVAMOS</u>	<u>o ritual,</u>
Portador	Relacional (=era)	Atributo	Material	Meta

<u>no sentido de</u> (= para) adj.conj.	DIVIDIRMOS Material	<u>a hóstia</u> Meta Afeto (+)	<u>entre nós;</u> Recipiente*
*Recipiente ou Beneficiário			
<p><b>Comentário:</b> Quando crianças, Capitu e Bentinho estão sempre juntos. Há grande afeição entre eles, como mostra a Avaliatividade de Afeto positiva.</p> <p><b>Metonímia:</b> Havia, com certeza, afeto entre os dois.</p>			

a hóstia era sempre um doce. No tempo em que brincávamos assim, era muito comum ouvir à minha vizinha: "Hoje há missa?" Eu já sabia o que isto queria dizer, respondia afirmativamente, e ia pedir hóstia por outro nome. Voltava com ela, arranjávamos o altar, engrolávamos o latim e precipitávamos as cerimônias. *Dominus, non sum dignus...* Isto, que eu devia dizer três vezes, penso que só dizia uma, tal era a gulodice do padre e do sacristão. Não bebíamos vinho nem água; não tínhamos o primeiro, e a segunda viria tirar-nos o gosto do sacrifício.

Ultimamente não me falavam já do seminário, a tal ponto que eu supunha ser negócio findo. Quinze anos, não havendo vocação, pediam antes o seminário do mundo que o de São José. Minha mãe ficava muita vez a olhar para mim, como alma perdida, ou pegava-me na mão, a pretexto de nada, para apertá-la muito.

## Capítulo 12 - NA VARANDA

Parei na varanda; ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora. Não me atrevia a descer à chácara, e passar ao quintal vizinho. Comecei a andar de um lado para outro, estacando para amparar-me, e andava outra vez e estacava. Vozes confusas repetiam o discurso do José Dias:

"Sempre juntos..." "Em segredinhos..."

"Se eles pegam de namoro..."

Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda, segundo eu ia ou vinha, em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo me dispersava, e me trazia arrepios, e me derramava não sei que bálsamo interior. Às vezes dava por mim, sorrindo, um ar de riso de satisfação, que desmentia a abominação do meu pecado. E as vozes repetiam-se confusas:

"Em segredinhos..."

"Sempre juntos..."

"Se eles pegam de namoro..."

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade. Era um coqueiro velho, e eu cria nos coqueiros velhos, mais ainda que nos velhos livros. Pássaros, borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, toda a gente viva do ar era da mesma opinião.

Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim? Realmente, andava cosido às saias dela, mas não me ocorria nada entre nós que fosse deveras secreto. Antes dela ir para o colégio, eram tudo travessuras de criança; depois que saiu do colégio, é certo que não restabelecemos logo a antiga intimidade, mas esta voltou pouco a pouco, e no último ano era completa. Entretanto, a matéria das nossas conversações era a de sempre.

Capitu Dizente	CHAMAVA- Verbal	<u>me</u> Receptor	às vezes Circunstância	<u>bonito, mocetão, uma flor;</u> Verbiagem	outras Circunstância
Julgamento (+)					
<u>PEGAVA-</u> Material	<u>me nas mãos</u> Meta	(minhas mãos)	para	<u>CONTAR-</u> Material	<u>me os dedos</u> .(meus dedos) Meta
Afeto (+)			Afeto (+)		
<p><b>Comentário:</b> Capitu toma a dianteira na arte de lisonjear Bentinho não só com palavras elogiosas, como também com o toque carinho de suas mãos, que recebem Avaliatividade de Afeto positiva. Ela é Dizente, tomando a iniciativa, enquanto Bentinho é o Receptor.</p> <p><b>Metonímia:</b> Capitu é dona da situação.</p>					

E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando

ela Ator	me (meus)	<u>PASSAVA</u> Material	<u>a mão</u> Meta	<u>pelos (meus) cabelos,</u> Circunstância	
Afeto (+)					
DIZENDO Verbal	que Experienciador	(ela)	<u>OS</u> (cabelos) Fenômeno	ACHAVA (que ERAM) Mental Relacional	lindíssimos. Atributo
Apreciação (+)					
<p><b>Comentário:</b> Capitu torna-se irresistível a Bentinho com sua atitude sedutora e, mesmo sendo ainda uma adolescente sabe exercer seu fascínio sobre o inocente Bentinho</p> <p><b>Metonímia:</b> Bentinho não resiste à sedução de Capitu.</p>					

Eu, sem fazer o mesmo aos dela, dizia que os dela eram muito mais lindos que os meus. Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desengano e melancolia, tanto mais de espantar quanto que tinha os cabelos realmente admiráveis; mas eu retorquia chamando-lhe maluca. Quando me perguntava se sonhara com ela na véspera, e eu dizia que não,

(eu) Experienciador	OUVIA- Mental	lhe (=ela)* Fenômeno + Dizente	CONTAR Verbal	(me) Recipiente	que**
* lhe = ouvia ela + ela contar ("Ouvir" é um verbo cujo objeto direto é o sujeito da oração infinitiva seguinte e em que o sujeito é um pronome oblíquo). **A oração que se segue é a verbiagem.					
(ela) Experienciador	<b>SONHARA</b> Mental	<b>comigo</b> , Fenômeno	e	(os sonhos) Portador	ERAM Relacional
Afeto					
<b><u>aventuras extraordinárias</u></b> , Atributo					
Apreciação (+)					
<p><b>Comentário:</b> As palavras de Capitu ficam impressas na mente – por meio de Processo Mental - de Bentinho, que assim torna-se cada vez mais tomado pela ternura da jovem.</p> <p><b>Metonímia:</b> Para conquistar Bentinho, Capitu, em uma tática criativa, passa a recorrer ao mundo imaginário do sonho.</p>					

que subíamos ao Corcovado pelo ar, que dançávamos na Lua, ou então que os anjos vinham perguntar-nos pelos nomes, a fim de os dar a outros anjos que acabavam de nascer.

Em todos esses sonhos andávamos unidinhos.

Os (sonhos) Portador	[que (=sonhos) <u>eu</u> Fenômeno	Experienciador	TINHA (=sonhava) Mental	<u>com ela</u> Circunstância	não ERAM Relacional
Fenômeno					
<b><u>assim</u></b> , Atributo	<b>apenas</b>	(os sonhos)	REPRODUZIAM Mental	<u>a nossa familiaridade</u> Fenômeno	
Apreciação (-) token    Graduação (↑)					
<p><b>Comentário:</b> Os sonhos de Bentinho mostram a sua imaturidade em relação à Capitu.</p> <p><b>Metonímia:</b> Em relação a sonhos, tudo indica que os de Bentinho seriam reais, reproduzindo os acontecimentos do dia a dia.</p>					

e muita vez não passavam da simples repetição do dia, alguma frase, algum gesto.

Também eu os contava. Capitu um dia notou a diferença, dizendo que os dela eram mais bonitos que os meus; eu, depois de certa hesitação, disse-lhe que eram como a pessoa que sonhava... Fez-se cor de pitanga.

Pois, francamente, só agora entendia a comoção que me davam essas e outras confidências. A emoção era doce e nova, mas a causa dela fugia-me, sem que eu a buscasse nem suspeitasse. Os silêncios dos últimos dias, que me não descobriam nada, agora os sentia como sinais de alguma coisa, e assim as meias palavras, as perguntas curiosas, as respostas vagas, os cuidados, o gosto de recordar a infância. Também adverti que era fenômeno recente acordar com o pensamento em Capitu, e escutá-lá de memória, e estremecer quando lhe ouvia os passos. Se se falava nela, em minha casa, prestava mais atenção que dantes, e, segundo era louvor ou crítica, assim me trazia gosto ou desgosto mais intensos que outrora, quando éramos somente companheiros de travessuras. Cheguei a pensar nela durante as missas daquele mês, com intervalos, é verdade, mas com exclusivismo também.

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo, e a quem eu perdoava tudo, o mal que dissera, o mal que fizera, e o que pudesse vir de um e de outro. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a eterna Bondade, nem as demais Virtudes eternas. Eu amava Capitu!

Capitu Experienciador	AMAVA- Mental	me. Fenômeno
Afeto (+)		
<p><b>Comentário:</b> Somente ouvindo as palavras de José Dias, o imaturo Bentinho descobre que o sentimento que Capitu lhe inspirava era amor.</p> <p><b>Metonímia:</b> Capitu está à frente de Bentinho em termos de amadurecimento psicológico.</p>		

E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, tremulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira.

## Capítulo 13 - CAPITU

De repente, ouvi bradar uma voz de dentro da casa ao pé: — Capitu!

E no quintal:

— Mamãe!

E outra vez na casa:

— Vem cá!

Não me pude ter. As pernas desceram-me os três degraus que davam para a chácara, e caminharam para o quintal vizinho. Era costume delas, às tardes, e às manhãs também. Que as pernas também são pessoas, apenas inferiores aos braços, e valem de si mesmas, quando a cabeça não as rege por meio de idéias. As minhas chegaram ao pé do muro. Havia ali uma porta de comunicação mandada rasgar por minha mãe, quando Capitu e eu éramos pequenos. A porta não tinha chave nem taramela; abria-se empurrando de um lado ou puxando de outro, e fechava-se ao peso de uma pedra pendente de uma corda. Era quase que exclusivamente nossa. Em

crianças, fazíamos visita batendo de um lado, e sendo recebidos do outro com muitas mesuras. Quando as bonecas de Capitu adoeciam, o médico era eu. Entrava no quintal dela com um pau debaixo do braço, para imitar o bengalão do doutor João da Costa; tomava o pulso à doente, e pedia-lhe que mostrasse a língua. "É surda, coitada!", exclamava Capitu. Então eu coçava o queixo, como o doutor, e acabava mandando aplicar-lhe umas sanguessugas ou dar-lhe um vomitório: era a terapêutica habitual do médico.

— Capitu!

— Mamãe!

— Deixa de estar esburacando o muro; vem cá.

A voz da mãe era agora mais perto, como se viesse já da porta dos fundos. Quis passar ao quintal, mas as pernas, há pouco tão andarilhas, pareciam agora presas ao chão. Afinal fiz um esforço, empurrei a porta, e entrei. Capitu estava ao pé do muro fronteiro, voltada para ele, riscando com um prego. O rumor da porta fê-la olhar para trás; ao dar comigo, encostou-se ao muro, como se quisesse esconder alguma coisa. Caminhei para ela; naturalmente levava o gesto mudado, porque ela veio a mim, e perguntou-me inquieta:

— Que	É	que <u>you</u>	TEM? (=Você tem o quê?)
Identificador		Identificado	Relacional
—	<u>Eu?</u>	(não TENHO)	<u>Nada.</u>
Portador		Relacional	Atributo
<p><b>Comentário:</b> Capitu, embora tomada pela surpresa, não perde o controle da situação e questiona Bentinho, antes que ele pudesse questioná-la.</p> <p><b>Metonímia:</b> Capitu sabe disfarçar sem perder a calma.</p>			

— Nada, não; você tem alguma coisa.

Quis insistir que nada, mas não achei língua. Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora. Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos.

— Que é que você tem? repetiu.

— Não é nada, balbuciei finalmente.

E emendei logo:

— É uma notícia.

— Notícia de quê?

Pensei em dizer-lhe que ia entrar para o seminário e espreitar a impressão que lhe faria. Se a consternasse é que realmente gostava de mim; se não, é que não gostava. Mas todo esse cálculo foi obscuro e rápido; senti que não poderia falar claramente, tinha agora a vista não sei como...

— Então?

— Você sabe...

Nisto olhei para o muro, o lugar em que ela estivera riscando, escrevendo ou esburacando, como dissera a mãe. Vi uns riscos abertos, e lembrou-me o gesto que ela fizera para cobri-los.

Então quis vê-los de perto, e dei um passo.

<u>Capitu</u> Ator	AGARROU- Material	<u>me</u> , mas, por TEMER que <u>eu</u> ACABASSE FUGINDO (= fugisse), Meta	Mental	Ator	Material
ou por <b>NEGAR</b> <u>de outra maneira</u> , CORREU adiante e APAGOU <u>o escrito</u> . Verbiagem Verbiagem Material Material Meta					
Afeto (-)					
<p><b>Comentário:</b> Capitu, na tentativa de continuar tomando a iniciativa, tenta apagar o escrito para não revelar seus sentimentos a Bentinho. Notemos a proeminência do Processo Material em que Capitu é Ator.</p> <p><b>Metonímia:</b> Capitu não se deixa dominar.</p>					

Foi o mesmo que acender em mim o desejo de ler o que era.

## Capítulo 14 - A INSCRIÇÃO

Tudo o que contei no fim do outro capítulo foi obra de um instante. O que se lhe seguiu foi ainda mais rápido. Dei um pulo, e antes que ela raspasse o muro, li estes dois nomes, abertos ao prego, e assim dispostos:

BENTO

CAPITOLINA

Voltei-me para ela;

<u>Capitu</u> Comportante	TINHA Comportamental	os olhos	no chão (=Não me fitavam).	ERGUE- Material
os (=olhos), <u>devagar</u> , e FICAMOS a OLHAR <u>um para o outro</u> . Meta Circunstância Comportamental Comportante				
Afeto (+)				
<p><b>Comentário:</b> Capitu e Bentinho, tomados pela surpresa e pela felicidade do sentimento que agora sabem que os une (Mental), quedam-se</p>				

(Material) mudos, tomados por forte emoção (Comportamental).[O processo Comportamental reúne forte estado Mental que se extravasa como Material]

**Metonímia:** Capitu e Bentinho deixam-se tomar por um sentimento ainda novo para eles.

Confissão de crianças, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não falamos nada; o muro falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se. Não marquei a hora exata daquele gesto. Devia tê-la marcado; sinto a falta de uma nota escrita naquela mesma noite, e que eu poria aqui com os erros de ortografia que trouxesse, mas não traria nenhum, tal era a diferença entre o estudante e o adolescente.

Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amar; tinha orgias de latim e era virgem de mulheres.

Não soltamos as mãos, nem elas se deixaram cair de cansadas ou de esquecidas. Os olhos fitavam-se e desfitavam-se, e depois de vagarem ao perto, tornavam a meter-se uns pelos outros... Padre futuro, estava assim diante dela como de um altar, sendo uma das faces a Epístola e a outra o Evangelho. A boca podia ser o cálice, os lábios a patena. Faltava dizer a missa nova, por um latim que ninguém aprende, e é a língua católica dos homens. Não me tenhas por sacrílego, leitora minha devota; a limpeza da intenção lava o que puder haver menos curial no estilo. Estávamos ali com o céu em nós. As mãos, unindo os nervos, faziam das duas criaturas uma só, mas uma só criatura seráfica. Os olhos continuaram a dizer coisas infinitas, as palavras de boca é que nem tentavam sair, tornavam ao coração caladas como vinham...

## Capítulo 15 - OUTRA VOZ REPENTINA

Outra voz repentina, mas desta vez uma voz de homem:

— Vocês estão jogando o siso?

Era o pai de Capitu, que estava à porta dos fundos, ao pé da mulher. Soltamos as mãos depressa, e ficamos atrapalhados.

<u>Capitu</u> Ator	FOI Material	<u>ao muro,</u> Circunstância	e, <u>com o prego,</u> Circunstância (Instrumento)	<u>disfarçadamente,</u> Circunstância (Modo)
Julgamento (+) <i>token</i>				
<u>apagou</u> Material	<u>os nossos nomes escritos.</u> Meta			
<p><b>Comentário:</b> Capitu, embora confusa pela aproximação do pai, consegue manter a calma e, assim, rasurar as inscrições reveladoras, por meio de Processos Materiais.</p> <p><b>Metonímia:</b> Capitu não se deixa surpreender pelo surgimento repentino do pai.</p>				

- Capitu!
- Papai!
- Não me estragues o reboco do muro.

<u>Capitu</u>	RISCAVA (algo)	<u>sobre o riscado</u>	para	APAGAR	bem	<u>o escrito.</u>
Ator	Material	Meta	Circunstância	Material	Circunstância	Meta
Julgamento (+) token*						
*Token, pois: Julgamento (-) por esconder o fato do pai, mas (+) pois assim não precisou revelar o namoro,i						
<p><b>Comentário:</b> Capitu não se deixa amedrontar pela aproximação do pai e faz questão de fazer o que julga apropriado.</p> <p><b>Metonímia:</b> Capitu se mostra acima das circunstâncias.</p>						

Pádua saiu ao quintal, a ver o que era,

mas já	<u>a filha</u>	tinha	COMEÇADO	<u>outra coisa,</u>	um perfil,
	Ator		Material	Meta	Meta (aposto)
Graduação de força (aumenta)					
<p><b>Comentário:</b> Capitu não perde a calma, mudando rapidamente o curso dos acontecimentos.</p> <p><b>Metonímia:</b> A criatividade de Capitu não se deixa dominar mesmo em situações difíceis.</p>					

e tanto podia ser dele como da mãe; fê-lo rir, era o essencial. De resto, ele chegou sem cólera, todo meigo, apesar do gesto duvidoso ou menos que duvidoso em que nos apanhou. Era um homem baixo e grosso, pernas e braços curtos, costas abauladas, donde lhe veio a alcunha de Tartaruga, que José Dias lhe pôs. Ninguém lhe chamava assim lá em casa; era só o agregado.

— Vocês estavam jogando o siso? perguntou.

Olhei para um pé de sabugueiro que ficava perto; Capitu respondeu por ambos.

— Estávamos (=JOGANDO), sim, senhor; mas	<u>Bentinho</u>	RI
Material	Comportante	Comportamental (parte Material)*
*O processo Comportamental reúne Material (riso) que expressa pressão Mental (não aguenta).		
logo	não AGUENTA	
Circunstância	Comportamental (parte Mental)	
<p><b>Comentário:</b> Capitu aproveita a guinada de contexto e concorda com a hipótese errada feita pelo pai, e para reforçar essa possibilidade, revela o comportamento inadequado de Bentinho na brincadeira.</p> <p><b>Metonímia:</b> Capitu é rápida em mudar o curso dos acontecimentos. Capitu mente.</p>		

— Quando eu cheguei à porta, não ria.

— Já tinha rido das outras vezes; não pode. Papai quer ver?

E séria, fitou em mim os olhos, convidando-me ao jogo. O susto é naturalmente sério; eu estava ainda sob a ação do que trouxe a entrada de Pádua, e não fui capaz de rir, por mais que devesse fazê-lo, para legitimar a resposta de Capitu. Esta, cansada de esperar, desviou o rosto, dizendo que eu não ria daquela vez por estar ao pé do pai. E nem assim ri. Há coisas que só se aprendem tarde; é mister nascer com elas para fazê-las cedo. E melhor é naturalmente cedo que artificialmente tarde. Capitu, após duas voltas, foi ter com a mãe, que continuava à porta da casa, deixando-nos a mim e ao pai encantados dela; o pai, olhando para ela e para mim, dizia-me, cheio de ternura:

— <u>Quem</u>	DIRÁ	*que	<u>esta pequena</u>	TEM	<u>quatorze anos?</u>
Dizente	Verbal		Portador	Relacional	Atributo
<ul style="list-style-type: none"> <li>A oração subordinada objetiva direta serve de Verbiagem.</li> </ul>					
<b>parece</b>		(TER)	<u>dezessete.</u>		
Modalização de probabilidade		Relacional	Atributo		Apreciação (+)
<p><b>Comentário:</b> Para o pai, parece não passar despercebida a personalidade forte e decidida da filha, que sabe ser dona da situação e tomar as rédeas da interação.</p>					

**Metonímia:** Capitu é naturalmente precoce em termos psicológicos.

Mamãe está boa? continuou voltando-se inteiramente para mim.

— Está.

— Há muitos dias que não a vejo. Estou com vontade de dar um capote ao doutor, mas não tenho podido, ando com trabalhos da repartição em casa; escrevo todas as noites que é um desespero; negócio de relatório. Você já viu o meu gaturamo? Está ali no fundo. Ia agora mesmo buscar a gaiola; ande ver.

Que o meu desejo era nenhum, crê-se facilmente, sem ser preciso jurar pelo Céu nem pela Terra. Meu desejo era ir atrás de Capitu e falar-lhe agora do mal que nos esperava; mas o pai era o pai, e demais amava particularmente os passarinhos. Tinha-os de várias espécies, cor e tamanho. A área que havia no centro da casa era cercada de gaiolas de canários, que faziam cantando um barulho de todos os diabos. Trocava pássaros com outros amadores, comprava-os, apanhava alguns, no próprio quintal, armando alçapões. Também, se adoeciam, tratava deles como se fossem gente.

#### **4.2.1 Análise da metáfora de Capitu**

O Quadro 10 resume as metonímias decorrentes da análise de Capitu.

##### **Quadro 10 – Capitu e as metonímias**

1. Capitu teria sido mais adestrada pela vida, enquanto Bentinho seria o filho mimado?
2. Capitu é uma criança naturalmente precoce em relação à sua idade
3. Havia, com certeza, afeto entre os dois.
4. Capitu é dona da situação.
5. Bentinho não resiste à sedução de Capitu.
6. Para conquistar Bentinho, Capitu, em uma tática criativa, passa a recorrer ao mundo imaginário do sonho.
7. Em relação a sonhos, tudo indica que os de Bentinho seriam reais, reproduzindo os acontecimentos do dia a dia.
8. Capitu está à frente de Bentinho em termos de amadurecimento psicológico.
9. Capitu sabe disfarçar sem perder a calma.
10. Capitu não se deixa dominar.
11. Capitu e Bentinho deixam-se tomar por um sentimento ainda novo

para eles.

12. Capitu não se deixa surpreender pelo surgimento repentino do pai.
13. Capitu se mostra acima das circunstâncias
14. A criatividade de Capitu não se deixa dominar mesmo em situações difíceis.
15. Capitu é rápida em mudar o curso dos acontecimentos. Capitu mente.
16. Capitu é naturalmente precoce em termos psicológicos.

Notemos que há basicamente duas características que se sobressaem:

(a) Capitu ama Bentinho; (b) as características de personalidade de Capitu.

Daí ser possível fazer algumas perguntas: se eles se amam por que é possível pensar em traição? Por que Machado reúne (a) e (b) em toda extensão do romance?

De maneira extremamente sutil, Machado mostra o ingênuo Bentinho ser tomado por um intenso sentimento, ainda meio desconhecido para ele, e se deixa envolver pela jovem que, ao contrário do rapaz, mantém o controle da situação. Capitu é atraente, toma a dianteira na relação, e não se deixa surpreender facilmente, sabendo disfarçar a comoção ao enfrentar situações delicadas. Nesses casos, Capitu nem mesmo hesita em mentir, além de manter a calma para tomar decisões em poucos segundos. Por outro lado, pode se conjecturar também que à Capitu interessava o nível socioeconômico de Bentinho.

A leitura do romance pode sugerir que a reunião de (a) e (b) teriam a finalidade de pavimentar a futura traição. Cada escolha lexical de Machado, do começo ao fim de *Dom Casmurro*, leva a essa conclusão, como mostra a análise. Não se pode negar o amor de Capitu por Bentinho, mas a natureza da jovem pode ter determinado um viés nesse sentimento.

A análise incluiu o item Metonímia, em que, seguindo na esteira de Li (2010), foram apontadas as características da personalidade de Capitu. Essa reunião metonímica pode levar-nos a muitas metáforas, mas pode também chegar à metáfora:

CAPITU É RAPOSA.

E como é descrita a raposa pela tradição?

## Raposa



A raposa é símbolo da inteligência, astúcia, solução de problemas e, às vezes, pilantragem. São animais que sabem se virar bem sozinhos. Apesar disso, algumas culturas e religiões veem o animal como a personificação da falsidade e trapaça, como é o caso do cristianismo.

Animal bonito e de natureza solitária, a raposa resume a ambivalência da consciência humana. Devido ao seu método de caça, as raposas são conhecidas pela sua astúcia e esperteza. Pela característica traiçoeira do animal, por sua vez, as pessoas que demonstram comportamentos desleais são metaforicamente chamadas de “raposa”.

A conotação negativa da raposa é reforçada por meio do folclore e da literatura, em que frequentemente ela é referência de aspetos negativos. Na arte de tatuar, a raposa representa ambos os aspetos: o bem e o mau, o positivo e o negativo. A tatuagem é feita tanto por homens como por mulheres, mas tem uma expressão mais marcante no gênero feminino visto que a raposa está associada à natureza instintiva da mulher.

Na China e no Japão, a raposa é tida como um animal feiticeiro e feminino. Em decorrência disso, costuma-se associá-la à natureza feminina instintiva e primitiva da mulher. No baralho cigano a carta 14 representa a raposa, a qual é interpretada como aspeto negativista com o qual as pessoas devem acautelar-se, uma vez que apresenta a iminência de nos depararmos com pessoas traiçoeiras e hipócritas. Já no Xamanismo, a evocação da raposa está relacionada à cura para a memória, para capacidade de observação e perspicácia.

### 4.3 ANÁLISE DA RELAÇÃO BENTINHO-ESCOBAR

Para a compreensão da relação que envolvia o trio Bentinho-Capitu-Escobar, faz-se necessária a análise desses personagens e descobrir o que ocorre na subjacência do texto do romance. Assim, após delinear a personalidade de Capitu, pode-se examinar as personalidades de Bentinho e de Escobar, ou melhor, da relação que se forma entre os dois.

#### Capítulo 56 - UM SEMINARISTA

Tudo me ia repetindo o diabo do opúsculo, com as suas letras velhas e citações latinas. Vi sair daquelas folhas muitos perfis de seminaristas, os irmãos Albuquerque, por exemplo, um dos quais é cônego na Bahia, enquanto o outro seguiu Medicina e dizem haver descoberto um específico contra a febre amarela. Vi o Bastos, um magricela, que está de vigário em Meia-Ponte, se não morreu já; Luís Borges, apesar de padre, fez-se político, e acabou senador do império... Quantas outras caras me fitavam das páginas frias do Panegírico! Não, não eram frias; traziam o calor da juventude nascente, o calor do passado, o meu próprio calor. Queria lê-las outra vez, e lograva entender algum texto, tão recente como no primeiro dia, ainda que mais breve. Era um encanto ir por ele; às vezes, inconscientemente, dobrava a folha como se estivesse lendo de verdade; creio que era quando os olhos me caíam na palavra do fim da página, e a mão, acostumada a ajudá-los, fazia o seu ofício... Eis aqui outro seminarista. Chamava-se Ezequiel de Sousa Escobar.

ERA	um rapaz <u>esbelto</u> ,	<u>olhos claros</u> ,	<u>um pouco fugitivos</u>	como <u>as mãos</u> *
Relacional	Atributo	Atributo	Atributo	Portador
	Apreciação (+)	Apreciação (+)	Apreciação (-)	
Como as mãos = Como as mãos eram (fugidios)				
como <u>os pés</u> ,	como <u>a fala</u> ,	como <u>tudo</u> .	Quem não ESTIVESSE	
Portador	Portador	Portador	Portador	Relacional
<u>acostumado</u> com ele	<u>podia acaso</u>	SENTIR-se	<u>mal</u> , não SABENDO	
Atributo		Mental	Mental	
	Probabilidade		Afeto (-)	
por <u>onde</u>	lhe	PEGASSE (soubesse).		
Circunstância	Fenômeno	Mental		
<p><b>Comentário:</b> Bentinho se encanta com Escobar, e o descreve no que se refere aos seus traços físicos; porém, ao traçar a personalidade do rapaz, algo</p>				

parece-lhe escapar, impossibilitando-lhe uma descrição breve e, nessa tentativa, acaba recorrendo uma porção vocabular maior.

**Metonímia:** Escobar é escorregadio. Não se deixa prender.

Não fitava de rosto, não falava claro nem seguido; as mãos não apertavam as outras, nem se deixavam apertar delas, porque os dedos, sendo delgados e curtos, quando a gente cuidava tê-los entre os seus, já não tinha nada. O mesmo digo dos pés, que tão depressa estavam aqui como lá. Esta dificuldade em pousar foi a maior obstáculo que achou para tomar os costumes do seminário. O sorriso era instantâneo, mas também ria folgado e largo. Uma coisa não seria tão fugitiva como o resto, a reflexão; íamos dar com ele, muita vez, olhos enfiados em si, cogitando. Respondia-nos sempre que meditava algum ponto espiritual, ou então que recordava a lição da véspera. Quando ele entrou na minha intimidade pedia-me freqüentemente explicações e repetições miúdas, e tinha memória para guardá-las todas, até as palavras. Talvez esta faculdade prejudicasse alguma outra.

Era mais velho que eu três anos, filho de um advogado de Curitiba, aparentado com um comerciante do Rio de Janeiro, que servia de correspondente ao pai. Este era homem de fortes sentimentos católicos. Escobar tinha uma irmã, que era um anjo, dizia ele.

— Não é só na beleza que é um anjo, mas também na bondade. Não imagina que boa criatura que ela é. Escreve-me muita vez, hei de mostrar-lhe as cartas dela.

De fato, eram simples e afetuosas, cheias de carícias e conselhos. Escobar contava-me histórias dela, interessantes, todas as quais vinham a dar na bondade e no espírito daquela criatura; tais eram que me fariam capaz de acabar casando com ela, se não fosse Capitu. Morreu pouco depois. Eu, seduzido pelas palavras dele, estive quase a contar-lhe logo, logo, a minha história. A princípio fui tímido, mas ele fez-se entrado na minha confiança. Aqueles modos fugitivos cessavam quando ele queria, e o meio e o tempo os fizeram mais pousados. Escobar veio abrindo a alma toda, desde a porta da rua até ao fundo do quintal. A alma da gente, como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro. Também as há fechadas e escuras, sem janelas, ou com poucas e gradeadas, à semelhança de conventos e prisões. Outrossim, capelas e bazares, simples alpendres ou paços suntuosos.

Não sei o que era a minha. Eu não era ainda casmurro, nem dom casmurro; o receio é que me tolhia a franqueza, mas como as portas não tinham chaves nem fechaduras, bastava empurrá-las, e Escobar empurrou-as e entrou. Cá o achei dentro, cá ficou, até que...

## Capítulo 65 - A DISSIMULAÇÃO

Chegou o sábado, chegaram outros sábados, e eu acabei afeiçoando-me à vida nova. Ia alternando a casa e o seminário. Os padres gostavam de mim, os rapazes também, e Escobar mais que os rapazes e os padres. No fim de cinco semanas estive quase a contar a este as minhas penas e esperanças; Capitu refreou-me.

(127) Escobar    É    muito meu amigo, Capitu.

Portador    Relacional    Atributo    Vocativo

Afeto (+) Grau↑

**Comentário:** Em várias ocasiões, Bentinho demonstra seu afeto a Escobar.

**Metonímia:** Escobar é amigo.

— Mas não é meu amigo.

— Pode vir a ser; ele já me disse que há de vir cá para conhecer mamãe.

— Não importa; você não tem direito de contar um segredo que não é só seu, mas também meu, e eu não lhe dou licença de dizer nada a pessoa nenhuma.

Era justo, calei-me e obedeci. Outra coisa em que obedeci às suas reflexões foi logo no primeiro sábado, quando eu fui à casa dela, e, após alguns minutos de conversa, me aconselhou a ir embora.

— Hoje não fique aqui mais tempo; vá para casa, que eu lá vou logo. É natural que D. Glória queira estar com você muito tempo, ou todo, se puder.

Em tudo isso mostrava a minha amiga tanta lucidez que eu bem podia deixar de citar um terceiro exemplo, mas os exemplos não se fizeram senão para ser citados, e este é tão bom que a omissão seria um crime. Foi à minha terceira ou quarta vinda à casa. Minha mãe, depois que lhe respondi as mil perguntas que me fez sobre o tratamento que me davam, os estudos, as relações, a disciplina, e se me doía alguma coisa, e se dormia bem, tudo o que a ternura das mães inventa para cansar a paciência de um filho, concluiu voltando-se para José Dias:

— Sr. José Dias, ainda duvida que saia daqui um bom padre?

— Excelentíssima...

— E você, Capitu, interrompeu minha mãe voltando-se para a filha do Pádua que estava na sala, com ela, — você não acha que o nosso Bentinho dará um bom padre?

— Acho que sim, senhora, respondeu Capitu cheia de convicção.

Não gostei da convicção. Assim lhe disse, na manhã seguinte, no quintal dela, recordando as palavras da véspera, e lançando-lhe em rosto, pela primeira vez, a alegria que ela mostrara desde a minha entrada no seminário, quando eu vivia curtido de saudades. Capitu fez-se muito séria, e perguntou-me como é que queria que se portasse, uma vez que suspeitavam de nós; também tivera noites desconsoladas, e os dias, em casa dela, foram tão tristes como os meus; podia indagá-lo do pai e da mãe. A mãe chegou a dizer-lhe, por palavras encobertas, que não pensasse mais em mim.

— Com D. Glória e D. Justina mostro-me naturalmente alegre, para que não pareça que a denúncia de José Dias é verdadeira. Se parecesse, elas tratariam de separar-nos mais, e talvez acabassem não me recebendo... Para mim, basta o nosso juramento de que nos havemos de casar um com outro.

Era isto mesmo; devíamos dissimular para matar qualquer suspeita, e ao mesmo tempo gozar toda a liberdade anterior, e construir tranqüilos o nosso futuro. Mas o exemplo completa-se com o que ouvi no dia seguinte, ao almoço; minha mãe, dizendo tio Cosme que ainda queria ver com que mão havia eu de abençoar o povo à missa, contou que, dias antes, estando a falar de moças que se casam cedo, Capitu lhe dissera: "Pois a mim quem me há de casar há de ser o Padre Bentinho; eu espero que ele se ordene!" Tio Cosme riu da graça, José Dias não dessorriu, só prima Justina é que franziu a testa, e olhou para mim interrogativamente. Eu, que havia olhado para todos, não pude resistir ao gesto da prima, e tratei de comer. Mas comi mal; estava tão contente com aquela grande dissimulação de Capitu que não vi mais nada, e, logo que almocei, corri a referir-lhe a conversa e a louvar-lhe a astúcia. Capitu sorriu de agradecida.

— Você tem razão, Capitu, concluí eu; vamos enganar toda esta gente. — Não é? disse ela com ingenuidade.

## Capítulo 71 - VISITA DE ESCOBAR

Em casa, tinham já mentido dizendo a minha mãe que eu voltara e estava mudando de roupa.

"A missa das oito já há de ter acabado... Bentinho devia estar de volta... Teria acontecido alguma coisa, mano Cosme?... Mandem ver..." Assim falava ela, de minuto a minuto, mas eu entrei e comigo a tranqüilidade.

Era o dia das boas sensações.

(137) <u>Escobar</u>	FOI VISITAR-	<u>me</u>	e SABER	<u>da saúde de minha mãe</u>
Ator	Material	Meta	Mental	Fenômeno

**Comentário:** Escobar age corretamente em relação a Bentinho, ao visitar sua mãe.

**Metonímia:** Escobar é perspicaz.

Nunca me visitara até ali, nem as nossas relações estavam já tão estreitas, como vieram a ser depois; mas, sabendo a razão da minha saída, três dias antes, aproveitou o domingo para ir ter comigo e perguntar se continuava o perigo ou não. Quando lhe disse que não, respirou.

— Tive receio, disse ele.

— Os outros souberam?

— Parece que sim: alguns souberam.

Tio Cosme e José Dias gostaram do moço; o agregado disse-lhe que vira uma vez o pai no Rio de Janeiro. Escobar era muito polido; e, conquanto falasse mais do que veio a falar depois, ainda assim não era tanto como os rapazes da nossa idade; naquele dia achei-o um pouco mais expansivo que de costume. Tio Cosme quis que jantasse conosco. Escobar refletiu um instante e acabou dizendo que o correspondente do pai esperava por ele. Eu, lembrando-me das palavras do Gurgel, repeti-as:

— Manda-se lá um preto dizer que o senhor janta aqui, e irá depois. — Tanto incômodo!

— Incômodo nenhum, interveio tio Cosme.

Escobar aceitou, e jantou. Notei que os movimentos rápidos que tinha e dominava na aula, também os dominava agora, na sala como na mesa. A hora que passou comigo foi de franca amizade. Mostrei-lhe os poucos livros que possuía. Gostou muito do retrato de meu pai; depois de alguns instantes de contemplação, virou-se e disse-me:

— Vê-se que era um coração puro!

(138) <u>Os olhos de Escobar</u> , <b>claros</b> como já <b>DISSE</b> ,	<b>ERAM</b>	<b>dulcíssimos</b>
Portador	Atributo	Atributo
	Verbal.	
Apreciação (+)		Apreciação (+)
assim <u>os</u>	<b>DEFINIU</b>	<u>José Dias.</u>
Verbiagem	Verbal	Dizente
<b>Comentário:</b> “Olhos dulcíssimos”: o que queria dizer José Dias?		
<b>Metonímia:</b> Escobar é confiável.		

depois que ele saiu, e mantenho esta palavra, apesar dos quarenta anos que traz em cima de si. Nisto não houve exageração do agregado. A cara rapada mostrava uma pele alva e lisa. A testa é que era um pouco baixa, vindo a risca do cabelo quase em cima da sobrancelha esquerda; mas tinha sempre a altura necessária para não afrontar as outras feições, nem diminuir a graça delas.

Realmente, era interessante de rosto, a boca fina e chocarreira, o nariz curvo e delgado. Tinha o sestro de sacudir o ombro direito, de quando em quando, e veio a perdê-lo, desde que um de nós lho notou, um dia, no seminário; primeiro exemplo que vi de que um homem pode corrigir-se muito bem dos defeitos miúdos.

Nunca deixei de sentir tal ou qual desvanecimento em que os meus amigos agradessem a todos.

(139) [as pessoas] <u>Em casa</u> ,	<b>FICARAM QUERENDO bem</b>	<u>a Escobar.</u>
Experienciador	Mental	Fenômeno
Afeto (+)		
<b>Comentário:</b> Escobar tem o dom de, facilmente, encantar as pessoas: há algo nele		

de irresistível.

**Metonímia:** Escobar é querido.

a mesma prima Justina achou que era um moço muito apreciável, apesar... — Apesar de quê? perguntou-lhe José Dias, vendo que ela não acabava a frase. Não teve resposta, nem podia tê-la; prima Justina provavelmente não viu defeito claro ou importante no nosso hóspede; o apesar era uma espécie de ressalva para algum que lhe viesse a descobrir um dia; ou então foi obra de uso velho, que a levou a restringir, onde não achara restrição.

Escobar despediu-se logo depois de jantar; fui levá-lo à porta, onde esperamos a passagem de um ônibus. Disse-me que o armazém do correspondente era na Rua dos Pescadores, e ficava aberto até às nove horas: ele é que se não queria demorar fora. Separamo-nos com muito afeto: ele, de dentro do ônibus, ainda me disse adeus, com a mão. Conservei-me à porta, a ver se, ao longe, ainda olharia para trás, mas não olhou.

— Que amigo é esse tamanho? perguntou alguém de uma janela ao pé.

Não é preciso dizer que era Capitu. São coisas que se adivinham na vida, como nos livros, sejam romances, sejam histórias verdadeiras. Era Capitu, que nos espreitara desde algum tempo, por dentro da veneziana, e agora abria inteiramente a janela, e aparecera. Viu as nossas despedidas tão rasgadas e afetuosas, e quis saber quem era que me merecia tanto.

— É o Escobar, disse eu indo pôr-me embaixo da janela, a olhar para cima.

## Capítulo 78 – SEGREDO POR SEGREDO

De resto, naquele mesmo tempo senti tal ou qual necessidade de contar a alguém o que se passava entre mim e Capitu. Não referi tudo, mas só uma parte, e foi Escobar que a recebeu. Quando voltei ao seminário, na quarta-feira, achei-o inquieto; disse-me que era sua intenção ir ver-me, se eu me demorasse mais um dia em casa. Perguntava-me com interesse o que é que tivera, e se estava bom de todo.

— Estou.

Ouvia, espetando-me os olhos. Três dias depois disse que me estavam achando muito distraído; era bom disfarçar o mais que pudesse. Ele, à sua parte, tinha razões para andar distraído também, mas buscava ficar atento.

— Então parece-lhe?...

— Sim, você às vezes está que não ouve nada, olhando para ontem; disfarce, Santiago.

— Tenho motivos...

— Creio; ninguém se distrai à toa. — Escobar...

Hesitei; ele esperou.

— Que é?

— Escobar, você é meu amigo, eu sou seu amigo também; aqui ao seminário você é a pessoa que mais me tem entrado no coração, e lá fora, a não ser a gente da família, não tenho propriamente um amigo.

— Se eu disser a mesma coisa, retorquiu ele sorrindo, perde a graça; parece que estou repetindo. Mas a verdade é que não tenho aqui relações com ninguém, você é o primeiro e creio que já notaram; mas eu não me importo com isso.

Comovido, senti que a voz se me precipitava da garganta.

— Escobar, você é capaz de guardar um segredo?

— Você que pergunta é porque duvida, e nesse caso...

— Desculpe, é um modo de falar. Eu sei que é moço sério, e faço de conta que me confesso a um padre.

— Se precisa de absolvição, está absolvido.

— Escobar, eu não posso ser padre. Estou aqui, os meus acreditam, e esperam; mas eu não posso ser padre.

— Nem eu, Santiago.

— Nem você?

— Segredo por segredo; também eu tenho o propósito de não acabar o curso; meu desejo é o comércio, mas não diga nada, absolutamente nada; fica só entre nós. E não é que eu não seja religioso; sou religioso, mas o comércio é a minha paixão.

— Só isso?

— Que mais há de ser?

Dei duas voltas e sussurrei a primeira palavra da minha confiança, tão escassa e surda, que não a ouvi eu mesmo; sei porém que disse "uma pessoa..." com reticência. Uma pessoa?... Não foi preciso mais para que ele entendesse. Uma pessoa devia ser uma moça. Nem cuides que pasmou de me ver namorado; achou até natural e espetou-me outra vez os olhos. Então contei-lhe por alto o que podia, mas demoradamente para ter o gosto de repisar o assunto. Escobar escutava com interesse; no fim da nossa conversação, declarou-me que era segredo enterrado em cemitério. Deu-me de conselho que não me fizesse padre. Não podia levar para a igreja um coração que não era do Céu, mas da Terra; seria um mau padre, nem seria padre. Ao contrário, Deus protegia os sinceros; uma vez que eu só podia servi-lo no mundo, aí me cumpria ficar.

Não calculas o prazer que me deu a confiança que lhe fiz. Era como que uma felicidade mais.

<u>Aquele coração moço</u>	<u>que</u>	me	OUVIA e me DAVA razão,	TRAZIA
Ator	Experienciador	Mental	Mental	Material
a este mundo				
Circunstância	<u>um aspecto extraordinário.</u>			
	Meta			
	Apreciação (+)			
<p><b>Comentário:</b> É difícil dizer se Escobar era por natureza uma pessoa amistosa e compreensiva ou se assim se comportando, esperava conseguir alguma vantagem. O certo é que Bentinho sucumbia totalmente aos encantos do rapaz, transformando-lhe o mundo em um lugar “extraordinário”.</p> <p><b>Metonímia:</b> Escobar é irresistível.</p>				

Era um grande e belo mundo, a vida uma carreira excelente, e eu nem mais nem menos um mimoso do céu; eis a minha sensação. Nota que eu não lhe disse tudo, nem o melhor; não lhe referi o capítulo do penteado, por exemplo, nem outros assim; mas o contado era muito. Que voltamos ao assunto, não é preciso dizê-lo. Voltamos uma e muitas vezes;

(148)	<u>eu</u>	LOUVAVA	<u>as qualidades morais</u>	<u>de Capitu,</u>
	Experienciador	Mental	Fenômeno	Circunstância
	Julgamento (+)			
[qualidades morais]	<u>matéria adequada</u>	(SÃO)	<u>à admiração</u>	<u>de um seminarista,</u>
	Fenômeno	Mental (nominalizado)		Circunstância
	Afeto (+)			
	<u>a simplicidade, a modéstia, o amor do trabalho e os costumes religiosos.</u>			
	Fenômeno			
	Julgamento (+)			
Não <u>lhe</u>	TOCAVA	nas graças físicas,	nem ele	<u>me</u>
Dizente	Verbal	Verbiagem	Dizente	Recipiente
				PERGUNTAVA
				Verbal

<u>por elas;</u>	[eu]	apenas	INSINUEI	<u>a conveniência</u>	de	<u>a</u>
	Dizente		Verbal	Verbiagem		Fenômeno
Julgamento (+)						
CONHECER		de vista.				
Mental		Circunstância				
<p><b>Comentário:</b> Bentinho, totalmente apaixonado por Capitu, abre seu coração a Escobar, seu amigo. Este se faz discreto, enquanto Bentinho não se acautela em revelar ao amigo as qualidades físicas e morais da jovem além de sugerir que seria conveniente que Escobar a conhecesse pessoalmente.</p> <p><b>Metonímia:</b> Bentinho entusiasmado X Escobar discreto.</p>						

— Agora não é possível, disse-lhe na primeira semana, ao voltar de casa; Capitu vai passar uns dias com uma amiga da Rua dos Inválidos. Quando ela vier, você irá lá; mas pode ir antes, pode ir sempre; por que não foi ontem jantar comigo?

— Você não me convidou.

— Pois precisa convidar? Lá em casa todos ficaram gostando muito de você.

— Também eu fiquei gostando de todos, mas se é possível fazer distinção, confesso-lhe que sua mãe é uma senhora adorável.

— Não é verdade? retorqui cheio de alvoroço.

## Capítulo 95 - O PAPA

(173) <u>A amizade de Escobar</u>	FEZ-SE	<u>grande e fecunda;</u>
Portador	Relacional	Atributo
Afeto (+)		
<p><b>Comentário:</b> A cada passo, Bentinho vê crescer seu afeto por Escobar, diante da personalidade cativante do rapaz.</p> <p><b>Metonímia:</b> Bentinho é cativado por Escobar.</p>		

a de José Dias não lhe quis ficar atrás. Na primeira semana disse-me este em casa:

— Agora é certo que você vai sair já do seminário.

— Como?

— Espere até amanhã. Vou jogar com eles que me chamaram; amanhã, lá no quarto, no quintal, ou na rua, indo à missa, conto-lhe o que há. A idéia é tão santa que não está mal no santuário. Amanhã, Bentinho.

— Mas é coisa certa?

— Certíssima!

No dia seguinte revelou-me o mistério. Ao primeiro aspecto, confesso que fiquei deslumbrado. Trazia uma nota de grandeza e de espiritualidade que falava aos meus olhos de seminarista. Era não menos que isto. Minha mãe, ao parecer dele, estava arrependida do que fizera, e desejaria ver-me cá fora, mas entendia que o vínculo moral da promessa a prendia indissolavelmente. Cumpria rompê-lo, e para tanto valia a Escritura, com o poder de desligar dado aos apóstolos. Assim que, ele e eu iríamos a Roma pedir a absolvição do papa... Que me parecia?

— Parece-me bem, respondi depois de alguns segundos de reflexão. Pode ser um bom remédio.

— É o único, Bentinho, é o único! Vou já hoje conversar com D. Glória, exponho-lhe tudo, e podemos partir daqui a dois meses, ou antes...

— Melhor é falar domingo que vem; deixe-me pensar primeiro...

— Oh! Bentinho! interrompeu o agregado. Pensar em quê? Você o que quer... Digo? Não se amofina com o seu velho? Você o que quer é consultar a uma pessoa.

Rigorosamente, eram duas pessoas, Capitu e Escobar, mas eu neguei a pés juntos que quisesse consultar ninguém. E que pessoa, o reitor? Não era natural que lhe confiasse tal assunto. Não, nem reitor, nem professor, nem ninguém; era só o tempo de refletir, uma semana, no domingo daria a resposta, e desde já lhe dizia que a idéia não me parecia má.

— Não?

— Não.

— Pois resolvamos hoje mesmo. — Não se vai a Roma brincando.

— Quem tem boca vai a Roma, e boca no nosso caso é a moeda. Ora, você pode muito bem gastar consigo... Comigo, não; um par de calças, três camisas e o pão diário, não preciso mais. Serei como São Paulo, que vivia do ofício enquanto ia pregando a palavra divina. Pois eu vou, não pregá-la, mas buscá-la. Levaremos cartas do internúncio e do bispo, cartas para o nosso ministro, cartas de capuchinhos... Bem sei a objeção que se pode opor a esta idéia; dirão que é dado pedir a dispensa cá de longe; mas, além do mais que não digo, basta refletir que é muito mais solene e bonito ver entrar no Vaticano, e prostrar-se aos pés do papa o próprio objeto do favor, o levita prometido, que vai pedir para sua mãe terníssima e dulcíssima a dispensa de Deus. Considere o quadro, você beijando o pé ao príncipe dos apóstolos; Sua Santidade, com o sorriso evangélico, inclina-se, interroga, ouve, absolve e abençoa. Os anjos o contemplam, a Virgem recomenda ao santíssimo filho que todos os seus desejos, Bentinho, sejam satisfeitos, e que o que você amar na Terra seja igualmente amado no Céu...

Não digo mais, porque é preciso acabar o capítulo, e ele não acabou o discurso.

Falou a todos os meus sentimentos de católico e de namorado. Vi a alma aliviada de minha mãe, vi a alma feliz de Capitu, ambas em casa, e eu com elas, e ele conosco, tudo mediante uma pequena viagem a Roma, que eu só geograficamente sabia onde ficava; espiritualmente, também, mas a distância que estaria da vontade de Capitu é que não. Eis o ponto essencial. Se Capitu achasse longe, não iria; mas era preciso ouvi-la, e assim também a Escobar, que me daria um bom conselho.

## Capítulo 96 – UM SUBSTITUTO

Expus a Capitu a idéia de José Dias. Ouviu-me atentamente, e acabou triste. — Você indo, disse ela, esquece-me inteiramente.

— Nunca!

— Esquece. A Europa dizem que é tão bonita, e a Itália principalmente. Não é de lá que vêm as cantoras? Você esquece-me, Bentinho. E não haverá outro meio? D. Glória está morta para que você saia do seminário.

— Sim, mas julga-se presa pela promessa.

Capitu não achava outra idéia, nem acabava de adotar esta. De caminho, pediu-me que, se acaso fosse a Roma, jurasse que no fim de seis meses estaria de volta.

— Juro.

— Por Deus?

— Por Deus, por tudo. Juro que no fim de seis meses estarei de volta. — Mas se o papa não tiver ainda soltado a você?

— Mando dizer isso mesmo.

— E se você mentir?

Esta palavra doeu-me muito, e não achei logo que lhe replicasse. Capitu meteu o negócio à bulha, rindo e chamando-me disfarçado. Depois, declarou crer que eu cumpriria o juramento, mas ainda assim não consentiu logo; ia ver se não haveria outra coisa, e eu que visse também por meu lado.

(176) Quando <u>[eu]</u> Ator	VOLTEI Material	<u>ao seminário,</u> <u>[eu]</u> Meta Dizente	CONTEI <u>tudo</u> Verbal Verbiagem
<hr/>			
<u>ao meu amigo Escobar,</u> Beneficiário a	<u>[ele] que</u> Experienciador	<u>me</u> Fenômeno	OUVIU <u>com igual atenção</u> Mental Circunstância
Apreciação (+)			
<hr/>			
e <u>[ele]</u> Experienciador	ACABOU <u>com a mesma tristeza da outra.</u> Mental Fenômeno		
Apreciação (-)			
<hr/>			
Os olhos, <u>de costume fugidios,</u> quase <u>me</u> Comportante Circunstância Alcance	COMERAM <u>de contemplação.</u> Comportamental Circunstância		
Julgamento (-)		Apreciação (+)	
<hr/>			
<p><b>Comentário:</b> Nesse contexto, Bentinho vê Escobar entristecer-se, com a notícia tal qual acontecera à Capitu. Mas o que seria a menção de “olhos fugidios”? Mera observação ou portaria outra intenção de Machado?.</p> <p><b>Metonímia:</b> Os “olhos fugidios” de Escobar esconderiam uma segunda intenção?</p>			

De repente, vi-lhe no rosto um clarão, um reflexo de idéia. E ouvi-lhe dizer com volubilidade:

— Não, Bentinho, não é preciso isso. Há melhor, — não digo melhor, porque o Santo Padre vale sempre mais que tudo, — mas há coisa que produz o mesmo efeito.

— Que é?

— Sua mãe fez promessa a Deus de lhe dar um sacerdote, não é? Pois bem, dê- lhe um sacerdote, que não seja você. Ela pode muito bem tomar a si algum mocinho órfão, fazê-lo ordenar à sua custa, está dado um padre ao altar, sem que você...

— Entendo, entendo, é isso mesmo.

— Não acha? continuou ele. Consulte sobre isto o protonotário; ele lhe dirá se não é a mesma coisa, ou eu mesmo consulto, se quer; e se ele hesitar, fala-se ao Sr. bispo.

Eu, refletindo:

— Sim, parece que é isso; realmente, a promessa cumpre-se, não se perdendo o padre.

Escobar observou que, pelo lado econômico, a questão era fácil; minha mãe gastaria o mesmo que comigo, e um órfão não precisaria grandes comodidades. Citou a soma dos aluguéis das casas, 1.070\$000, além dos escravos...

— Não há outra coisa, disse eu.

— E saímos juntos.

— Você também?

— Também eu. Vou melhorar o meu latim e saio; nem dou teologia. O próprio latim não é preciso; para que no comércio?

— In hoc signo vinces, disse eu rindo.

Sentia-me pilhérico. Oh! como a esperança alegre tudo. Escobar sorriu, parecendo gostar da resposta. Depois ficamos a cuidar de nós mesmos, cada um com os seus olhos perdidos, provavelmente. Os dele estavam assim,

quando tornei de longe, e agradei de novo o plano lembrado; não podia havê-lo melhor. Escobar ouviu-me contentíssimo.

— Ainda uma vez, disse ele gravemente, a religião e a liberdade fazem boa companhia.

## Capítulo 98 – CINCO ANOS

Venceu a razão; fui-me aos estudos.

Passei os dezoito anos, os dezenove, os vinte, os vinte e um; aos vinte e dois era bacharel em Direito.

Tudo mudara em volta de mim. Minha mãe resolvera-se a envelhecer; ainda assim os cabelos brancos vinham de má vontade, aos poucos e espalhadamente; a touca, os vestidos, os sapatos rasos e surdos eram os mesmos de outrora. Já não andaria tanto de um lado para outro. Tio Cosme padecia do coração e ia descansar. A prima Justina apenas estava mais idosa. José Dias também, não tanto que me não fizesse a fineza de ir assistir à minha graduação, e descer comigo a serra, lépido e viçoso, como se o bacharel fosse ele. A mãe de Capitu falecera, o pai aposentara-se no mesmo cargo em que quis dar demissão da vida.

Escobar começava a negociar em café depois de haver trabalhado quatro anos em uma das primeiras casas do Rio de Janeiro. Era opinião de prima Justina que ele afagara a idéia de convidar minha mãe a segundas núpcias; mas, se tal idéia houve, cumpre não esquecer a grande diferença de idade. Talvez ele não pensasse em mais que associá-la aos seus primeiros tentâmens comerciais, e de fato, a pedido meu, minha mãe adiantou-lhe alguns dinheiros, que ele lhe restituiu, logo que pôde, não sem este remoque: "D. Glória é medrosa e não tem ambição."

(179) <u>A separação</u> Comportante	não	<u>nos</u> Alcance	ESFRIOU. Comportamental	<u>Ele</u> Portador	FOI Relacional
<u>o terceiro</u> Atributo	<u>na troca das cartas</u> Circunstância	<u>entre mim e Capitu.</u> Circunstância	<u>Desde que</u> Circunstância		
[ele] Experienciador	<u>a</u> Alcance	VIU Mental	[ele] Ator	ANIMOU - Material	<u>me</u> Meta Graduação ↑ <i>oken</i>
<u>no nosso amor.</u> Circunstância	<u>As relações que</u> Meta	(ele) Ator	TRAVOU Material	<u>com o pai de Sancha</u> Recipiente	
ESTREITARAM Material	as Meta	que (ele) Portador	já TINHA Relacional	com Capitu, Alcance	
e [as relações] Ator	FÊ- Material	<u>lo</u> Meta	SERVIR Material	<u>a ambos nós,</u> Meta	<u>como amigo.</u> Atributo Afeto (-) <i>token</i>
<p><b>Comentário:</b> O trecho mostra a personalidade de Escobar, rapaz de amizade fácil, naturalmente afetuoso, que aos poucos ganha a simpatia e a confiança</p>					

de quem se aproxima, incluindo Capitu. Nesse contexto, Bentinho não tem como não ser atingido pelo rapaz de “olhos fugitivos”.

**Metonímia:** Escobar aproxima-se de Capitu.

A princípio, custou-lhe a ela aceitá-lo, preferia José Dias, mas José Dias repugnava-me por um resto de respeito de criança. Venceu Escobar; posto que vexada, Capitu entregou-lhe a primeira carta, que foi mãe e avó das outras. Nem depois de casado suspendeu ele o obséquio... Que ele casou, — adivinha com quem, — casou com a boa Sancha, a amiga de Capitu, quase irmã dela, tanto que alguma vez, escrevendo-me, chamava a esta a “sua cunhadinha”. Assim se formam as afeições e os parentescos, as aventuras e os livros.

## Capítulo 104 – AS PIRÂMIDES

José Dias dividia-se agora entre mim e minha mãe, alternando os jantares da Glória com os almoços de Mata-cavalos. Tudo corria bem. Ao fim de dois anos de casado, salvo o desgosto grande de não ter um filho, tudo corria bem. Perdera meu sogro, é verdade, e o tio Cosme estava por pouco, mas a saúde de minha mãe era boa; a nossa excelente.

Eu era advogado de algumas casas ricas, e os processos vinham chegando. Escobar contribuiria muito para as minhas estréias no foro. Interveio com um advogado célebre para que me admitisse à sua banca, e arranjou-me algumas procurações, tudo espontaneamente.

Demais, as nossas relações de família estavam previamente feitas; Sancha e Capitu continuavam depois de casadas a amizade da escola, Escobar e eu a do seminário. Eles moravam em Andaraí, aonde queriam que fôssemos muitas vezes, e, não podendo ser tantas como desejávamos, íamos lá jantar alguns domingos, ou eles vinham fazê-lo conosco. Jantar é pouco. Íamos sempre muito cedo, logo depois do almoço, para gozarmos o dia compridamente, e só nos separávamos às nove, dez e onze horas, quando não podia ser mais. Agora que penso naqueles dias de Andaraí e da Glória, sinto que a vida e o resto não sejam tão rijos como as Pirâmides.

Escobar e a mulher viviam felizes; tinham uma filhinha.

Em tempo	[eu]	OUVI	FALAR de	<u>uma aventura do marido, teatro,</u>
Circunstância	Experienciador	Mental	Verbal	Verbigem

<u>negócio de não sei que atriz ou bailarina,</u>	mas se	FOI	<u>certo,</u>
		Relacional	Atributo

não	DEU	<b>escândalo.</b>
Existencial	Existente	Julgamento (-)

**Comentário:** Bentinho, como que solidário ao amigo, tende a diminuir possível comportamento reprovável de Escobar, ao que indica dado a

aventuras extraconjugais.

**Metonímia:** Bentinho é incapaz de ver a realidade.

Sancha era modesta, o marido trabalhador. Como eu um dia dissesse a Escobar que lastimava não ter um filho, replicou-me:

— Homem, deixa lá. Deus os dará quando quiser, e se não der nenhum é que os quer para si, e melhor será que fiquem no Céu.

— Uma criança, um filho é o complemento natural da vida.

— Virá, se for necessário.

Não vinha. Capitu pedia-o em suas orações, eu mais de uma vez dava por mim a

rezar e a pedi-lo. Já não era como em criança; agora pagava antecipadamente, como os aluguéis da casa.

## Capítulo 106 – DEZ LIBRAS ESTERLINAS

Já disse que era poupada, ou fica dito agora, e não só de dinheiro mas também de coisas usadas, dessas que se guardam por tradição, por lembrança ou por saudade. Uns sapatos, por exemplo, uns sapatinhos rasos de fitas pretas que se cruzavam no peito do pé e princípio da perna, os últimos que usou antes de calçar botinas, trouxe-os para casa, e tirava-os de longe em longe da gaveta da cômoda, com outras velharias, dizendo-me que eram pedaços de criança. Minha mãe, que tinha o mesmo gênio, gostava de ouvir falar e fazer assim.

Quanto às puras economias de dinheiro, direi um caso, e basta. Foi justamente por ocasião de uma lição de astronomia, à Praia da Glória. Sabes que alguma vez a fiz cochilar um pouco. Uma noite perdeu-se em fitar o mar, com tal força e concentração, que me deu ciúmes.

— Você não me ouve, Capitu.

— Eu? Ouço perfeitamente.

— O que é que eu dizia?

— Você...você falava de Sírius.

— Qual Sírius, Capitu. Há vinte minutos que eu falei de Sírius. — Falava de... falava de Marte, emendou ela apressada.

Realmente, era de Marte, mas é claro que só apanhara o som da palavra, não o sentido. Fiquei sério, e o ímpeto que me deu foi deixar a sala; Capitu, ao percebê-lo, fez-se a mais mimosa das criaturas, pegou-me na mão, confessou-me que estivera contando, isto é, somando uns dinheiros para descobrir certa parcela que não achava. Tratava-se de uma conversão de papel em ouro. A princípio supus que era um recurso para desfadard-me, mas daí a pouco estava eu mesmo calculando também, já então com papel e lápis, sobre o joelho, e dava a diferença que ela buscava.

— Mas que libras são essas? perguntei-lhe no fim.

Capitu fitou-me rindo, e replicou que a culpa de romper o segredo era minha. Ergueu-se, foi ao quarto e voltou com dez libras esterlinas, na mão; eram as sobras do dinheiro que eu lhe dava mensalmente para as despesas.

— Tudo isto?

— Não é muito, dez libras só; é o que a avarenta de sua mulher pôde arranjar, em alguns meses, concluiu fazendo tinir o ouro na mão.

— Quem foi o corretor?

— O seu amigo Escobar.

— Como é que ele não me disse nada?

— Foi hoje mesmo.

- <u>Ele</u> Existente	ESTEVE Existencial	<u>cá?</u> - Circunstância	<u>Pouco antes de você chegar;</u> Circunstância	<u>eu não</u> Dizente
---------------------------	-----------------------	-------------------------------	---	--------------------------

DISSE Verbal	para que Receptor	<u>você</u> Experienciador	não <b>DESCONFIASSE.</b> Mental
-----------------	----------------------	-------------------------------	------------------------------------

Julgamento (-) (pode ser mentira)

**Comentário:** Capitu tem, como sempre, uma resposta pronta diante do estranhamento do marido sobre a visita de Escobar durante sua ausência. E fala em “desconfiasse”, ao que parece, tentando transferir antecipadamente a desconfiança, que porventura Bentinho pudesse ter sobre a visita de Escobar, para a questão financeira.

**Metonímia:** Escobar tem duas metas: visitar Capitu e tratar da conversão.

Tive vontade de gastar o dobro do ouro em algum presente comemorativo, mas Capitu deteve-me. Ao contrário, consultou-me sobre o que havíamos de fazer daquelas libras.

— São suas, respondi.

— São nossas, emendou.

— Pois você guarde-as.

No dia seguinte, fui ter com Escobar ao armazém, e ri-me do segredo de ambos. Escobar sorriu e disse-me que estava para ir ao meu escritório contar-me tudo. A cunhadinha (continuava a dar este nome a Capitu) tinha-lhe falado naquilo por ocasião da nossa última visita a Andaraí, e disse-lhe a razão do segredo.

— Quando contei isto a Sanchinha, concluiu ele, ficou espantada: "Como é que Capitu pode economizar, agora que tudo está tão caro?" — "Não sei, filha; sei que arranjou dez libras."

— Vê se ela aprende também.

— Não creio; Sanchinha não é gastadeira, mas também não é poupada; o que lhe dou chega, mas só chega.

Eu, depois de alguns instantes de reflexão:

— Capitu é um anjo!

Escobar concordou de cabeça, mas sem entusiasmo, como quem sentia não poder dizer o mesmo da mulher. Assim pensarias tu também, tão certo é que as virtudes das pessoas próximas nos dão tal ou qual vaidade, orgulho ou consolação.

#### 4.3.1 *Análise da metáfora da relação Bentinho-Escobar*

O Quadro 11 resume as metonímias decorrentes da análise da relação entre Bentinho e Escobar.

#### **Quadro 11 – Bentinho-Escobar e as metonímias**

1. Escobar é escorregadio. Não se deixa prender.
2. Escobar é amigo
3. Escobar é perspicaz.
4. Escobar é confiável.

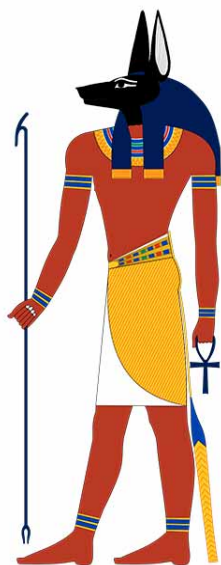
5. Escobar é querido.
6. Escobar é irresistível.
7. Bentinho entusiasmado X Escobar discreto.
8. Bentinho é cativado por Escobar.
9. Os “olhos fugidios” de Escobar esconderiam uma segunda intenção?
10. Escobar aproxima-se de Capitu.
11. Bentinho é incapaz de ver a realidade.
12. Escobar tem duas metas: visitar Capitu e tratar da conversão.

O Quadro 11 mostra a personalidade de Escobar, extremamente rica, oscilando entre o de um ser querido e confiável, mas pontilhado por mudanças que o mostram escorregadio, alguém que, acima de tudo, está sempre vigilante. Parece ser, assim, uma personalidade que mostra uma faceta e esconde outra, o que podem revelar seus “olhos fugidios”.

Diante desse ser instável e perspicaz e, por isso mesmo, irresistível, o inocente Bentinho é totalmente cativado por Escobar, um amigo em quem confia cegamente, tanto é que acaba por lhe abrir as portas de seu lar. E Escobar aproxima-se de Capitu, não sem mil artimanhas para conseguir essa situação.

A análise da metonímia – um tanto levada pela metáfora da raposa – lembra a história infantil, a do lobo mau contra o cordeirinho inocente e vulnerável. E o que representam, nessas histórias, o lobo e o cordeiro?

## Lobo



O lobo, através de sua natureza instintiva, inteligência e contraparte espiritual, nos convida a *equilibrar o silêncio interno com a observação externa; a razão com as emoções e o individual com o social*. Ele aponta para a trilha do desenvolvimento e realização, a qual, cabe a cada um a decisão de segui-la ou não. É aí que entra o nosso livre arbítrio e responsabilidade individual

Desde a infância, o **lobo** faz parte do imaginário humano. Diversas fábulas, contos e parábolas têm esse animal como antagonista principal. Existem várias histórias infantis que exploram o lado negativo do lobo, como *Chapeuzinho Vermelho* e *Os Três Porquinhos*. Nessas histórias, o lobo aparece como um ser ardiloso e feroz, representando os instintos ocultos do ser humano que precisam ser encarados, para seu melhor desenvolvimento. Nas diversas culturas e religiões, o lobo aparece como ligação entre o mundo físico e o espiritual e intermediário entre o visível e o invisível.

Muitos mitos da antiguidade eram representados pelo lobo. Por isso, este Conteúdo traz informações para melhor compreender as simbologias e respectivos significados associados a este enigmático animal. É uma criatura sociável e amigável. É expressivo e um exímio comunicador. É inteligente, adaptável e sagaz. Além de tudo, é um bom observador e estrategista. No Xamanismo, o lobo é associado à proteção e à capacidade de nutrir e transmitir força. Por isso, é visto como Guardião

e Protetor. O lobo, como guia espiritual, traz a mensagem de enfrentar o próprio medo com valor e decisão, e ir mais longe, sem temor.

Pessoas que têm o lobo como animal de poder ou guia espiritual valorizam as tradições, têm forte empatia, são bem ligadas à família e têm habilidades para organização, adaptação e mudança. Esse totem atua como Mestre da Alma, ativando a intuição, a sabedoria, a confiança, a generosidade, a ação, a criatividade e o desprendimento.

Diante dessas considerações, as metonímias dão lugar à metáfora:

ESCOBAR É LOBO

## Cordeiro



O cordeiro tem como referência a ideia do primogênito, surgindo com sua brancura imaculada, apresentando-se, como função arquetípica, como a vítima que deve se sacrificar para alcançar a própria salvação. Além disso, vem como o símbolo do masculino, da força criadora e destruidora do homem e do mundo, em uma representação positiva e negativa.

A partir da metáfora cristã (Jesus Cristo é o Cordeiro), há uma associação, também, desse símbolo às figuras puras e inocentes, tendo o leão, com toda sua força e domínio, como o oposto a ele. Por sua associação com a pureza, a inocência, a docilidade e à vítima sacrificial, pode ser usado para representar virtudes como a temperança, a prudência e a caridade. Simboliza, também, a humildade, contornando os problemas que lhe são apresentados.

Na antiguidade, a imagem do cordeiro está associada, também, ao simbólico sacrificial que foi absorvido pelas crenças cristãs, tendo, como dito anteriormente, um

valor metafórico em que Cristo é o Cordeiro de Deus, revelando a imagem da brancura imaculada, gloriosa, encarnando a renovação e a vitória sobre a morte.

Até os dias atuais, o cordeiro novo, entre os judeus, os cristãos e os muçulmanos, tem sido a vítima sacrificial para todas as ocasiões, principalmente as que se referem à Renovação, tendo, como caráter religioso, ainda, no Apocalipse, o cordeiro aparecendo sob o monte Sião, no centro da Jerusalém celeste, com a imagem de um cordeiro vencedor da morte, vencedor das forças do mal, todo poderoso, divino e justo.

A análise das metonímias referentes à relação Bentinho-Escobar revela a metáfora que define Bentinho:

BENTINHO É CORDEIRO

#### 4.4 DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

A análise da metáfora revelou para o trio de personagens – Capitu, Bentinho e Escobar – uma história que lembra outras: de um lado a raposa esperta e o lobo mau e de outro o cordeirinho ingênuo. E por que a história de *Dom Casmurro* teria caracterizado os três personagens da forma como os estamos interpretando? Que intenção de Machado de Assis acreditamos estar na subjacência de *Dom Casmurro*, ou seja, sob as peles do lobo, da raposa e do cordeiro?

Começemos pelo cordeiro. Quem é Bentinho? Bentinho é o único filho, extremamente protegido pela mãe, igualmente ingênua, e assim tanto um como a outra não têm condições de enxergar a realidade. E nesse contexto, surge Capitu, por quem Bentinho se apaixona. Cego de amor, o rapaz é totalmente dominado pela jovem, bem como pelos que o rodeiam, e que acabam dirigindo sua vida.

Quando surge Escobar em sua vida, esse sentimento se volta para o amigo, em quem confia as suas mais íntimas questões, incluindo aí a pessoa de Capitu. A amizade que surge, envolvendo o irresistível e escorregadio Escobar, aprisiona Bentinho numa rede de emoções que o incapacitam de perceber o perigo que se aproxima.

As metáforas do lobo, da raposa e do cordeiro nascem do relato descritivo que Machado faz dos três personagens, extremamente detalhista, caracterizando cada um

desses animais com a tipicidade comportamental que acaba superficializando a verdade que se esconde nas profundezas do ser.

E por que teria o autor recorrido a esse estratagema? Por que tantas minúcias para nada deixar escapar? É possível que assim tenha agido para não deixar dúvidas a respeito do que realmente aconteceu<sup>11</sup>. Poder-se-ia dizer que da reunião de três personagens, cada um carregando o seu perfil característico, só poderia resultar no que alguns ainda não acreditam. Se assim não fosse, Machado não teria escrito *Dom Casmurro*, da forma como o fez.

E voltando à LSF, as escolhas lexicais feitas pelo autor, tão importantes para essa teoria, não deixam dúvidas, elas apontam diretamente para a intensão subjacente do escritor. Assim, nem é preciso a declaração aberta do sucedido, caso em que, além de desnecessária, obscureceria a elegância do relato, típica de Machado de Assis. E os leitores teriam outro folhetim efêmero.

---

<sup>11</sup> Esse entusiasmo cego de Bentinho por Escobar “o mais íntimo amigo de Bentinho”, fez Millôr Fernandes supor que havia mais que amizade na relação dos dois rapazes, na medida em que Bentinho “chega a chamar Escobar de comborço (parceiro de cama)”. Além disso, afirma que não havia dúvida de que “Capitu *deu* para pra Escobar” (VEJA, 2005, p. 35).

## Considerações Finais

Chego ao final da análise de *Dom Casmurro* com o sentimento de que o romance pode oferecer muito mais como decorrência da riqueza que advém dos ricos artifícios com os quais Machado de Assis tece a malha do romance. São situações que, uma seguida de outra, vão mostrando a complexidade da alma humana, que se faz presente no texto na tentativa de desvendar uma realidade oculta.

Na verdade, graças às teorias que temos hoje ao nosso alcance, creio que pude realizar um trabalho que, espero, possa ampliar os horizontes das pesquisas linguísticas atrelando língua e literatura. Há muito mais a fazer, já que, em última análise, esse tipo de pesquisa poderia aumentar o interesse pela leitura criteriosa dos textos. A meta da pesquisa é a de proporcionar aulas de literatura atreladas às conquistas linguísticas para, ao ler o texto, enxergar no discurso as verdades que ali se encontram.

Há muitos fatores a pesquisar para a produção de leitores capazes de perceber fenômenos inseridos na subjacência tais como a persuasão implícita, a mistura do real com o irreal, a mera opinião como verdade, os *fake news* e assim por diante. É a chamada leitura crítica, como a que tentamos fazer neste trabalho.

E assim, fica justificada a colocação em epígrafe das palavras de Arthur Schopenhauer “A coisa em si refere-se àquilo que existe independentemente de nossa percepção sensorial. Em outras palavras, é aquilo que realmente e verdadeiramente é. Demócrito deu a isso o nome de matéria; afinal, assim o fez também Locke; para Kant era um *x*; e para mim é *a vontade*”.

Este é o início de uma longa jornada.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, L. Z. *Estudos de literatura e linguística*, São Paulo: UNESP, 1998.

ARNAUD, L. B. B. A escrita caleidoscópica: Uma discussão sobre as estratégias críticas na ficção machadiana. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Rio de Janeiro, 2006.

ASSIS, J. M. M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AUERBACH, E. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAL, M. *Narratology: introduction to the Theory of Narrative*. Toronto: University of Toronto Press, 1985.

BARCELONA, A. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Nova York: Mouton de Gruyter, 2000.

BARTHES, R. *Essais critique*. Paris: Editions du Seuil, 1964.

BERNARDO, G. *O problema do realismo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOSI, A. *Machado de Assis – o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis*. São Paulo: Academia Brasileira de Letras, 2019.

BRAIT, B. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BUTLER, C. S. Systemic Functional Linguistics, Cognitive Linguistics and psycholinguistics - Opportunities for dialogue. *Functions of Language*, 20.2, 2013, p. 185-218.

CALDWELL, H. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. São Paulo: Ateliê, 2002.

CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Edusp, 1975.

\_\_\_\_\_. *A personagem de ficção*. São Paulo: 1993.

\_\_\_\_\_. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAROTENUTO, A. *Amar Trair: quase uma apologia da traição*. São Paulo: Paulus, 2011.

CARVALHO, C. *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. Rio de Janeiro: Lexikon: 2010.

CARVALHO, J. M. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CEI, V. O ressentimento em *Dom Casmurro*. *Machado de Assis Linha*, 8.15, 2015, p. 120-133.

CHARTERIS-BLACK, Jonathan. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. London: Palgrave Macmillan, 2004.

COFFIN, C. J.; O'HALLORAN, K. The role of Appraisal and corpora in detecting covert evaluation. *Functions of Language*, 13.1, 2006, p. 77-110.

COHN, D. *Transparent Minds: narrative modes for presenting consciousness in fiction*. Princeton: Princeton University Pres, 1978.

CROFT, W. The Role of Domains in the Interpretations of Metaphor and Metonymies. *Cognitive Linguistics, Birmingham*, 4.4, p. 335-370, 1993.

DAVIDSE, K. *Categories of experiential grammar*. Nottingham: Nottingham Trent University, 1991.

\_\_\_\_\_. The grammar of caused 'having' and 'being': complementary models. *International Systemic Functional Congress*. Sydney: University of Sydney: 1997.

\_\_\_\_\_. Obituary Brygida Rudzka. *Pragmatics*, v.4, 1998, p. 1939-1998.

DIAS, R. M. "O autor de si mesmo": Machado de Assis leitor de Schopenhauer. *Kreiterion*, no. 112, 2005, p. 382-392.

DIRVEN, R. Metonymy and Metaphor: Different Mental Strategies of Conceptualization. *Leuvense Bijdragen*, v. 82, p. 1-28, 1993.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. Londres: Bloombury Academy, 1994.

EVANS, V.; BERGEN, B; ZINKEN, J. The cognitive linguistic enterprise: an overview. *Discourse Metaphor*, v.1, 2007, p. 2-37.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Oxford: Blackwell, 1992.

FEHÉR, F. *O romance está morrendo?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

FENG, William Dezheng. Metonymy and visual representation towards a social semiotic framework of visual metonymy. *Visual Communication*, 16.4, 2017, p. 441-466.

FISCHER, L. A. Introdução: uma história inesgotável. In: ASSIS, M. *Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FORCEVILLE, C. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: KRISTIANSEN, G.; ACHARD, M.; DIRVEN, R.; Mendonza-IBÁÑEZ, F. R. (org.) *Cognitive Linguistics: Current applications and future perspectives*. Nova York: Mouton Gruyter, 2006.

FOWLER, R. *Language in the news*. Nova York: Routledge, 1991.

FREITAS, L. A. P. *Freud e Machado de Assis: uma interseção entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2013.

GEERAERTS, D. Cultural models of linguistic standardization. In: DIRVEN, R.; FRANK, R.; PÜTZ, M. (org.) *Cognitive models in language and thought, ideology, metaphors and meaning*. Nova York: Mouton de Gruyter, 2003.

GENETTE, G. *Narrative Discourse*. Nova York: Cornell University Press, 1980.

GLEDSON, J. *Machado de Assis: impostura e realismo*. Uma reinterpretação de Dom Casmurro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GOATLY, A. *The language of metaphors*. Nova Iorque: Routledge, 1997.

GOMES, D. M. Tutores de resiliência na família. In: OSÓRIO, L. C.; VALLE, M. E. P. (org.) *Manual de terapia familiar*: volume II. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GRANT, D. *Realism*. Londres: Verso, 1970.

GOBBO, G. A. Vidas Secas: um enfoque sistêmico-funcional sob a perspectiva da Avaliatividade. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as a social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. Londres: Edward Arnold, 1978.

\_\_\_\_\_. *An introduction to Functional Grammar*. Londres: Arnold, 1994.

\_\_\_\_\_. MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to Functional Grammar*. Londres: Arnold, 2004.

HAUSER, A. *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1988.

HEYVAERT, L. Nominalization as Grammatical Metaphor: on the need for a radically systemic and metafunctional approach. In: SIMON-VANDENBERGEN, T.; RAVELLI, L. *Grammatical metaphor*. Filadélfia: John Benjamins, 2003a.

\_\_\_\_\_. *A cognitive-functional approach of nominalization in English*. Nova York: Mouton de Gruyter, 2003b.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (org.) *Evaluation in text. Authorial stance and the construction of discourse*. Nova York: Oxford University Press, 2000.

JOHNSON, M. *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse. A case study. *Journal of Pragmatics*, no. 28, 1997, p. 557-590.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge, 2006.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In HELM, J. (org.) *Essays on the Verbal and Visual Arts* (Proceedings of the 1966 Spring Meeting of the American Ethnological Society). Seattle: University of Washington Press, 1967.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_. The Contemporary Theory of Metaphor. In ORTONY, A. (org.) *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. The internal structure of the self. In: NEISSER, U.; JOPLING, D. A. (org.) *The conceptual self in context: cultures, experiences, self-understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. *Moral Politics. How Liberals and Conservatives Think*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. Nova York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. California: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. *Concept, image, and symbol: the cognitive basis of grammar*. Nova York: Mouton de Gruyter, 1991.

LEE, J. The styles of loving. *Psychology Today*, 8.5, 1974, p. 43-50.

LEMKE, J. L. Semantics and social values. In: BENSON, J. D.; GREAVES, W. S.; FRIES, P. H.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (org.) *Systems, Structures and Discourse: Selected Papers from the Fifteenth International Systemic Congress*, 1989, p. 37-50.

\_\_\_\_\_. Interpersonal meaning in discourse: Value orientations. In: DAVIES, M.; RAVELLI, L. (org.) *Advances in Systemic Linguistics: Recent Theory and Practice*. Londres: Pinter, 1992.

\_\_\_\_\_. Resources for attitudinal meaning: Evaluative orientations in text semantics. *Functions of Language*, 5.1, 1998, p. 33-56.

LI, J. Transitivity and lexical cohesion: press representations of a political disaster and its actors. *Journal of Pragmatics*, 42.12, 2010, p. 34-58.

LINS, O. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

LUKÁCS, G. *Ensaio sobre estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MACKEN-HORARIK, M. Appraisal and the special instructiveness of narrative. *Text* 23.2, 2003, p. 285-312.

MARTIN, J. R. *The English Text – System and Structure*. Amsterdã: John Benjamins Press, 2000.

\_\_\_\_\_. Introduction. *Text*, 23.2, 2003, p. 171-181.

\_\_\_\_\_.; WHITE, P. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Londres: Macmillan, 2005.

MATTHIESSEN, C. M. L. M. The multimodal page: a systemic functional exploration. In: ROYCE, T. D.; BOWCHER, W. L. *New Direction in the analysis of multimodal discourse*. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

MATURNA, H. R. Tudo é dito por um observador. In: MACRO, C.; GRACIANO, M.; VAZ, N. (org.) *Humberto Maturna. A Ontologia da realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

MINSKY, M. A Theory of Systemic Fragility. In: ALTMAN, E. I.; SAMETZ, A. W. (org.) *Financial Crises: Institutions and Markets in a Fragile Environment*. Nova York: John Wiley and Sons, 1977.

MITCHELL, W. J. Y. Representation. In: LENTRICCHIA, F.; MCLAUGHLIN, T. (org.) *Critical terms for Literary study*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

MOISÉS, M. *Machado de Assis: ficção e utopia*. São Paulo: Cultrix, 2001.

\_\_\_\_\_. *A criação literária: prosa I*. São Paulo: Cultrix, 2006.

MONTINEGRO, M. S. S. Missa do Galo, de Machado de Assis, e a avaliatividade implícita um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

NASCIMENTO, R. A. Realismo e Naturalismo no Brasil à luz de “Narrar ou descrever?” de Georgy Lukás. *Lingua, Literatura e Ensino*, v. 2, 2007, p. 1-8.

O’GRADY, K. E. The development and validation of a measure of romantic love. *Dissertation Abstracts International*, 41.9, 1981, p. 211-214.

PAINTER, C.; MARTIN, J. R.; UNSWORTH, L. *Reading visual narratives: image analysis of children’s picture books*. Londres: Equinox, 2013.

PANTHER, K. U.; RADDEN, G. *Metonymy*. Londres: John Benjamins, 1999.

PANTHER, K. U.; THORNBURG, L. (org.) *Metonymy and Pragmatic inferencing*. Filadelfia: John Benjamins, 2004.

PELLEGRINI, T. Realismo: postura e método. *Letras de Hoje*, 42.4, 2007, p. 135-155.

PETHERSON, F. Love is freedom. *Journal Humanistic Psychology*, 21.3, 1982, p. 35-51.

PUJOL, A. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1917.

RADDEN, G. *Metaphor and Metonymy in comparison and contrast*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2000.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Towards a Theory of Metonymy. *Metonymy in Language and thought*, 4.3, 1999, p. 17-59.

REGINATO, G. Empatia e ética: avaliabilidade no conto Negrinha. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

RIBEIRO, L. P. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2006

ROMERO, S. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

ROSEMMAN, M. F. Liking, loving and styles of loving. *Psychological Reports*, 42.3, 1978, p. 1243-1246.

ROUANET, S. P. Dom Casmurro alegorista. *Revista USP*, no. 77, 2008, p. 126-134.

RADDEN, G. *Metaphor and Metonymy in comparison and contrast*. Berlim: De Gruyter Mouton, 2000.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Towards a Theory of Metonymy. *Metonymy in Language and thought*, 4.3, 1999, p. 17-59.

RUIZ DE MENDOZA IBÁÑEZ, F. J. The role of mappings and domains in understanding metonymy. In: BARCELONA, A. (org.) *Metaphor and metonymy at the at the crossroads*. Alemanha: Mouton de Gruyter, 2000.

SANT'ANNA, A. R. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Nota sobre o estabelecimento do texto. In: ASSIS, M. *Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTOS, V. A. M. O processo de simbioses entre Dom Quixote e Sancho Pança sob ótica crítica da Linguística Sistemico-Funcional. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SCHOPENHAUER, A. *Metafísica do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *O mundo como vontade e representação*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Schwarcz, 2006.

SOARES, C. Apresentação. In: ASSIS, M. *Dom Casmurro: edição comemorativa de 120 anos*. Rio de Janeiro: Obliq, 2020.

STEPHENS, I. *Language and Ideology in Children's Fiction*. Londres: Longman, 1992.

SUELEN, J. Machado de Assis e Schopenhauer: as faces da humanidade me *Quincas Borba*. *Humanidades em diálogo*, no. 8, 2017, p. 109-117.

TAVERNIERS, M. Metaphor. In: VERSCHUEREN, J.; ÖSTMAN, JO.; BLOMMER, J.; BULCAEN, C. (ORG.) *Handbook of Pragmatics*. Amsterdã: Benjamins, 2002.

\_\_\_\_\_. Grammatical metaphors in English. *Moderna Språk*, 98.1, 2004, p. 17-26,

\_\_\_\_\_. Subjecthood and the notion of instantiation. *Language Sciences*, v. 27, 2005, p. 651-678,

\_\_\_\_\_. Grammatical metaphor and lexical metaphor: different perspective on semantic variation. *Neophilologus*, 90.2, 2006, p. 321-332.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization. Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Clarendon, 1995.

TEIXEIRA, I. *Apresentação de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

THIBAUT, P. I. (1989). Semantic variation, social heteroglossia, intertextuality: Thematic and axiological meaning in spoken discourse. *Critical Studies*, 1.2, 1989, 181-209.

\_\_\_\_\_. *Social Semiotics as Praxis: Text, Social Meaning Making and Nabokov's 'Ada'*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.

TODOROV, T. (org.) *Literatura e realidade – Que é o realismo*. Lisboa: Publicações Don Quixote, 1984.

TOOLAN, M. J. *Narrative: a critical Linguistic Introduction*. Londres: Routledge, 1988.

TRIGO, L. *O viajante imóvel: Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

VAN DIJK, T. A. *News as discourse*. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.

VELASCO-SACRISTÁN, M. Metonymic grounding of ideological metaphors: evidence from advertising gender metaphors. *Journal of Pragmatics*, v. 42, 2010, p. 64-96.

VENTOLA, E. *The Structure of Social Interaction: a systemic approach to the semiotics of service encounters*. Londres: Frances Pinter, 1987.

WILLIAMS, R. *Key words – A vocabulary of culture and society*. Nova York: Oxford University Press, 1983.

WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. *Text*, 23.2, 2003, p. 259-284.